Possibilidades para a Fé Cristã

Ricardo Gondim



Fonte editorial

RICARDO GONDIM

Possibilidades para a

FÉ CRISTÃ

Digitalizado por: jolosa

© Fonte Editorial

Formato 14x21 cm -230 páginas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gondim, Ricardo
Possibilidades para a fé cristã. Ricardo Gondim. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ISBN 97-85-63607-55-3

1. Cristianismo 2. Sociedade 3. Teologia
I. Título

CDD 230

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico e mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa da editora.
(Lei nº 9.610 de 19.2.1998)

Capa e preparo dos textos - Eduardo de Proença

Todos os direitos reservados à
FONTE EDITORIAL LTDA.
Rua Barão de Itapetininga, 140 loja 4
01042-000 São Paulo - SP
Tel.: 11 3151-4252
www.fonteeditorial.com.br
e-mail: contato@fonteeditorial.com.br

Dedicatória

This book is dedicated to

Pete and Jane Peterson,

my american parents.

I will be forever grateful for your love.

Much of what I have become I owe to your family.

Andy, thank you for giving up your bedroom for me.

Ellen, thank you for your independent spirit; it meant a

lot in those days.

Sam, you were my companion and a true brother.

Time may pass, and so may friends, but memories are forever.

Este livro é dedicado a

Pete and Jane Peterson,

meus pais americanos.

Para sempre serei grato por seu amor.

Muito do que me tornei, devo à sua família.

Andy, muito obrigado por me ceder o seu quarto.

Ellen, muito obrigado por seu espírito independente, que muito

representou para mim.

Sam, você foi meu companheiro e um verdadeiro irmão.

O tempo pode passar, e também os amigos, mas as memórias são para sempre.

Sumário

Prefácio 9
Teologia e Espiritualidade 13
Colocando um rosto humano na mensagem evangélica 25
Soberania divina e liberdade humana 29
Futebol, contingência e o Divino 45
Rabiscos sobre o tempo 49
Para que insistir na fragilidade de Deus? 53
Inconsistência, sinônimo de misericórdia 57
Como se Deus não existisse 61
Deus nos livre de um país evangélico 65
A Igreja e o big business 69
Igrejas também morrem 75
A pós-modernidade - seus desafios e oportunidades 81
Jesus no contrafluxo da história 87
Qual o futuro da Igreja Evangélica? 101
Discernindo os tempos 107
Realidade e esperança. O cristão é pessimista? 115
A perigosa arte de enganar 121
A pobreza dos púltpitos 127
Os evangélicos e o fundamentalismo 133
Construtores anônimos da história 139
Fé versus obras - por que a briga? 141
A um ano do fim 149
Fim de milênio 153
Jesus, a alegria dos homens 165
A missão da Igreja 171
Revendo os valores do Reino 175
Possibilidades para a fé cristã 185
Um sonho inquietante 191

O futuro da palavra.....195
Hereges e heresias.....205
Já sei por onde não ir.....207
Ganhei nova fé.....211
As cosmovisões bíblicas.....215
Cearense é um estado de espírito.....219
Carta ao pastor evangélico.....225

Prefácio

A criança fala de sua doença, mas somente o médico a examina, dá o diagnóstico e indica o tratamento. A criança indica a dor, mas só o médico é capaz de tratá-la. Daí a diferença entre a criancice teológica, que apenas indica as doenças eclesiásticas, e a visão profética, que as trata.

Será este mais um livro de críticas inconsequentes, juízos irresponsáveis e acusações apressadas das mazelas da igreja? Será mais um daqueles em que o autor, com a autoridade de coisa nenhuma e a profundidade de uma montanha, sai apontando erros e mais erros da igreja evangélica brasileira? Hoje, numa mistura de superficialidade crítica (apenas os erros) com compromisso frágil (ninguém é responsável), todos se acham no direito de apontar os problemas, sem apresentar a solução. Criticar o que está sendo feito é fácil; não exige muito raciocínio. Basta ver o realizado. Para debochar do esforço empreendido, basta não fazer esforço algum. Qualquer medíocre, sem muito esforço, é um bom crítico. O nó da questão está em identificar os erros, diagnosticar suas causas, tratar as deficiências, viabilizar soluções, implementar os processos, ser responsável pelos resultados e ter compromisso com o projeto. Enfim, é preciso dar a vida pelo projeto. É isso que torna diferente *Possibilidades para a fé cristã.*

O pastor Ricardo Gondim está com a mão na massa há 33 anos, totalmente empenhado na construção da igreja. Ele fala de algo que tem vivido. Seu diagnóstico parte de suas experiências, frustrações, sonhos e visão profética. Aliás, a expressão *visão profética* é uma boa síntese deste livro, cujo conteúdo são, principalmente, reflexões de suas próprias inquietações.

Filho de um militar e professor de história que foi prisioneiro na ditadura militar, o pastor Ricardo tem nas veias uma pulsação

política de inconformismo. Talvez você esteja questionando: "É preciso tomar partido?" Para o pastor Ricardo, sim. Não como o político partidário circunstancial, sectário e passageiro, mas como cidadão cristão, que proclama verdades espirituais, as quais se chocam com valores já consolidados.

Obrigatoriamente, a oposição precisa ser a favor do contra. Caso contrário, ela estará legalizando a situação. Daí a esterilidade e o perigo da crítica na qual nada há que seja louvável nem digno de aprovação. E é assim que muitos vivem. Os bastidores — e os gabinetes — das igrejas estão repletos de indivíduos assim: críticos. "Mas, irmão, em qual ministério você está envolvido? Tem exercitado seus dons? Onde e em quê?" Essa pessoa, acima do bem e do mal, não é comprometida com nada. Aliás, tem um compromisso, sim, mas com sua crítica apenas.

Os trabalhos anteriores do pastor Ricardo foram marcados por polêmicas. O *Evangelho da Nova Era* e *Os Santos em Guerra*, a começar pelos títulos, são provocativos. São um convite a rever posições, avaliar caminhadas, principalmente essa espiritualidade patológica que se instalou na igreja evangélica brasileira, que culpa o diabo por tudo e nos tira as responsabilidades sociais. Seus escritos são um libelo contra essa prostituição teológica, em que as pessoas misturam revelação de Deus com pensamento positivo, ação do Espírito Santo com mantra, exercício de dons com fetichismo utilitarista. Seu livro *É Proibido* é uma bela demonstração de quem tem coragem de meter a mão em vespeiro. Trata do legalismo, aquele tipo de assunto que muitos comentam e todos, na teoria, são contra ou a favor, mas a prática desmente.

Possibilidades para a Fé Cristã, como os demais livros do autor, está mais para profético do que para sacerdotal, como diria Weber. O sacerdotal é realizado em benefício da manutenção, diz respeito ao repetitivo exercício das atividades institucionais, que exigem sempre o corriqueiro, o previsível, o "carisma já rotinizado".

Ritualisticamente, acende a luz para mantê-la no lugar de sempre. Já o profeta surge iconoclasta para, imprevisivelmente, alterar o curso da caminhada. É o alarme na hora dos desvios. É o líder para quem não interessa a mesmice, o dia-a-dia, pois está noutra frequência, fora da normalidade, indisposto com o nominal, inconformado com o rotineiro. Absolutamente fora de seu tempo, a visão profética vê o que a maioria não vê, exige o incomum, propõe o não conhecido, arrisca no imprevisível. Problemas à vista. Por isso, João Batista decepado, Isaías trucidado, Jeremias degredado...

E daí? Para quem já teve um livro queimado num púlpito como desagravo (a quem?)... Vítima do "não li e não gostei", o pastor Ricardo desafia todos a ler, entender e discutir. O livro aponta novos rumos, discute novas propostas, estabelece novos paradigmas. A proposta não agrada, cara pálida? Tudo bem, ela não é colocada dogmaticamente. Entretanto, ao rejeitá-la, é necessário justificar a rejeição e elaborar outra proposta mais consistente. Será muito proveitoso para a igreja evangélica brasileira que diversos pensadores estejam elaborando análises, diagnósticos e propostas para a sua caminhada. Uma igreja intelectualmente raquítica, institucionalmente fossilizada, mofada em seus sistemas e apática em seus métodos é que não pode ser. As igrejas precisam ser sacudidas por debates apaixonados (Atos 15), ações comprometidas e visões proféticas. Caso contrário, as igrejas (também) morrem, principalmente quando se acomodam e faltam profetas. O risco é acontecer o de sempre: o profeta falar e a mensagem não ser ouvida nem entendida. E a vida continua.

Gedeon Freire de Alencar

Teologia e Espiritualidade

Introdução

Teologia e Espiritualidade são duas palavras que podem caminhar juntas, mas que não têm necessariamente uma relação direta entre elas. Nem toda teologia conduz a uma espiritualidade e nem toda espiritualidade necessita de uma teologia.

Existem teologias que são puramente acadêmicas, estritamente racionais e não objetivam outra coisa senão especular sobre um tema, no caso, Deus. Mas sem qualquer envolvimento de quem o estuda.

Neste primeiro capítulo, tentaremos traçar uma diferença entre a prática religiosa e a busca de uma autêntica religiosidade e procuraremos distinguir a crença em conceitos teológicos racionais e o aprofundamento da vida como busca da espiritualidade.

Religião tem mais conexão com a crença no direito à salvação; e a aceitação de que os ensinamentos, dogmas, rituais e orações daquela tradição são o caminho mais seguro para adquirir essa salvação.

Espiritualidade está intimamente relacionada com a busca do ser humano de humanizar-se no amor, na compaixão, paciência, tolerância, perdão, contentamento, disciplina e, principalmente, coragem para enfrentar a vida com todas as suas contingências.

Nas diversas propostas da religião existem incontáveis expressões do estudo da teologia. O que são as teologias? São construções teóricas, doutrinas, que tentam codificar os mitos fundantes da religião. Os desdobramentos das teologias nas expressões religiosas podem ser, muitas vezes são, funestas. Enquanto que a busca da espiritualidade como manifestação inerente à natureza humana geralmente nasce do descontentamento com os absurdos da vida.

O FENÔMENO RELIGIOSO

Religião é um fenômeno que traspassa a experiência humana desde os tempos mais remotos. As civilizações mais antigas, segundo relatos antropológicos e descobertas arqueológicas, desenvolveram sistemas religiosos. Por mais que se tenha questionado o que engatilha o fenômeno religioso, ele passou a fazer parte da condição humana.

Segundo os estudiosos do fenômeno religioso, ele se concretizou a partir de alguns elementos.

- Mito
- Símbolo
- Rito
- Doutrina.

Estudemos, parte por parte, esses elementos componentes da religião, já que nosso tema, abordará o quarto tópico, no caso a doutrina, que é o último estágio da religião.

Mito

> "A linguagem mítica não pode traduzir-se em linguagem racional sem perder sua razão de ser. Como a poesia, ela contém significados complexos demais para expressar-se de qualquer outra maneira. Ao tentar transformar-se em ciência, a teologia só conseguiu produzir uma caricatura do discurso racional, porque essas verdades não se prestam à demonstração científica".

O texto anterior é de Karen Armstrong, no seu livro "Em Nome de Deus - O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo", - Cia das Letras.

Armstrong mostra, com esse parágrafo, que a religião lida com o mito - não no sentido popular, mas filosófico - como explicação

da realidade. A religião difere da filosofia ou da ciência porque não se vale do "*lógos*", mas do "*mythos*" na elaboração de seus argumentos.

Entendemos que a Bíblia não se propõe usar a argumentação filosófica ou científica para explicar as origens do mundo e do homem e das relações entre homens e Deus.

O mito não é definido pelo objeto da narrativa ou do relato, mas pelo modo como narra, ou pelo modo como profere as mensagens.

Elienai Cabral Junior trata dessas questões em seu excelente artigo "A metáfora Viva":

> Há algum tempo guardava para as conversas mais restritas minha 'grande heresia'. Acreditava que os primeiros onze capítulos de Gênesis eram míticos. Mitos da gênese de todas as coisas. Na época, tentava convencer meus amigos evangélicos escandalizados de que um mito não significa falsidade, mas um modo indireto de falar de uma verdade que ultrapassa os limites do conhecimento. Um mito, dizia, é uma forma de saber, tanto quanto o discurso científico, ou dogmático-religioso. Não há menos Bíblia por conta dos prováveis mitos que nela encontramos. Ao contrário, se admitimos as parábolas de Jesus como expressão da verdade, ou ainda as visões repletas de símbolos como as de Ezequiel, Daniel e Apocalipse, por que se escandalizar com a presença dos mitos hebraicos na revelação de Deus na Bíblia? Nos mitos de Gênesis temos uma linguagem humana inspirada por Deus para falar de verdades que nossa mente jamais abarcará plenamente. E com essa frase final quase os acalmava.

Hoje, bem menos preocupado com os escrúpulos exagerados do fundamentalismo, no qual sou ainda um peregrino desesperado, sinto que preciso avançar no mesmo raciocínio. Não

são os mitos as únicas pontes para transpor os abismos da imprecisão do conhecimento humano. Se os mitos nos auxiliam nos grandes temas do saber, como a origem do universo ou as tramas irresistíveis do inconsciente humano, as metáforas, ou figuras de linguagem, são as pontes que transpõem os abismos de nossas relações. Usamos os artifícios das comparações, exemplos, símbolos, metáforas, portanto, para aproximar nossos interlocutores das ideias que desejamos compartilhar. Eu diria que quanto menos metáforas, menos comunicação. Razão porque Jesus escolheu as parábolas, histórias inventadas com elementos do cotidiano para propor ensinamentos[1].

Assim, quando a Bíblia narra o Gênesis, não intenciona mostrar que Deus criou o mundo em sete dias de vinte e quatro horas ou em eras. A narrativa mítica do Gênesis é muito mais profunda, pois revela o cuidado criacional de um Deus que estabelece um mundo com desígnio.

Carlos Mesters pergunta se o relato do Gênesis é mito ou realidade:

> É mito ou realidade? É realidade, enquanto trata do destino da humanidade. A harmonia descrita é uma possibilidade real, garantida pelo poder de Deus que se manifestou na ressurreição de Jesus Cristo. É mito, enquanto o autor usou a linguagem e imagem míticas do seu tempo, para exprimir e transmitir realidades[2].

Quando alguém se preocupa em instrumentalizar o texto das Escrituras para comprovação de verdades "científicas", ele não presta um serviço à Revelação, mas um desserviço.

O fundamentalismo surgiu como uma reação ao liberalismo teológico, principalmente o alemão. Acontece que o liberalismo estava errado em suas premissas. Ele se valia de pressupostos "científicos" para demonstrar que a Bíblia não era verdadeira. E o

fundamentalismo quis mostrar o contrário, a Bíblia podia ser testada cientificamente sem perder sua credibilidade.

Lloyd Geering afirmou o seguinte sobre a leitura da Bíblia:

> Agora, se for verdade que os escritores estavam escrevendo principalmente aos homens de seu próprio tempo, então os entenderemos somente estudando suas palavras e declarações dentro do contexto que estes pertencem. Todos estamos cientes dos erros que cometemos ao citar um versículo das Escrituras fora de contexto, mas raramente avaliamos a dimensão que esse princípio pode ter. Para se compreender corretamente, um versículo não deve ser estudado somente no contexto social e histórico em que foi escrito, e também dentro do contexto pessoal das atitudes e intenções que uniram o escritor a seus leitores...
>
> A perspectiva mais equilibrada significa aceitar a Bíblia como ela é e não tentar transformá-la em algo que não é. Isso não significa que a Bíblia está sob julgamento, mas sim, as várias visões, doutrinas e atitudes que a envolvem. A Bíblia não pode ser modificada, mas o modo que nós a entendemos pode e deve mudar[3].

Esse problema metodológico levou a discussão para um plano menos importante. Provar ou não provar que Jonas existiu e foi engolido por um grande peixe é menos importante do que a mensagem contida na narrativa. E assim por diante.

Andrés Torres Queiruga expôs com clareza essa dificuldade no título de um dos seus capítulos sobre o problema da linguagem teológica: O problema da objetivação do divino:

> Tudo isto sempre o soube a teologia, que nunca perdeu sua preocupação apofática, isto é, sua resistência a falar de Deus, porque Ele jamais é o que nossas palavras dizem a seu respeito.... O problema é estrutural, pois o teólogo recebe a incumbência de

> realizar algo que parece impossível: falar do essencial e intrinsecamente não mundano com uma linguagem mundana – a única que dispomos -, ou seja, falar do Transcendente com uma linguagem modelada sobre as realidades empíricas[4].

Realmente como transformar em palavras os encontros com o *mistério tremendo*? Como estruturar logicamente os confrontos com o eterno?

O esforço de tentar reforçar ou contradizer explicações científicas usando o mito sagrado, que é o grande esforço do fundamentalismo, além de se mostrar inócuo, criou enormes conflitos no diálogo entre ciência e fé.

Símbolo

Os símbolos são as construções do imaginário que fornecem densidade ao viver, que muitas vezes parece tão absurdo. Os símbolos nascem das hierofanias, isto é, das manifestações do sagrado. Os símbolos são objetos, lugares, eventos, dias, estações do ano que adquirem uma condição sacramental.

Entendemos por sacramento um objeto que adquire a condição de esconder uma realidade maior do que ele mesmo, e o seu valor subjetivo é muito maior do que o concreto.

As religiões precisam dos símbolos.

Águas. Mircea Eliade expressou que, nas religiões, águas adquiriram um valor extremamente rico.

> Em qualquer grupo religioso que se encontrem, as Águas conservam invariavelmente sua função: elas desintegram, eliminam as formas, 'lavam pecados', são ao mesmo tempo purificadoras e regeneradoras... [5]

Obviamente, as águas não têm um valor simbólico apenas na religião judaico-cristã, mas compõem com outros elementos da natureza o imaginário simbólico da prática religiosa. Assim, no

cristianismo primitivo, ela ganhou diferentes significados: Cristo, como o novo Adão, sai das águas com o Espírito pousado sobre ele, a sua palavra, como água, lava as pessoas interiormente.

Outros exemplos simbólicos serão apropriados pela religião para organizar – não apenas para ilustrar – os elementos religiosos.

Rito

No rito, esse imaginário é encenado, repetido e experimentado pelo religioso. Os ritos são, portanto, um esforço cênico de mostrar, vivenciar e não deixar perder o mito e o símbolo.

Os ritos exprimem a ordem cósmica estabelecida pelos deuses. No espaço religioso, os ritos colocam ordem, harmonizam a vida e lembram as prioridades que dão sentido e importância ao que é prioritário.

Aldo Natale Terrin, em seu tratado sobre o Rito afirma que:

> O rito nos permite viver num mundo organizado, não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível. Se é verdade que o cosmo tem a força de opor-se ao caos, isso se deve ao rito e à sua força organizadora [6].

Terrrin subdivide os ritos em categorias diferentes.

Os ritos apotropaicos ou eliminatórios - Esses ritos são meios com os

> Quais a pessoa se empenha para manter distante um elemento ou um ser perigoso. Nesse contexto, sons, rumores, tambores sinos, acendimentos de fogo, círculos mágicos, movimentos circulares, insensação, tudo serve para criar um jogo de afastamento.[7]

Ritos de purificação - Dizem respeito a dimensões ético-religiosas na busca de eliminar-se a mancha do pecado ou a culpa. Os ritos de purificação se "expressam através do jejum, das mortificações... do fogo, da água – batismo, aspersão de água benta, abluções, fechamento de corpo com ervas, sal grosso etc.".

Ritos de ofertas primiciais – são ritos que envolvem oferta de comida, especialmente primeiros frutos, que nas culturas pré-capitalistas eram produtos agrícolas.

Ritos Sacrificiais são igualmente ritos que envolvem oferta, mas, neste caso, de animais. Segundo René Girard, este talvez seja "uma das formas mais antigas de ritual, talvez o ritual por excelência, que deu origem ao senso religioso como se conhece hoje.

Ritos de transmissão de força sagrada. Esses ritos que permitem manter na comunidade a força sagrada com a possibilidade de atribuí-la a outra pessoa, segundo a discrição do líder. Ritos de bênção e de consagração são, por exemplo, ritos que assumem essa função... unção é um outro exemplo de especificidade do rito de consagração. Quando alguém impõe as mãos sobre outro para "ordenar" para uma missão ou para curar um doente, pratica-se o rito de transmissão de força.

A DOUTRINA

O fenômeno religioso precisa, além do mito, do símbolo e do rito, se expressar através da linguagem e esse esforço é o que se chama de doutrina. A codificação, estruturação e construção lógica da experiência religiosa se chama, comumente de dogma, doutrina ou teologia.

As teologias são, portanto, as tentativas humanas de estruturarem sua experiência religiosa através da linguagem e com um mínimo de lógica racional. A experiência do sagrado, o encontro com aquilo que Rudolf Otto chamou de *numinoso*, procura harmonizar-se com categorias racionais para que as palavras adquiram um conteúdo.

A TEOLOGIA CRISTÃ

A teologia cristã nasceu como desdobramento do "encontro da revelação divina expressa nas Escrituras, com a condição humana presente na história que a recebe e envolve. B. Forte entende a teologia como o 'pensamento do encontro entre a condição humana e o advento do Deus vivo em sua relação histórica"[8].

Em suas origens, no período chamado de dogmática clássica, a teologia era uma disciplina definida basicamente como,do conhecimento de Deus e das coisas divinas, obtido em parte de modo natural (catequético), pelo uso da razão e em parte de modo sobrenatural (apofático) através de revelação especial.

No período chamado de escolástica medieval, a teologia era entendida de duas maneira, no seu sentido literal, como a doutrina de Deus (*logos theou*); segundo, e mais amplamente, como a afirmação da verdade concernente a todos os ensinamentos sagrados da igreja (sacra doutrina).

No Iluminismo, no século XVIII, a teologia "perdeu gradualmente sua confiança na razão natural e apelou cada vez mais à revelação especial.

Teologia não pode ser uma ciência que "estuda Deus" porque Deus, por definição, excede a capacidade de qualquer "ciência" de estudá-lo. Um Deus que pode ser explicado, não é Deus. Deus transborda aos limites da razão. Paul Tillich afirmava que Deus está para além de Deus.

Assim, a proposta da teologia não pode ser uma "ciência" sobre Deus ou realidades do mundo sobrenatural, nem "uma teoria que sistematiza e defende os dogmas de uma determinada confissão religiosa".

Para Jung Mo Sung, teologia deve se compreendida como "uma hermenêutica da história que explicita e reflete criticamente os alicerces que escoram as esperanças e as visões de mundo das correntes teóricas e sociais"[9]. Jung cita Horkheimer na compreensão da teologia:

Teologia é "uma linguagem sobre Deus"(Gustavo Gutierrez); uma aproximação do mistério absoluto que nos lembra a condição humana, mortal, contingencial, pecadora e extremamente limitada. A teologia não é uma tarefa impossível, porém humilde, porque se trata de um pensamento humano sobre o mistério que está além do horizonte da possibilidade humana. A tolerância é um pré-requisito para o exercício teológico porque a linguagem da teologia permanecerá sempre como uma linguagem de "aproximação". Estamos sempre à cata de expressões que se "aproximem" do real.

É importante notar que quando a Bíblia fala de mistério não se refere a algo escondido que deve permanecer secreto. Ela se refere ao mistério que precisa ser experimentado e compartilhado com as pessoas – Romanos 16.25-26.

Existem duas formas de pensar Deus, uma é supra-histórica, sobrenatural, metafísica. Por exemplo, quando se discute sobre os atributos divinos. Em um debate sobre a onipotência divina, sobre o ser infinito de Deus, está-se fazendo o que a filosofia chama de metafísica, isto é, pensando em realidades sobrenaturais como realidades naturais. Deus é assim... é uma afirmação metafísica sobre a divindade.

Outra forma de pensar sobre Deus é, segundo, Jung "buscar compreender as possíveis relações entre ele e a história humana, que se refletem na vida de cada indivíduo. É pensar sobre a possibilidade de experienciar Deus. Esse é o caminho existencial e histórico, e não o caminho das "verdades" abstratas que pouco ou nada refletem em nossas vidas.

Tal escolha nos remete a uma segunda diferenciação. Poderíamos discutir a experiência de Deus começando por um conceito e daí chegando até nossas vidas. Mas esse é um caminho demasiadamente teórico e pouco útil. Pouco útil porque nossas vidas não aparecem no centro da reflexão, mas no final, como apêndice. E, assim, as respostas talvez não sejam apropriadas às

perguntas que queremos fazer... E uma resposta, como sabemos, só tem valor se responde à nossa pergunta.

Por isso, escolheremos o caminho inverso: começar pela vida cotidiana, pelas experiências humanas comuns, e então procurar pistas que nos levem a compreender e vivenciar uma possível experiência de Deus...[10].

Lamentavelmente a maioria das pessoas pensa Deus a partir de absolutos para depois tentarem ajustar a vida a esses absolutos. Quase sempre, precisam de uma ginástica enorme para fazer com que esses absolutos respondam à vida. O problema de fazer teologia assim é que não se tem acesso ao mundo espiritual para ser categórico em afirmações metafísicas sobre Deus. O que se sabe a respeito dele está inserido na história e na vida. Portanto, o palco da revelação divina começa pela vida – a Bíblia é um livro que descreve as relações de Deus com os homens na história.

Rubem Alves, mestre em brincar com conceitos, afirmou:

> ...Teologia não é rede que se teça para apanhar Deus em suas malhas, porque Deus não é peixe, mas Vento que não se pode segurar... Teologia é rede que tecemos para nós mesmos, para nela deitar o nosso corpo. Ela não vale pela verdade que possa dizer sobre Deus (seria necessário que fôssemos deuses para verificar tal verdade); ela vale pelo bem que faz à nossa carne[11].

Notas Bibliográficas

[1] CABRALJUNIOR, Elienai – Metáfora Viva, colhida na Internet em 14 de fevereiro de 2008. http://elienaijr.wordpress.com/2007/09/.
[2] MESTERS, Carlos. *Deus onde estás:* uma introdução prática à Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 27.
[3] GEERING, Lloyd. *Deus em um mundo novo:* São Paulo: Fonte Editorial, 2005, p. 40-41.
[4] QUEIRUGA, Andrés Torres. *Fim do cristianismo pré-moderno.* São Paulo: Paulus, 2003, p. 76.
[5] ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos.* São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 152.
[6] TERRIN, Aldo Natale. "*O rito*": Antropologia e Fenomenologia da Ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004, p.18.
[7] *Ibid.* p.37.
[8] CAVALCANTE, Ronaldo. A teologia cristã como intellectu fidei e a expressão do Mistério de Deus. Finitude e alcance de uma epistemologia do sagrado *in*: GOMES, Antonio Maspoli de Araújo (Org.). *Teologia Ciência e Profissão.* São Paulo: Fonte Editorial, p.123.
[9] SUNG, Jung Mo. *Sujeito e Sociedades Complexas*: para repensar os horizontes utópicos. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 14.
[10] _____. *Deus*: ilusão ou realidade? São Paulo: Ática, 1996, p. 8.
[11] ALVES, Rubem. *Da Esperança.* Campinas: Papirus, p.10.

Ricardo Gondim

Colocando um rosto humano na mensagem evangélica

O movimento evangélico se fortaleceu no calor apologético. No final do século XIX, a Alta Crítica e todo o revisionismo teológico das escolas alemãs forçaram alguns segmentos mais conservadores e herdeiros do pietismo e puritanismo europeu a buscarem solidificar suas posições. O Fundamentalismo se caracterizou por conseguir resumir o que se considerava como os pontos inegociáveis da fé cristã. Para eles, a inerrância da Bíblia, o nascimento virginal, a expiação mediante a fé na cruz e mais a volta triunfal de Cristo para arrebatar a sua igreja, constituíam-se os alicerces da fé.

Esse fundamentalismo se tornou tão hermético, tão sectário que na década de 1950, gente como Carl Henry – fundador da revista Christianity Today - e o evangelista Billy Graham sentiram que o fundamentalismo precisava de oxigênio. Mais ecumênico, solidificava-se o Movimento Evangélico, conhecidos nos Estados Unidos como "Evangelical Movement". (Vale ressaltar que os evangélicos só se abriram para os pentecostais na década de 1960, porque eles cresciam numericamente e já não podiam ser descartados como seita).

Nos primeiros anos, os evangélicos foram considerados apenas uma representação "diferente" dos antigos fundamentalistas; que conseguia dialogar com intelectuais e não descartava a cultura como mundana. Assim, os fundamentalistas se recrudesceram, ensimesmados perderam representatividade enquanto os "evangelicais" se tornaram notórios, famosos e ricos.

O Movimento Evangélico se consolidou no Ocidente, empreendeu grandes projetos missionários, definiu os cânones literários e teológicos na formação de lideranças e expandiram sua

influência pela América Latina, construíram escolas e formaram o perfil que identificava o protestantismo.

Mas, mesmo nos Estados Unidos "Evangelicals" nunca abandonaram as raízes fundamentalistas. Na década de 1970, consumiram os livros de Francis Schaeffer para dar um ar mais acadêmico ao literalismo hermenêutico, mas desde o nascedouro sempre fizeram da Teologia Sistemática manual obrigatório nos seminários. O Movimento Evangélico pretendia fazer teologia nas mesmas categorias que a academia secular, usando critérios científicos de compreensão de Deus. Com a Hermenêutica, a Exegese e o Estudo das línguas originais dissecava o texto sagrado buscando alcançar a "legítima" e única interpretação.

Os tempos mudaram, paradigmas envelheceram. Já não se lê um texto com as lentes racionais da modernidade. Hoje se procuram os afetos, não a exatidão da verdade "verdadeira", mas a intenção do espírito. Não se busca entender, decodificar ou autenticar uma verdade, mas percebê-la, permitindo que ela cumpra as intenções do autor.

A cosmovisão pós-moderna não se interessa em pontuar a justiça e a verdade, mas encarná-las. A grande questão não é mais a verdade e sim a credibilidade. Hoje busca-se adensar o que se pensa como vida.

Acontece que o movimento evangélico continua com o paradigma da modernidade. E na modernidade vale o "*cogito ergo sum*"(penso, logo existo).

Os evangélicos se impressionam pelo texto e se esquecem da realidade. É preciso não cogitar, mas ser. Precisamos reverberar em nós mesmos as palavras iniciais do Evangelho de João: O Verbo se fez carne; em contrapartida temos a obrigação de nos fazer em verbo. Fazer de nosso discurso a nossa vida e da nossa vida o nosso discurso. Também lhe cito Ghandi: "Devemos ser no mundo a mudança que queremos ver no mundo".

Embora não tenhamos ainda conseguido, precisamos nos transformar no que proclamamos e escrevemos. O evangelicalismo nos apresentou a teologia como uma disciplina técnica; que nos auxilia a "entender" com exatidão quem Deus é e como Ele se relaciona com os seres humanos. Mas essa técnica não ilumina. O que ilumina é o sentir, o perceber. Precisamos escalar uma montanha interior, atingir novos patamares sensitivos, nos abrir para o silêncio revelador do Espírito Santo.

Hans Burki gostava de repetir uma frase em inglês: "We need to learn the unlearnable" – (numa tradução livre: Precisamos aprender o inaprendível). Santo Agostinho afirmava que Deus tinha filhos que a igreja não tinha. Hoje, depois que muito já vi e observei acredito também poder dizer: Deus tem se revelado a muitos filhos sem precisar da teologia evangélica. E me parece que essa revelação tem se mostrado mais humana; com os pés mais próximos da terra e com o coração mais aquecido.

Soberania divina e liberdade humana

> *"Já não podemos, na hora de raciocinar, entender Deus como o grande relojoeiro que no princípio construiu sua máquina e a deixou andar pelos séculos com sua lógica exata e inexorável. Já não podemos, tampouco, nos relacionar com Deus em nossa vida como se ele fosse a alma reitora do mundo; como se fosse o condutor sentado ao volante do cosmos, responsável direto pelos processos e fenômenos do mundo e a cada acidente de nossa vida; como se fosse ele o único que realmente cria e maneja os fios, e todo o resto – inclusive nós – não fosse senão "objeto seu e instrumento de seus planos.* [1]

Não sei qual o rótulo eu mereço. Hoje já não me importo com a insistente campanha difamatória, intolerante e panfletária de alguns. Sigo. Se minhas elaborações me conduzem a um descampado, sem trilhas, perco o medo.

Continuo alinhavando algumas ideias sobre Deus como trindade que, soberanamente criou o mundo e sobre ele reina. Entretanto, acredito que em sua liberdade, Deus decidiu criar a humanidade com a capacidade de "experienciar" seu amor. Sendo assim, ao criar mulheres e homens sua divina intenção se manifestou desde o princípio: Deus queria relacionar-se amorosamente com aqueles que criara à sua imagem e semelhança. Ele buscava que amor fosse correspondido com amor; queria que as pessoas livremente participassem na construção de um relacionamento.

Acredito que amor é a principal característica de Deus. Aceito que a Trindade eternamente convive em amor – Pai, Filho e Espírito Santo. Mesmo antes da criação Deus não conhece (e não quer) outra forma de relacionamento senão o amor. Em sua liberdade e soberania, Deus decidiu criar um mundo em que suas decisões

seriam contingentes e responsivas às petições e às ações humanas. Sendo assim, Ele interpela porque espera a livre cooperação de mulheres e homens para o cumprimento de sua vontade. Desta forma, Deus se deixa influenciar pelos atos humanos – misericórdia, por exemplo – e ele, inclusive, responde às decisões humanas. Entendo que as narrativas bíblicas sobre o comportamento de Deus, que se "arrepende", "ira", "sofre"revelam através de narrativas uma divindade inserida na história.

Não vejo na cosmovisão judaica e sequer nos relatos bíblicos Deus fora do tempo. Desde a criação, Deus se envolve com o drama humano que se dá na história, portanto, a experiência do tempo não tem nada a ver com o ser de Deus, mas com sua relação com a humanidade. Deus é eterno a partir da cronologia, mas não é "atemporal" na sua eternidade.

Sendo sábio, Ele faz novas escolhas. Como se relaciona com a subjetividade humana, no decorrer da história, ao invés de programar meticulosa e providencialmente em tempos imemoriais, como afirmam os calvinistas, Deus escolhe. A ideia de começo, meio e fim da história já determinados, diminui qualquer percepção da divindade.

Deus soberanamente escolheu que as decisões humanas também contam para a determinação da história. Sua decisão soberana de criar semelhantes implica em um corolário soberano: Deus não controla detalhadamente os eventos futuros. Sendo assim o futuro não existe como realidade observável. O futuro existe como prognóstico, apenas como possibilidade. E se o porvir ainda não existe como realidade passiva de conhecimento, dizer que Deus não conhece o futuro, não implica numa redefinição metafísica da divindade; altera-se apenas a percepção do tempo e de sua realidade futura.

Embora Deus conheça todas as possibilidades e todas as variáveis, não é possível determinar a concretização do futuro. Acreditar em um mundo futuro conhecível é cristalizá-lo e tirar do correr da história a participação humana com as contingências.

O inverso desta proposta seria a teologia teísta que prevalece no senso comum do que se denomina de Movimento Evangélico.

Grande parte dos teólogos evangélicos procura demonstrar que a teologia bíblica trabalha com um conceito de liberdade que se denomina de "compatibilismo". Portanto, ao se referir a teólogos como Sanders, subentende-se que eles defendem uma "liberdade libertária", e que não tem respaldo nem na Bíblia nem na tradição cristã. As conclusões são taxativas:

Alguns acusam que as leituras de amor, comunhão e liberdade, embora na Bíblia, não são bíblicas[2].

/ Argumenta-se, com graves problemas de incoerência interna, sobre o que é liberdade e suas consequências existenciais. Numa presumida relação com Deus revela-se de suma importância entender o que é ser livre. A lógica teísta, e os desdobramentos que ela acaba impondo ao sujeito cristão, acabam se tornando contraditórios e em muitos casos cruéis. Diante da problematização de como se entende o governo de Deus, sua soberania, providência e arbítrio humano, algumas questões como Auschwitz, Ruanda e outras tragédias, passam a exigir respostas. Como desatar os nós paradoxais de uma teologia que diz que Deus decidiu e controla todos os eventos do universo e, ao mesmo tempo, diz que existem pessoas livres? É possível algo estar eternamente decidido, já concretizado por decreto, e mesmo assim os seres humanos, mudarem ou serem capazes de alterar a realidade? Se, em última análise, Deus sempre impõe sua vontade, de um jeito ou de outro, seria factível acreditar que qualquer outra vontade tem alguma possibilidade de igualmente prevalecer?)

Minha hipótese, contrária a de vários teólogos, é não. Mas, antes, será necessário precisar com mais clareza o que se entende por liberdade.

LIBERDADE

O principal nó a ser desatado no arrazoamento tem a ver com a relação que se estabelece entre Deus e sua criação e qual o papel que a liberdade humana desempenha nessa relação. Essas questões invariavelmente desembocam nos paradoxos clássicos da teodicéia (definida como conjunto de doutrinas que procuram justificar a bondade divina, contra os argumentos da existência do mal no mundo). "Por que existe sofrimento? Por que Deus, sendo simultaneamente bom e onipotente, permite horrores despropositados? Não poderia o Todo-Poderoso ter criado um mundo isento de dor?"

A universalização do sofrimento se dá através do Pecado Original que não só culpabiliza homens e mulheres a partir do primeiro ancestral – Adão – como universaliza a punição divina. Deus não cessa de castigar os pecados do primeiro pai nos filhos sem poupar sua ira. O mal seria, portanto, o resultado de uma ação histórica – Adão – que se enraizou ontologicamente nos humanos e que os condena a um estado depauperado. Liberdade entre os humanos se reduziu à prática do mal.

Mal se reconhece que esta leitura expressa o dualismo de Platão e Plotino. Na literatura helênica, Tragédia servia para revelar a condição humana como palco dos caprichos divinos. O desempenho dos humanos se aproxima das marionetes. A história segue em trilhos; e o destino é inexorável. A vida se encaixa em engrenagens inamovíveis. Na tragédia não se escapa da sina. A cadeia dos eventos é implacável.

Nesse fatalismo se encuba o potencial da passividade (estoicismo), da negação (cinismo), permissividade (hedonismo) ou de saltos transcendentais (platonismo). O bem e o mal, contudo, se tornam absolutos; nada e ninguém pode anulá-los. Sobra o sentido de que as forças que regem o mundo permanecem essencialmente cegas.

O ocidente largamente influenciado por essa cosmovisão, viu-se com um nó górdio para desatar tanto na filosofia como, posteriormente, na teologia: "Se existe um Deus onipotente, por que ele não pode eliminar o mal e o sofrimento? Sendo Deus bom, por que ele não deseja acabar com a dor? Se pode e não faz, não é bondoso. Se quer e não faz, não é onipotente. Se não for onipotente, não é Deus; se não for bondoso, não merece ser servido".

A percepção do conceito da liberdade, portanto, tornou-se essencial para compreender ou explicar esse paradoxo irreconciliável. Era preciso perceber o significado da liberdade, tanto divina como humana. A questão não era só indagar até que ponto existe liberdade no universo, mas qual o seu significado real.

No raciocínio grego, liberdade não se aplicava sequer a Deus; Ele estava preso a si mesmo. Compreendido a partir de conceitos absolutos (convém frisar que a ideia de absoluto não fazia parte do pensamento semítico), as divindades se condenavam à passividade.Na perfeição absoluta nada pode ser tão forte que afete Deus. Movimento indica alteração, portanto, o Divino está perenemente inerte. O perfeito jamais pode experimentar mudança de qualquer espécie.

Os gregos restringiam, portanto, liberdade a uma mera inserção harmônica do indivíduo na polis e da polis no cosmos. As engrenagens do destino conduziam os indivíduos, a sociedade e toda a história sem que eles participassem dos eventos fundamentais. O ser humano não tinha como reverter, adiar ou se antecipar ao que estaria determinado pelas engrenagens da grande ordem - fatalismo. Sua liberdade permanecia restrita; mesmo quando realizava *micro-ações* que proporcionavam alguma satisfação. Ficava, contudo, distante das *macro-ações*, as capazes de alterar o que "já estivesse escrito e determinado".

A revelação judaica e depois a cristã nos primórdios, não se deu a partir da lógica aristotélica do "motor imóvel" (Deus como um motor põe tudo em movimento, mas ele mesmo, por nada, é

movido). Judeus e cristãos sequer cogitavam que o futuro não pudesse ser alterado por vir determinado a priori. Se os gregos não acreditavam na possibilidade de alterar o curso da história, os profetas judeus e, mais tarde os evangelistas cristãos, convocavam o povo a mudar o futuro – O povo se arrependia e o que fora anteriormente vaticinado pelo profeta deixava de acontecer.

> Coloque-se no pátio. [...] Diga-lhe tudo o que eu lhe ordenar; não omita uma só palavra. Talvez eles escutem e cada um se converta de sua má conduta. Então eu me arrependerei e não trarei sobre eles a desgraça que estou planejando por causa do mal que eles têm praticado[3]

Portanto, os conceitos de liberdade precisam partir da narrativa e cultura judaica. Deus é reconhecido como livre e os seres humanos, criados à sua imagem, possuem liberdade de arbítrio semelhante. E convém a ressalva: mesmo a cultura grega não conseguia conviver perenemente com um conceito de vida engessado pelo fatalismo. Juan Luis Segundo mostrou que embora a filosofia grega negasse, a literatura recorria ao conceito de liberdade humana:

> É claro que nem os filósofos gregos, nem os filósofos cristãos da época das grandes sínteses medievais negaram o fato da liberdade do homem. A literatura grega usa-o, apesar de que a filosofia grega o relegue a um mundo contingente mais imaginário que real. Este mesmo fato da liberdade é capital para o pensamento bíblico hebraico, pois até o próprio Deus a respeita: não anula os atos do homem que se apartam da lei da natureza. Algumas vezes, Deus limita-se a castigá-los. Em outros casos, ainda mais expressivos, Deus – por assim dizer – faz esforço de conseguir dessa mesma liberdade um arrependimento e a conseqüente volta ao caminho da vontade divina (cf. Os. 2.6-25)[4]

O problema permanece: como podem coexistir duas liberdades, sendo uma delas infinitamente mais poderosa do que a outra? Como os seres humanos podem ser livres de verdade se Deus não lhes conceder espaço? Feuerbach afirmou que a onipotência divina esmaga a dignidade humana: "Se Deus for tudo, não somos nada".

O correlato científico do destino inexorável é materialismo. No determinismo científico tudo o que existe tem uma causa. Portanto, explica-se o mundo a partir da necessidade, não da liberdade – entende-se necessidade como eventos que têm de ser; alguns acontecimentos não podem deixar de acontecer. Exemplificando: quando se aquece a água a cem graus centígrados, ela ferve: a ebulição é um efeito inevitável, dada a constituição química da água[5].

Mas existe o oposto do determinismo: contingência – definida pelo Houaiss como: "possibilidade de que alguma coisa aconteça ou não; por extensão, fato imprevisível ou fortuito ou que escapa ao controle, eventualidade".

Juan Luis Segundo trabalhou com os conceitos de liberdade e aleatoriedade em "Que Mundo? Que homem? Que Deus?" e propõe que seria impossível que o universo tenha acontecido por pura casualidade. Para ele, o determinismo das leis da física garante um ordenamento dos acontecimentos que torna a existência possível. Por outro lado, para Segundo não existiria história caso não existissem sujeitos livres. Considerar a liberdade uma mera "ilusão" acaba com o potencial de gerar consciência histórica nos sujeitos. Torna-se necessário situar as pessoas na metade do caminho entre o universo que funciona com determinismo (como um relógio) e, ao mesmo tempo, na aleatoriedade do imprevisível (na formação das nuvens)?

> "... onde colocar o comportamento humano? Dir-se-ia que seu lugar está na metade... Se o determinismo pudesse ser reduzido a uma só força, a liberdade perderia a batalha"[6]

Compreensão de "Compatibilismo"

Para defender uma contradição lógica entre o determinismo teísta e a liberdade humana, alguns se valem do conceito de "compatibilismo" – uma liberdade que "permite a existência de mais de uma explicação para o mesmo evento"[7]. Usa-se como exemplo uma pessoa que para e ouve uma ordem interior, isto é, da consciência ou de alguma autoridade exterior: "ajude uma mulher doente na rua". A decisão de parar e ajudar foi "livre e moralmente significativa" porque aconteceu como resultado de uma ética que moldou o caráter do indivíduo de tal forma que é "completamente natural – na verdade, inevitável – que ela opte por parar e ajudar pessoas necessitadas". Dessa forma ajudar a mulher foi virtuoso porque houve escolha. Entretanto, o que a pessoa é determinou sua ação; ele não tinha outra escolha senão ajudar a senhora. O compatibilismo afirma que é possível ser submisso e livre ao mesmo tempo.

Dessa maneira, para alguns, como Deus planejou, desenhou e destinou cada criatura para que vivesse segundo seu eterno propósito, as pessoas "escolhem", mas, simultaneamente, "cumprem" o que lhes foi predestinado.

Compreensão de Livre-arbítrio

Perdura a ideia de que os seres humanos não são livres de verdade. Use-se, como exemplo, o conceito mais comum de liberdade: homens e mulheres podem agir por si próprios, não constrangidos a fazer o que desejam, sem serem escravos ou prisioneiros de alguém ou algo que lhes controlem. Pode-se considerar liberdade, inclusive, em sentidos mais amplo, como por exemplo, a política, as trocas comerciais, o exercício do poder político, no direito e no convívio pessoal. Para a teologia pessimista, desconsidera-se a liberdade como realidade, pois atrela a escravidão humana ao pecado original de Adão, que teria sujeitado toda a humanidade à escravidão. A partir desse estado de corrupção,

Queda, afirma-se que os seres humanos, alienados de Deus e desprovidos da graça, se veem obrigados a conviver com "dois males no mundo": o mal moral – que resulta 'sempre de algum ser moralmente responsável decidindo fazer o que é errado'; e o mal natural – os furacões, epidemias e defeitos de nascença – "que surgem indiretamente como uma consequência do mal moral"[8].

Mark Talbot revela como o processo de adotar o controle absoluto e irrestrito de Deus sobre os eventos lhe cobrou a possibilidade de conceber uma relação livre e amorosa com Deus:

> Meu raciocínio se dava da segunda maneira: Deus nos criou para que o amássemos. Mas amor não é amor se houver coerção. O amor genuíno, portanto, exige livre-arbítrio no sentido dos teístas do livre-arbítrio – exige que sejamos livres para amar a Deus ou não. Deus nos deu o livre-arbítrio na esperança de que optássemos livremente por amá-lo. Todavia, ao nos dar essa liberdade, ele corre o risco de que optemos por não amá-lo"[9].

Para ser coerente com uma divindade títere, no controle absoluto de todos os eventos, inclusive da vontade humana, é necessário desprezar textos tanto do Antigo como do Novo Testamento em que a Bíblia revela a aspiração de Deus por relacionamento e não por submissão cega:

> O Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado, [...] arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra, e isso cortou-lhe o coração. Gênesis 6.5,6.
> Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. Mateus 23.37.

Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo. – Apocalipse 3.20.

Soberania divina

Prevalece um conceito teísta, que aceita que tudo, absolutamente tudo, foi ordenado, é sustentado e acontecerá de acordo com uma decisão de Deus.

> "O que significa dizer que Deus ordenou alguma coisa? Significa que ele desejou eternamente que aquilo se realizasse"[10].

> Não nego nem por um momento quão difícil pode ser evitar responsabilizar Deus pelos males do mundo simplesmente porque ele ordena todas as coisas. De que maneira um Deus bondoso poderia ordenar o Holocausto? Como ele poderia ordenar o abuso sexual até mesmo de uma criança? Como poderia ele ordenar a morte lenta e dolorosa de alguém que amo? Contudo, como acontece com todas as outras doutrinas cristãs, o teste verdadeiro dessa doutrina não é que a consideremos plausível ou atraente, mas que a encontremos nas Escrituras[11].

Alguns repetem a teologia da Confissão de Westeminster sobre a Providência:

> Pela mui sábia e santa providência, segundo sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor.

> Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessária, livre ou contingentemente conforme a natureza das causas secundárias.
> [...]
> A onipotência, a sabedoria inescrutável e a bondade infinita de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens, e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios desígnios, sábia e poderosamente os limita, regula e governa em uma múltipla dispensação; mas essa permissão é tal, que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo muitíssimo santo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado e nem de aprová-lo[12].

Mas a pergunta insiste: "Como? Se Deus ordenou todas as coisas, inclusive o pecado de Adão, como ele poderia, sendo justo e bom, condenar alguém que ele próprio criou para ser danado? Pode alguém ter sido criado, com seus atos previamente determinados e todo o roteiro existencial elaborado e depois ser julgado e condenado ao inferno eterno?

Infelizmente a tradição protestante, principalmente os evangélicos que herdaram a lógica calvinista, optam por manterem a lógica do Deus todo poderoso, ordenador do universo e não pelo amor de Deus encarnado em Jesus Cristo.

José Comblin propõe um caminho totalmente inverso: o caminho do amor de Deus que levará inevitavelmente a uma percepção da divindade se doando e não capitaneando:

> Se existe um Deus onipotente, o que ainda sobra para mim? Essa presença ao meu lado do poder absoluto torna irrisórias

todas as minhas ações. Diante do infinito, todo o finito torna-se irrelevante. Há muitas maneiras de enunciar o argumento. A objeção foi formulada desde a Idade Média, mas não conseguiu convencer. A resposta diz que Deus e o homem não se situam no mesmo plano, como duas liberdades em competição. A resposta não convenceu porque durante séculos os teólogos debateram a questão da predestinação, isto é, da compatibilidade entre a liberdade de Deus todo-poderoso e a liberdade humana. Assim fazendo, situaram no mesmo plano as duas liberdades. Se os teólogos – tomistas, dominicanos e jesuítas – tomaram essa posição durantes séculos, não é estranho que filósofos façam a mesma coisa.

De qualquer maneira, a pessoa sente tantas vezes o conflito entre a sua vontade, o seu desejo e o que diz que é a vontade de Deus, que a reação parece inevitável. Os sartreanos sustentam que, para ser livre, é necessário negar a existência de Deus. Infelizmente para eles, Deus não depende das negações ou das afirmações de Sartre. O caminho para a resposta está na compreensão da fragilidade de Deus. O nosso Deus é um Deus "escondido" – tema constante da tradição espiritual cristã.

É um Deus que se manifesta no meio da nuvem, que se faz perceptível, mas não impõe a sua presença. A liberdade consiste justamente nisto: diante do outro, a pessoa para, reconhece e aceita que exista. Abre espaço, acolhe. Longe de dominar, escuta e permite que o outro fale primeiro. Assim Deus suspende o poder de Deus.

Nenhuma evidência, nenhuma ameaça, nenhum constrangimento força nem obriga. Deus permite e deixa fazer. Deus respeita o outro na sua alteridade e permite, até mesmo, que o outro se destrua sem intervir. A liberdade de Deus consiste em permitir e ajudar a liberdade do menor dos seres humanos. A liberdade de Deus reprime o poder. Torna-se fraca para que possa manifestar-se a força humana.

O hino de Filipenses 2.6-11, núcleo da cristologia paulina, expressa essa fraqueza de Deus. Pois o aniquilamento de Jesus incluía o aniquilamento do Pai: "Esvaziou-se a si mesmo e

assumiu a condição de escravo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi desobediente até a morte, e morte de cruz!" (Fl 2.7-8).
Deus escondeu o seu poder até ao ponto de as autoridades de Israel não o reconhecerem. É desta maneira que Deus se dirige às pessoas: sem intimidação, sem poder, na dependência de seres humanos, entregando a própria vida nas mãos de criminosos. Quem dirá que dessa maneira Deus faz violência às pessoas?
Como comentou Levinas, o outro é o desafio da liberdade, a provocação que a desperta. Diante do outro há duas atitudes: examiná-lo para ver em que ele me poderia ser útil ou qual é a ameaça que representa para mim, ou então, perguntar-me o que eu poderia fazer para ajudá-lo. A liberdade de Deus autolimita-se. Diante da sua criatura, Deus limita sua presença. Deus preferiu antes deixar que crucificassem o seu Filho a intervir para impedir tal justiça. Trata-se de fraqueza voluntária.
É verdade que durante muitos séculos, sobretudo na pregação popular, os pregadores apresentaram uma concepção bem diferente de Deus. Usaram temas e comportamentos da religião popular tradicional: medo diante do trovão, medo da seca e de cataclismas naturais – entendidos como castigos divinos –, medo das doenças recebidas também como castigos e assim por diante. Era fácil despertar o temor a partir de ideias puramente pagãs ou supersticiosas. Essa pregação de terrorismo religioso podia dar resultados imediatos, levando milhares de pessoas aos sacramentos. A longo prazo, porém, destruíram as bases da credibilidade da Igreja. Hoje a maioria das pessoas deixaram de ter medo do trovão, não sendo mais motivo para temer a Deus, como foi no passado. Naquele tempo achou-se válido o método do temor, todavia hoje recolhe-se os frutos dessa pastoral. Pensou-se que os povos precisassem temer um Deus forte – e desprezariam um Deus fraco. Tais erros se pagam cedo ou tarde. Estamos pagando hoje esse preço.

> Deus torna-se fraco porque ama. Quem mais ama é sempre mais fraco. Não será essa a grande característica das mulheres? Quase sempre amam mais, e, por isso, sofrem mais. Porém, nessa fraqueza consentida não estará a maior liberdade?
> Nessa fraqueza a pessoa vence todo o egoísmo, todo o desejo de prevalecer, toda a preguiça de aceitar maiores desafios. Exige mais de si própria, vai mais longe, além das suas forças. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (João 15.13). Aí está também a expressão suprema da liberdade. A fraqueza de Deus vai até ao ponto de se tornar suplicante. O versículo predileto do saudoso teólogo latino-americano Juan Luís Segundo diz; "Eis que estou batendo na porta: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei na sua casa e cearei com ele e ele comigo (Apocalipse 3.20). Deus bate na porta e aguarda. Se não é atendido, afasta-se e continua o caminho. Somente entra se é convidado. Depende do convite da pessoa. Deus torna-se pedinte, suplicante[13].

A "liberdade do compatibilismo" não se sustenta em sua argumentação interna, não responde à questão do pecado como um acinte, uma aberração contra Deus e não responde às perguntas que se levantam diante dos horrores de Auschwitz, Camboja, Ruanda, Iraque e Darfur.

Andrés Torres Queiruga tratou bem do dilema entre um Deus que metafisicamente é onipotente e relacionalmente frágil – porque ama – em "Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus":

> "O poder de Deus – talvez devêssemos dizer: sua poderosidade – continua intacto em sua imensidade misteriosa, mas agora vai se desvelando para nós em seu verdadeiro rosto. Deus não é "impotente", mas deixou de ser o regente que tudo manipula para revelar-se a nós como o criador capaz de entregar a criatura a si mesma (algo que, com foi visto muito bem por Schelling e por Kierkgaard, só ele – justamente por ser onipotente – pode fazer):seu próprio poder consiste em permitir-

lhe ser em conformidade com sua legalidade intrínseca, ainda que não, como em Epicuro, por desinteressar-se por nossos problemas, nem tampouco no ensimesmamento apático do deus aristotélico, mas acompanhando-a no delicado respeito por sua liberdade e na entrega de um amor incansável[14]

Notas Bibliográficas

[1] MUÑOZ, Ronaldo. *O Deus dos Cristãos*. Petrópolis: Vozes, 1986, p.79.
[2] TALBOT, Mark R. *Teismo Aberto*. São Paulo: Vida, p. 98.
[3] Jeremias, 26.2,3.
[4] SEGUNDO, Juan Luis. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* São Paulo: Paulinas, 1995, p. 154.
[5] O determinismo científico é válido para os experimentos empíricos. Sem ele não existiriam leis físicas, químicas, ou biológicas. O determinismo científico levou o astrônomo Laplace afirmar: Um calculador divino, que conhecesse a velocidade e a posição de cada partícula do universo num dado momento, poderia predizer todo o curso futuro dos acontecimentos na infinidade do tempo".
[6] SEGUNDO, Juan Luis. *Op. cit.*, p.166 e 168.
[7] TALBOT, Mark. *Op. cit.*, p.97.
[8] *ibid.*, p.100.
[9] *ibid.*, p.102 e 103.
[10] *Ibid.*, p.100.
[11] *Ibid.*, p.122.
[12] GRUDEN, Wayne. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p.1010.
[13] COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 65.
[14] QUEIRUGA, Andrés Torres. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 228.

Futebol, contingência e o Divino

Sou torcedor não fanático, mas devoto, do maior e melhor time do Brasil, o Corinthians. Dedico ao Timão alguns superlativos: eficientíssimo, grandessíssimo, gloriosíssimo. Não há como negar, o meu clube é tão especial que nem os lugares-comuns distoam: "a única esquadra que não tem torcida, mas uma nação"; "exemplo de desorganização que sempre dá certo"; "quem melhor representa o espírito maloqueiro nacional"; "encarnação de perseverança e fidelidade"; "não somos uma arquibancada, mas os Gaviões da Fiel".

Futebol tem poucas regras, não requer equipamentos sofisticados (os pobres fazem bolas estofando meias velhas) e pode ser jogado em qualquer terreno. Em seus primórdios, era tão sofisticado quanto o golfe nos dias atuais; no Brasil, apelidaram-no de futebol society porque atraia a burguesia. Hoje, mexe com o povão. Mas o que existe nele que nos enferma de paixão? Qual a mágica do jogo para extasiar multidões, de intelectuais a analfabetos?

Simples! Imprevisibilidade. No futebol, só se conhece o resultado de uma partida depois que o juiz apita o fim. A qualquer instante o impensável pode acontecer. E nem sempre o mais forte ganha. A famosa zebra existe, e vez por outra arruína com os prognósticos mais precisos. Quando duas equipes entram em campo, uma displicência pode alterar definitivamente o placar final. Se logo no início, o mais fraco marcar um gol, basta que fique na retranca, e por mais que o adversário tente não consegue reverter o escore.

Onde fica a relação do futebol com Deus? Na questão da imprevisibilidade. Deus tem ou não tudo sob controle? Se tem, o campeonato estadual, a qualificação para a próxima Copa do Mundo e o capitão que vai erguer o Caneco estão sob seu absoluto domínio. Acontece que ninguém de sã consciência concebe que oração, mandinga, sinal da cruz e despacho em encruzilhada se-

jam eficazes para direcionar o que acontece dentro das quatro linhas do relvado (se macumba ganhasse campeonato, o da Bahia terminaria empatado).

Exatamente! O magnífico do futebol são os acidentes de percurso. Em filosofia, acidente de percurso chama-se contingência. Contingência, portanto, é aquilo que é ou pode ser, mas não é necessário. Em outras palavras, não existe causa ou razão para que determinado evento aconteça. Um gol do Corinthians aos 48 minutos do segundo tempo, que o classificou para a final pode ter sido apenas um acaso. E nenhuma divindade, por mais poderosa e soberana que seja, necessita ser reivindicada para explicar o golaço – motivo da alegria para uma Nação, mas de infelicidade para os adversários.

Basta que se mantenha a lógica. Se em uma trivialidade, como a vitória de um time, não cabe reivindicar o controle divino, porque em outras, sim?

Não existe meio termo. Contingência esvazia a possibilidade de destino, maktube, predestinação, carma ou soberania. O contrário também é verdadeiro. Quando se aceita que Deus ordena todas as coisas e usa os acontecimentos para conduzir a história a um fim predeterminado, não existe contingência, acidente, acaso ou sorte.

Restam algumas perguntas: Os ganhadores das loterias cumprem algum propósito eterno? O médico incompetente que deixou a mulher tetraplégica agiu com o consentimento de Deus, para o seu bem? O obscuro jogador, que será guindado ao estrelato com a arrancada que fez a bola beijar o filó nos últimos segundo do jogo, foi auxiliado por um anjo?

Algumas pessoas confessam o absoluto controle de Deus e ficam zangados com quem questiona suas afirmações. Não se deve discutir religião, política e futebol, apenas perguntar se tais lógicas valem para todas as esferas da vida, inclusive, as triviais.

Acredito que vivemos em um mundo contingente. Aceito que

liberdade só é possível quando há acaso. Assim, não atribuo os acontecimentos que me rodeiam à vontade de Deus. Não acho que Deus, lá de cima, micro-gerencie a terra, semelhante a um títere onipotente. Discordo que Ele diga: "Isso eu deixo acontecer, porque me interessa" (vontade permissiva, no teologuês); ou: "Isso eu quero – ou não quero – que aconteça porque será importante para os meus planos – (vontade ativa).

Creio que Deus se relaciona com os seus filhos e filhas a partir de outra conexão. Para que seja possível aos humanos criar, inventar, escrever poesia, aprender a praticar justiça, é necessário que Ele consinta com a liberdade. O Deus creator convida a humanidade para ser parceira na construção da história. Javé não brinca de "faz-de-conta".

Quando sofremos, Deus sofre. Quando nos alegramos, Deus rejubila ao nosso lado. Quando guerreamos e milhões morrem desnecessariamente, Deus perde. Quando somos bons, solidários e justos, Deus ganha.

Na próxima vitória do Corinthians, Deus vai pular de alegria comigo; sem desprezar as lágrimas dos sãopaulinos, palmeirenses e santistas.

Rabiscos sobre o tempo

"O tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas" Foi assim que Gaston Bachelard interpretou a frase do historiador francês Gaston Roupnel (1872-1946): "O tempo só tem uma realidade, a do Instante".

O mistério do Tempo sempre me intrigou. Aliás, desde que deparei, pela primeira vez, com o pensamento de Agostinho, em que o bispo africano separava o Tempo em duas dimensões, o eterno e o histórico, passei a pesquisar o tema.

Jorge Luis Borges, em "História da Eternidade", afirmou que "o tempo é um problema para nós, um terrível e exigente problema, talvez o mais vital da metafísica; a eternidade, um jogo ou uma fatigada esperança". Borges refere-se ao Timeu de Platão para concluir que "o tempo é uma imagem móvel da eternidade; e isso é apenas um acorde que a ninguém distrai da convicção de ser a eternidade imagem feita de substância de tempo".

Em diversas tradições religiosas e filosóficas o Tempo foi cíclico, uma roda que se repete perpetuamente; uma inútil vaidade, que transparece na tardia influência grega no Eclesiástes: "Gerações vêm, gerações vão, mas a terra permanece para sempre. O sol se levanta, o sol se põe, e depressa volta ao lugar de onde se levanta. O vento sopra para o sul e vira para o norte; dá voltas e voltas, seguindo sempre o seu curso. Todos os rios vão para o mar, contudo, o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, para lá voltam a correr. Todas as coisas trazem canseira..." (Eclesiastes 1.4-8).

O próprio Borges, sem se referir ao texto bíblico, previu que as "eternidades platônicas correm o risco de se tornarem insípidas". Realmente, se tudo se repete num fluxo e refluxo monótono, o destino é inevitável, sobra o fatalismo.

O Tempo grego como uma engrenagem também é trágico, inexorável. A tragédia se popularizou pela antiguidade ocidental como um gênero literário porque lidava com o Tempo como um trilho de aço. Mulheres e homens podiam espernear contra sua sina, mas o mundo superior estava pronto, e, portanto, não permitia mudanças. Eis o motivo porque as forças impessoais que movem o cosmo, que regem a eternidade e que aguilhoam o tempo se tornaram inamovíveis para o mundo helênico. (O que será, será).

Mas, para o rabino britânico Jonathan Sacks, tragédia não tem equivalente na literatura hebraica ou bíblica; no "judaísmo não há destino inevitável". Os profetas saíam pelas ruas de Israel e Judá conclamando o povo a mudar o futuro. Nada tinha que ser como se prenunciava.

Infelizmente o cristianismo perdeu de vista a cosmogonia semítica para adotar, acriticamente, a grega. Agostinho, que bebeu mais das águas filosóficas neoplatônicas do que das narrativas judaicas, desenvolveu sua teologia considerando passado e futuro, eternamente, como um Agora num presente contínuo.

Para Agostinho, tudo foi providencialmente "escrito e determinado", nada pode alterar o que já está pronto. Em seus pressupostos, tudo pode ser contemplado pelo Deus eterno como uma só realidade já terminada; passado, presente e futuro são realidades simultâneas.

Por outro lado, o historiador das religiões Mircea Eliade, ao comparar, por exemplo, o cristianismo com o hinduísmo, afirmou que: "Para um hindu simpatizante do cristianismo, a inovação mais espetacular (se deixamos de lado a mensagem ou a divindade do Cristo) consiste na valorização do Tempo, em última análise na salvação do Tempo e da História".

Para ele, o cristianismo renuncia a reversiblidade do Tempo cíclico para impor um Tempo irreversível não no sentido de estar já pronto, mas por ser linear. O Tempo, no cristianismo, segue adiante e, portanto, cada instante tem um valor de eternidade.

"Pois desta feita as hierofanias manifestadas pelo Tempo não podem ser repetidas: o Cristo viveu, foi crucificado e ressuscitou uma única vez". Eliade, assim, aproxima o cristianismo do pensamento de Gaston Bachelard: "Daí vem uma plenitude do instante, a ontologização do Tempo: o Tempo consegue ser, o que quer dizer que ele pára de tornar-se, que se transforma em eternidade"

Vinicius de Moraes também intuiu, acertadamente, quando poetizou: "Eu possa dizer do meu amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama. Mas que seja infinito enquanto dure".

Para Eliade o evento distintivo que, por assim dizer, "eterniza" o instante seria o favorável, o "instante transfigurado por uma revelação (quer chamemos ou não este "momento favorável" de Kairós).

Assim, se na poesia o amor confere ao instante um valor eterno, na fé cristã, a manifestação de Deus na história é a Sua intenção salvadora (soteriológica) que confere Plenitude ao Tempo. "Como poderia ser inútil e vazio o Tempo que viu Jesus nascer, sofrer, morrer e ressuscitar? Como poderia ser reversível e repetir-se ad infinitum?" (Eliade).

A distinção que distinguirá o cristianismo do judaísmo, portanto, viria do acontecimento histórico que "revela o máximo de trans-historicidade: Deus não intervém apenas na História, como foi o caso do judaísmo; ele se encarna num ser histórico para sofrer a existência historicamente condicionada; aparentemente, Jesus de Nazaré não se diferencia em nada de seus contemporâneos da Palestina. Na aparência, o divino é totalmente oculto na história: nada deixa entrever na fisiologia, na psicologia ou na 'cultura' de Jesus, o Deus Pai em si; Jesus come, digere, sente sede ou calor como qualquer outro judeu da Palestina. Mas, na realidade ' esse acontecimento histórico', que constitui a existência de Jesus é uma teofania total..." (Eliade).

Borges conclui, formidavelmente, em "Nova Refutação do Tempo" que não se pode imaginar ou experimentar o Tempo como

mera simultaneidade: "And yet, and yet... Negar a sucessão temporal, negar o eu, negar o universo astronômico são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino (ao contrário do inferno de Swedenborg e do inferno da mitologia tibetana) não é terrível por ser irreal, é terrível porque é irreversível e férreo. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebata, mas eu sou o rio; é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, infelizmente, é real; eu, infelizmente, sou Borges".

Deus encarnou na história, se exilou no mundo, se esvaziou em seu Filho, andou manso e humilde entre mulheres e homens para que se reconceituesse a percepção da história, e se assumisse responsabilidade com o futuro (seremos complacentes ou transformadores?).

Eu não conseguiria fazer teologia sem dialogar com esses conceitos; acredito na linearidade histórica, plena de contingências existenciais; na liberdade de um mundo que Deus soberanamente organizou, pleno de surpresas e quanticamente aleatório.

Bibliografia:

Eliade, Mircea – Imagens e Símbolos – Martins Fontes, São Paulo, 2002.
Borges, Jorge Luis – Obras Completas, Tomos I e II, Editora Globo, São Paulo, 1999.
Jonathan Sacks – Uma Letra da Torá, Editora Sefer, São Paulo, 2002.

Para que insistir na fragilidade de Deus?

O suicídio é o nó mais apertado de desatar da filosofia e da teologia.

Imaginemos um debate sobre os limites da liberdade humana em um auditório lotado. De um lado os deterministas insistem que a cultura, a genética e as forças econômicas não deixam ninguém ser livre. À esquerda, os existencialistas balançam a cabeça repetindo chavões sartreanos e dizendo que não existe essência humana. No centro, os teólogos agostinianos, dedo em riste, negam o livre arbítrio. No fundo, alguns niilistas gritam que humanidade só pode ser construída com mulheres e homens donos de seu destino. Aí, no meio desse bate-boca, um suicida se levanta, põe o cano de um revólver na boca e puxa o gatilho.

Naquele instante em que o maluco escolhesse acabar com a própria vida, alguns debatedores, perplexos, apenas se olhariam sem saber o que dizer.

De olhos esbugalhados, deixariam algumas perguntas sem resposta. O acontecido foi "escrito e determinado" por Deus quando o sujeito ainda era tecido no ventre de sua mãe? Deus teria predestinado aquela morte na eternidade passada? Havia outra mão cobrindo a que executou o gesto, ajudando ou, pior, empurrando o suicida para o abismo final? Quais forças sociais, genéticas ou instintivas o levaram ao tresloucado ato?

Camus estava certo. O suicídio é o nó górdio da teologia e da filosofia. Ele é o mais radical e mais completo exemplo do livre arbítrio, da não interferência divina nas escolhas individuais e, repetindo Sartre, de "estarmos condenados à liberdade".

Se para Aristóteles, mulheres e homens se diferenciam dos animais por serem racionais, se para Descartes os humanos são mais excelentes por terem sentimentos, foi Rousseau quem fez da

liberdade o componente determinante da humanidade que, na expressão que ele gostava de usar, também pode ser chamado de "perfectibilidade".

Isso mesmo. Somos livres porque dispomos dessa capacidade de nos aperfeiçoar, ou nos destruir, ao longo da vida. Somente os humanos conseguem se libertar dos instintos naturais para construírem a história como um projeto em aberto.

Um cachorro que carinhosamente lambe a mão do seu dono não age por virtude, aquele gesto acontece sem que ele tenha qualquer noção de que poderia "preferir" mordê-lo. Contudo, quando um torturador arranca as unhas de um preso ou quando um marido espanca sua companheira, ele poderia, sim, "preferir" o contrário. Caso tivesse sido programado para agir, o crime seria inimputável, da mesma forma que um pit-bull que destroça uma criança não pode ser levado a um tribunal.

Liberdade significa agir sem ser empurrado, coagido, manipulado; uma ação só possui virtude ou perversidade se, na hora da escolha, também houver a possibilidade de se optar pelo seu oposto.

Teologicamente é possível afirmar que liberdade foi a maior dádiva que os humanos receberam de Deus. Com a liberdade, vem embutida a noção de que os humanos agem com virtude ou com vício. Existem fatos, eventos, designios, que não são coercitivos ou irresistíveis.

E mais, Deus só escolheu criar o mundo assim porque o propósito último da criação é o amor. Deus não criou por qualquer carência, ele não optou rodear-se de pessoas que pensam, criam, sentem e decidem porque obedecesse a alguém ou a alguma lei, ele criou na mais formidável de todas as gratuidades.

Ao criar seres com o objetivo relacional, Deus se expôs ao que jamais experimentaria caso nunca tivesse criado: dor e frustração. A liberdade humana é o limite (também o preço) que Deus se auto-impôs para concretizar seu amor nas mulheres e nos homens.

Esta fragilidade do amor divino pode ser bem compreendida tanto na história do profeta Oséias como na Parábola do Filho Pródigo. Nos dois exemplos, os amantes se vêem numa situação embaraçosa pelas opções tanto da mulher como do filho. Na parábola, o filho mais novo partiu e o pai nada pôde fazer a não ser esperar. Já o profeta foi obrigado a engolir seco a desdita de ter se casado com uma mulher leviana, que se prostituia com qualquer um. Mas como ele a amava, só lhe restava perdoar, esperando que a decisão de voltar fosse dela.

A liberdade humana também pode ser bem entendida se compararmos Deus a um imperador. Suponhamos que esse rei possuísse um harém com muitas mulheres, podendo dispor de qualquer uma. Contudo, imaginemos que um dia ele se apaixone por uma Sulamita.

Caso desejasse, bastaria uma ordem para ela ser trazida como objeto de prazer sexual. Mas esse monarca não deseja que seja assim, pois quer amá-la de verdade. Ele precisa conquistar seu coração para também ser dela. Assim, ao buscar amar, por mais poderoso e majestoso que seja, sua paixão o deixa vulnerável e indefeso.

Deus quer cativar seus filhos para querer bem e ser deles, eis a razão porque ele jamais forçaria que alguém o escolhesse – forçar e amar não combinam.

Para que dizer que Deus é frágil? Simplesmente porque ao insistir na fragilidade divina, entende-se melhor o seu amor; aprende-se a abrir mão da onipotência idólatra, para abraçar o Pai de Jesus Cristo. Falar da fragilidade divina significa buscar entender a força mais maravilhosa do universo que é o Agápe.

Não consigo acreditar numa divindade que tudo ordena, que tudo dispõe e que tudo orquestra. Realmente, eu não saberia amar um Deus que planejou, determinou e ajudou meu amigo Gustavo a se suicidar. Eu não conseguiria amar um Deus que, para promover sua própria glória, intencionou coisas horrendas como Aushwitz,

Ruanda e Iraque. Não, Deus não guia a bala perdida que mata crianças nas favelas.

Não creio que ele tenha uma "vontade permissiva" que deixa que horrores se alastrarem para subrepiticiamente cumprir uma "vontade soberana". Não o percebo com começo, meio e fim da história prontos; ou que no presente esteja contente em administrar cada nano evento preordenado em sua providência.

Por isso, prefiro crer na fragilidade de um Deus que é amor. Prefiro aceitar que o mal não fez parte de seu projeto inicial e que Deus sofreu, e ainda sofre, com a morte de inocentes, com a injustiça econômica global e com as guerras mais estúpidas.

Não acho certo que confundam Jesus de Nazaré com o deus frio e distante dos gregos e dos deterministas, eis porque escrevo sobre sua fragilidade.

Inconsistência, sinônimo de misericórdia

Faz tempo que já não simpatizo com algumas categorias teológicas do senso comum religioso. Uma delas tem a ver com a compreensão do poder divino. Enquanto as defendia, desejava proteger o nome de Deus de possíveis diminuições de sua onipotência. Hoje percebo que meu zelo se apoiava em algumas premissas da filosofia grega. Quando raciocinava sobre Deus e sobre o exercício de seu poder, inconscientemente repetia o conceito aristotélico do "Motor Imóvel". Acreditei numa divindade tão absolutamente perfeita, que nada podia afetá-lo.

Intrigado, comecei a me questionar porque Jesus Cristo escandalizou fariseus, saduceus e doutores da lei. Percebi que, havia séculos, os judeus aguardavam o Messias. Eles nutriam uma expectativa triunfalista para a chegada do Ungido de Deus. Em setores mais politizados de Israel, o Messias se manifestaria como o grande libertador, numa versão melhorada e glorificada de Moisés. Entre os mais ortodoxos – fariseus e levitas – o Messias viria para renovar os princípios da Torá, com um profetismo ainda mais contundente do que o de Elias.

Agora entendo um pouco melhor porque Jesus foi escândalo e loucura. Tanto judeus como gregos o perceberam como um retumbante fracasso. Ele simplesmente não deixava colar as expectativas helênicas ou farisaicas em si ou no Pai. O Deus de Jesus não se parecia com o "Motor Imóvel" de Aristóteles bem como nunca patrocinaria um Messias poderoso como imaginavam.

Se o Deus dos fariseus zelava para que a lei nunca fosse desobedecida, castigando duramente os pecadores, Jesus tornava essa mesma lei flexível em nome da misericórdia. A mulher apanhada em adultério viu como o poder do amor dobrou a rigidez do mandamento: "Onde estão os seus acusadores? Eu não condeno

você. Vá em paz e não peque de novo". A siro-fenícia, o centurião romano, a mulher "impura" por causa de uma menstruação crônica, o endemoninhado gadareno e o cego da calçada atestam que todos podem aproximar-se de Deus e que à sua volta os não-eleitos se sentirão acolhidos.

Jesus não revelou Deus como um juiz que persegue os rebeldes, mas como um pai ferido que aguarda, no alpendre, a volta do filho perdido. Ele "corre ao encontro" desse filho que, mesmo cheirando a porco, recebe beijos, e ganha anel e festança.

Se o farisaísmo antecipava um Deus mais forte que Baal, Jesus mostrava-se frágil, preferindo andar com pescadores; se queria um líder convocando exércitos mais destrutivos que as legiões romanas, Jesus colocava crianças no colo e dizia: "Dos tais é o Reino de Deus"; se ambicionava guindar Israel como nação líder do mundo, vingando inúmeros séculos de opressão, Jesus abria o rolo da lei numa sinagoga e lia que sua missão era com os desvalidos: "O Espírito do Senhor me ungiu para dar boas notícias para os pobres". Não teve jeito, com um discurso desses ele se condenava. Se Jesus era a expressa imagem de Deus, tinha que morrer. *Um Deus fraco não servia, e nem serve, aos interesses da religião* – qualquer uma.

Todavia a revelação que Jesus trouxe de Deus tanto eclipsava o Deus dos fariseus como o de Aristóteles. Jesus não se assemelhava em nada com a divindade como "Ato Puro" ou "Motor Imóvel". Em Cristo Deus não é apático; ele se comoveu de "viscerais afetos" por uma viúva a caminho de enterrar seu filho, chorou diante da sepultura do amigo (a dor humana dói em Deus – 'Em toda a angústia deles, foi ele angustiado' – Isaías 63.9), irritava-se quando a religião oprimia e entendia as lágrimas de uma prostituta.

O que verdadeiramente escandaliza no Deus de Jesus vem de sua tremenda inconsistência – e as melhores manifestações dessa inconsistência chamam-se misericórdia e graça. A alvissareira nova de Jesus é que Deus não se deixa prender por dogmatis-

mos, legalismos e determinismos, mas perdoa, restaura, reescreve histórias e caminha pacientemente ao lado da humanidade. Os fariseus se desesperaram com essa quebra de paradigma e, enlouquecidos, cometeram deicídio. Não suportavam que desmoronasse a teologia montada em um conceito de Deus intransigente e inamovível.

O Reino que Jesus inaugurou não possui paralelo com os reinos humanos. O Deus de Jesus sempre foi despercebido dos poderosos, pois ele submergiu entre os pequeninos – grãos de mostarda, meninos e meninas, ovelhas indefesas -; entre os inoperantes – servos inúteis –; entre os indignos – filhos pródigos, prostitutas, leprosos, cegos, mendigos; entre os estrangeiros – romanos, exorcistas informais.

Jesus veio mostrar aos homens que Deus escolheu vulnerabilizar-se devido ao seu amor e que esta fraqueza é mais forte do que qualquer conceito humano de poder; e que outras expressões divinas podem ser descartadas como ídolos.

Como se Deus não existisse

No século passado, Karl Marx e Sigmund Freud representavam duas grandes ameaças contra a religião. Marx afirmava que a igreja serve a interesses ideológicos de controle político e de subjugação econômica. Freud, por sua vez, percebia os mecanismos infantilizantes da religião quando sacerdotes projetam em Deus nosso desejo por um pai perfeito. Para ele, a prática religiosa condena homens e mulheres a viverem como eternas crianças, sempre precisando de intervenções sobrenaturais para enfrentar as agruras da vida.

É preciso dar a mão à palmatória. Os dois leram as instituições religiosas dos seus dias corretamente, principalmente a cristandade. Desde Constantino, o apelo do poder mostrou-se arrasador e irresistível nas igrejas. Infelizmente, os ensinos do Nazareno foram usados para autenticar o expansionismo imperialista e colonialista dos grandes impérios que se auto-proclamaram cristãos. Padres, pastores, bispos se vestiram como a grande prostituta do Apocalipse e se entregaram por qualquer preço. Monarcas beijaram anéis episcopais enquanto obrigavam seus donos a lamberem suas botas. Assim, os mercadejadores do templo precisaram distribuir ópio religioso para poderem fazer vista grossa e abençoar inúmeras carnificinas – dos Tsares russos ao Batista cubano; das aventuras ensandecidas de Isabel espanhola às dos Bush, pai e filho.

A adoração do "Deus provedor" ocidental deu razão a Freud, que denunciava os recintos religiosos como incubadoras de oligofrênicos. O proselitismo missionário foi feito, em grande parte, precisando de uma espiritualidade funcional. Na tentativa de mostrar a superioridade de Jeová sobre as demais divindades, criou-se um fascínio por milagres. "Nosso Deus funciona", clamaram os evange-

listas por séculos. Desse modo, o sobrenatural passou a ser compreendido como uma intervenção legitimadora daquele que é o verdadeiro "dono do pedaço". Assim, os crentes viciados em milagres se condenaram à freudiana dependência infantil.

Em minha opinião, só seria possível resgatar a mensagem de Jesus Cristo, caso a religião abrisse mão de suas hierarquias institucionais, demitisse elites, democratizasse o acesso a Deus, e esvaziasse os rituais da função de serem técnicas para se obter bênçãos. É importante que repensemos a fé, seguindo o exemplo de Jesus que viveu sem precisar de milagres e morreu sem apelar para os anjos. Iguais a ele, precisamos viver sem os cabrestos da religião e sem as intervenções de Deus.

Concordo com John Hick em "Evil and the God of Love" (New York, Harper & Row; London, Mcmillan, 1966, p. 317)

"Ao criar pessoas finitas para amar e serem amadas por ele, Deus precisa dotá-las com certa autonomia relativa quanto a si mesmo". Mas como pode uma criatura finita, dependente do Criador infinito quanto à sua própria existência e a cada poder e qualidade do seu ser, possuir qualquer autonomia significativa em relação a esse Criador? A única maneira que podemos imaginar é aquela sugerida pela nossa situação efetiva. Deus precisa colocar o homem à distância de si mesmo, de onde ele então pode vir voluntariamente a Deus. Mas como algo pode ser colocado à distância de alguém que é infinito e onipresente? É óbvio que a distância espacial não significa nada nesse caso. O tipo de distância entre Deus e o homem que criaria certo espaço para certo grau de autonomia humana é a distância epistêmica. Em outras palavras, a realidade e a presença de Deus não devem se impor ao homem de forma coercitiva como o ambiente natural se impõe à atenção deles. O mundo deve ser para os homens, pelo menos até certo ponto,etsi deus non daretur, "como se Deus não existisse". Ele precisa ser cognoscível, mas apenas por um modo de conhecimento que implique uma resposta livre da parte do homem, consistindo essa

resposta em uma atividade interpretativa não-compelida através da qual experimentamos o mundo como realidade que media a presença divina".

Uma nova igreja precisa se desvincular de seu fascínio pelo poder, qualquer um: político, econômico, militar ou espiritual. Repito, urge que homens e mulheres construam sua humanidade, sendo sal da terra e luz do mundo, sem necessitar de repetidos socorros celestiais.

Deus nos livre de um país evangélico

Começo este texto com uns 15 anos de atraso. Eu explico. Nos tempos em que outdoors eram permitidos em São Paulo, alguém pagou uma fortuna para espalhar vários deles, em avenidas, com a mensagem: "São Paulo é do Senhor Jesus. Povo de Deus, declare isso".

Rumino o recado desde então. Represei qualquer reação, mas hoje, por algum motivo, abriu-se uma fresta em uma comporta de minha alma. Preciso escrever sobre o meu pavor de ver o Brasil tornar-se evangélico. A mensagem subliminar da grande placa, para quem conhece a cultura do movimento, era de que os evangélicos sonham com o dia quando a cidade, o estado, o país se converterem em massa e a terra dos tupiniquins virar num país legitimamente evangélico.

Quando afirmo que o sonho é que impere o movimento evangélico, não me refiro ao cristianismo, mas a esse subgrupo do cristianismo e do protestantismo conhecido como Movimento Evangélico. E a esse movimento não interessa que haja um veloz crescimento entre católicos ou que ortodoxos se alastrem. Para "ser do Senhor Jesus", o Brasil tem que virar "crente", com a cara dos evangélicos.

Avanços numéricos de evangélicos em algumas áreas já dão uma boa ideia de como seria desastroso se acontecesse essa tal levedação radical do Brasil.

Imagino uma Genebra brasileira e tremo. Sei de grupos que anseiam por um puritanismo moreno. Mas, como os novos puritanos tratariam Ney Matogrosso, Caetano Veloso, Maria Gadu? Não gosto de pensar no destino de poesias sensuais como "Carinhoso" do Pixinguinha ou "Tatuagem" do Chico. Será que prevaleceriam as

paupérrimas poesias do cancioneiro gospel? As rádios tocariam sem parar "Vou buscar o que é meu", "Rompendo em Fé"?

Uma história minimamente parecida com a dos puritanos provocaria, estou certo, um cerco aos boêmios. Novos Torquemadas seriam implacáveis e perderíamos todo o acervo do Vinícius de Moraes. Quem, entre puritanos, carimbaria a poesia de um ateu como Carlos Drummond de Andrade?

Como ficaria a Universidade em um Brasil dominado por evangélicos? Os chanceleres denominacionais cresceriam, como verdadeiros fiscais, para que se desqualificasse o alucinado Charles Darwin. Facilmente se restabeleceria o criacionismo como disciplina obrigatória em faculdades de medicina, biologia, veterinária. Nietzsche jazeria na categoria dos hereges loucos e Derridá nunca teria uma tradução para o português.

Mozart, Gauguin, Michelangelo, Picasso? No máximo, pesquisados como desajustados para ganharem o rótulo de loucos, pederastas, hereges.

Um Brasil evangélico não teria folclore. Acabaria o Bumba-meu-boi, o Frevo, o Vatapá. As churrascarias não seriam barulhentas. O futebol morreria. Todos seriam proibidos de ir ao estádio ou de ligar a televisão no domingo. E o racha, a famosa pelada, de várzea aconteceria quando?

Um Brasil evangélico significaria que o fisiologismo político prevaleceu; basta uma espiada no histórico de Suas Excelências nas Câmaras, Assembleias e Gabinetes para saber que isso aconteceria.

Um Brasil evangélico significaria o triunfo do "american way of life", já que muito do que se entende por espiritualidade e moralidade não passa de cópia malfeita da cultura do Norte. Um Brasil evangélico acirraria o preconceito contra a Igreja Católica e viria a criar uma elite religiosa, os ungidos, mais perversa que a dos aiatolás iranianos.

Cada vez que um evangélico critica a Rede Globo eu me

flagro a perguntar: Como seria uma emissora liderada por eles? Adianto a resposta: insípida, brega, chata, horrorosa, irritante.

Prefiro, sem pestanejar, textos do Gabriel Garcia Márquez, do Mia Couto, do Victor Hugo, do Fernando Moraes, do João Ubaldo Ribeiro, do Jorge Amado a qualquer livro da série "Deixados para Trás" ou do Max Lucado.

Toda a teocracia se tornará totalitária, toda a tentativa de homogeneizar a cultura, obscurantista, e todo o esforço de higienizar os costumes, moralista.

O projeto cristão visa preparar para a vida. Cristo não pretendeu anular os costumes dos povos não-judeus. Daí ele dizer que a fé de um centurião adorador de ídolos era singular; e entre seus criteriosos pares ninguém tinha uma espiritualidade digna de elogio como aquele soldado que cuidou do escravo.

Levar a boa notícia não significa exportar uma cultura, criar um dialeto, forçar uma ética. Evangelizar é anunciar que todos podem continuar a costurar, compor, escrever, brincar, encenar, praticar a justiça e criar meios de solidariedade; Deus não é rival da liberdade humana, mas seu maior incentivador.

Portanto, Deus nos livre de um Brasil evangélico.

A igreja e o big business

Operado de uma hérnia simples, vi-me obrigado a uma razoável quarentena em casa. Com bastante tempo livre, resolvi, por um dia, mergulhar no mundo televisivo. Liguei minha Sony e, com o controle remoto na mão, viajei, via cabo, às diversas opções oferecidas pela mídia eletrônica. À noite, senti-me vencido. Aquilo a que assisti não era lazer, tampouco cultura. Era pura perda de tempo.

Cada dia mais me espanto com a superficialidade de minha geração. Na televisão, os noticiários estão cada vez mais rasos; evitam os temas relevantes, fogem da discussão imparcial. A "ratinização" dos programas de auditório chega a agredir o bom senso. A dramaturgia das novelas é um acinte á arte teatral. Os diálogos são patéticos. Bons atores são logo substituídos por moças e rapazes bonitinhos. Não sabendo representar, mecanicamente repetem *scripts*. Os programas infantis em nada educam. Simplesmente enchem os cofres de suas apresentadoras, que nada têm na cabeça e que ensinam comportamentos éticos, no mínimo, questionáveis.

Na música, as letras medíocres, para fazer sucesso, necessitam apelar para sentidos ambíguos. Os rebolados das dançarinas tentam compensar a rima pobre. Os grandes poetas e músicos se esforçam, mas parecem carecer da inspiração de tempos não muito antigos, quando escreviam e cantavam com maestria.

Os filmes, fazendo apologia da violência, exploram o macabro e o terror. Não conseguem criar tramas inteligentes. Mostram-se, em nossas telas, produções com enredos repetitivos, claramente visando ao lucro. Os filmes são destituídos do ideal de fazer arte.

As revistas que entulham as bancas e os livros que aparecem nas listas dos *best-sellers* são risíveis, do ponto de vista literário.

Os estudiosos de nossos tempos dizem que uma das características da pós-modernidade é a falência da chamada "alta cultura" e a emergência da "cultura *pop*". Por "alta cultura" devemos entender o esforço humano de dar estrutura à vida. É a complexa produção humana que inclui o saber, crenças, arte, moral, leis, costumes e todas as expressões humanas.

A INDÚSTRIA CULTURAL

A cultura *pop* fortaleceu-se com a massificação dos meios de comunicação. A indústria da informação e do lazer, que oferece um franco acesso ao conhecimento, vagarosamente nivelou a produção cultural por baixo. Hoje, poucos conhecem Shakespeare, nunca leram Dostoievski, mal saberiam mencionar algum livro de Machado de Assis ou de Graciliano Ramos. Rapazes e moças detestariam uma ópera de Wagner ou de Carlos Gomes. A grande maioria nunca leu Carlos Drummond nem sabe dizer quem foi Fernando Pessoa. Em compensação, conhece bem os filmes de Van Damme e Bruce Willis. Gosta de ler Paulo Coelho e canta as músicas do Tchan. Meninos e meninas ainda cantarolam as letras dos Mamonas Assassinas. Diariamente acompanham a novela das oito, dando-lhe índices de audiência acima de cinqüenta pontos. Adolescentes deliram com a mocinha vestida em roupas íntimas, insinuando cenas de sadomasoquismo.

O Ocidente terminou o século XX impregnado de uma cultura *pop*, que Richard Hamilton, artista inglês, conseguiu descrever como "dirigida às massas, compreensível sem exigir reflexão, facilmente substituível por outra emoção, produzida às pressas, sensual, glamourosa, aética e sempre visando o máximo de lucro".

A produção cultural do Ocidente empobreceu. Daí a pertinência do lamento de T. S. Eliot:

Onde está a vida que perdemos vivendo? Onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento? Onde está o

conhecimento que perdemos com a informação? Os ciclos do céu em vinte séculos nos levaram para mais longe de Deus e mais próximo do pó.

A IGREJA

Mais triste é constatar que a igreja também foi afetada por essa cultura de massas. Primeiro nos Estados Unidos, depois na Europa e agora na América Latina, há uma forte tendência de transformar a igreja em *big business*. Pior, *big business* do lazer espiritual.

Pastores e padres abandonaram sua vocação de portadores de boas novas. Assumiram novos papéis: animadores de auditórios e levantadores de fundos. O púlpito transformou-se em mero palco. A igreja, simples platéia. O clero arremedou a fama dos artistas. Com estilos de vida extravagantes e caros inebriam as multidões que também almejam galgar a celebridade.

Outros enxergaram-se como empresários, vestiram-se como empresários e, pasmem, contrataram guarda-costas armados para se protegerem. Acham-se seqüestráveis. Os cultos já não estão centrados na máxima de João Batista: "Importa que Ele cresça e que eu diminua". Sermões podem ser facilmente confundidos com palestras de neurolingüística. Cantores e "artistas" se atropelam, querendo renome e gordos cachês. O cristianismo ocidental não conseguiu salgar, perdeu o sabor e conformou-se em ser raso. Os vendilhões do templo voltaram e armaram suas tendas.

Infelizmente, atraem-se grandes multidões não pela força argumentativa do evangelho, mas pelo bem concatenado *marketing*. Impressionam-se as platéias pela capacidade de aproximar a linguagem religiosa da cultura *pop* e não por propor conteúdos sólidos de vida. Até pouco tempo atrás, as igrejas neopentecostais acreditavam que seu descomunal crescimento vinha de uma bênção especial de Deus sobre suas novas propostas de prosperidade. Hoje, a explosão *pop* do catolicismo já atrai multidões tão numerosas

quanto as dessas bem sucedidas igrejas evangélicas. Prova-se assim que qualquer credo ou confissão religiosa que souber promover um culto com as mesmas características da cultura *pop* também experimentará um crescimento vertiginoso.

Sempre que a igreja começou a percorrer uma senda perigosa e a aproximar-se dos sistemas doentes que deveria denunciar, houve fortes movimentos contrários. Quando Roma parecia estar à venda e o clero católico se emaranhou com o poder dos reis, as ordens monásticas apareceram. Quando Tetzel vendeu indulgências, prometendo menos sofrimento no purgatório em troca de algumas moedas, Lutero protestou. Quando a igreja protestante se institucionalizou e perdeu relevância, surgiram os anabatistas, propondo a separação radical da igreja e do estado. Quando a rigidez teológica tentava sufocar a ação de Deus, os pentecostais levantaram-se mostrando que Ele age como quer e não respeita as sistematizações humanas.

Uma nova reforma

Precisamos de novos movimentos de reforma e protesto dentro do cristianismo ocidental. Os desafios de hoje requerem que os pastores voltem a apascentar o rebanho de Deus, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto (1 Pe 5.2). Que as igrejas sejam espaços de fraternidade onde nos revestimos como "eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade" (Cl 3.12).

Diante do estrelismo, os pastores precisam optar pela discrição; reaprender a ser singelos de coração. Devem lembrar-se de uma citação antiga: "A glória é como um círculo n'água que nunca deixa de aumentar, até que por força de seu próprio crescimento dispersa-se em nada".

O crescimento numérico das igrejas engana. Tem mais a ver com fenômenos sociais que com uma legítima ação do Espírito

Santo. Líderes religiosos devem evitar essa corrida insana de notoriedade. A riqueza e popularidade de alguns nada significam nas realidades espirituais. Euclides da Cunha advertia em *Os Sertões*: "Se um grande homem pode impor-se a um grande povo pela influência deslumbradora do gênio, os degenerados perigosos fascinam com igual vigor as multidões tacanhas". Deixemos que o apóstolo Paulo fale novamente aos nossos corações: "Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para conseguir Cristo" (Fp 3.7-8).

A igreja será sal e luz somente quando caminhar na rota inversa das tendências de sua geração e mostrar-se simples em suas ambições. Caso contrário, continuará, como o anjo da igreja em Laodicéia, dizendo a si mesma: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma". Mas ouvirá de Cristo: "Nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu". Que Deus nos ajude a comprar ouro refinado pelo fogo para nos enriquecer, vestiduras brancas para nos vestir, a fim de não ser manifesta a vergonha da nossa nudez. Compremos colírio para ungir os nossos olhos e vejamos (Ap 3.17-18).

Igrejas também morrem

Na Inglaterra, entrei em um salão de *snooker* sentindo náuseas. A vertigem que invadiu meu corpo foi diferente de tudo que já sentira antes. As mesas verdes espalhadas pelo largo espaço lembravam-me um necrotério. Eu explico o porquê. Aquele salão havia sido a nave de uma igreja, que definhou através dos anos, até ser vendido. O pastor que me levou nessa insólita visita relatou que na Inglaterra há um grande número de igrejas que morreram lentamente. Devido aos altos custos de manutenção, só restava ao remanescente negociá-las. Os maiores compradores, segundo ele, são os muçulmanos, donos de lojas de antigüidades e, infelizmente, de bares e boates. Vendo o púlpito talhado em pedra com inscrições de textos bíblicos — "Pregamos a Cristo crucificado"; "O sangue de Cristo nos purifica de todo pecado" —, voltei no tempo e lembrei-me de que aquela igreja, fundada durante o avivamento wesleyano, já fora um espaço de muita vitalidade espiritual. As placas de granito e mármore, ainda fixadas nas paredes, mostravam que naquele altar — então balcão do bar — pregaram pastores e missionários ilustres. Imaginei aquele grande espaço, hoje cheio de homens vazios, lotado de pessoas ansiosas por participarem do mover de Deus que varria toda a Inglaterra. Perguntei a mim mesmo: "o que levou essa congregação a morrer de forma tão patética?" Nesses meus solilóquios, pensei no Brasil.

Semelhantemente ao avivamento wesleyano, experimentamos um crescimento numérico nas igrejas brasileiras. Há uma efervescência religiosa em nosso país. As periferias das grandes cidades estão apinhadas de templos evangélicos, todos repletos. Grandes denominações compram estações de rádio e televisão. Cantores evangélicos gravam e vendem muitos CD's. Publicam-se revistas e livros. Comercializam-se bugigangas religiosas nas vári-

as livrarias, que também se multiplicam, interligadas pelo sistema de franquias. Por outro lado, diferentemente do que aconteceu na Inglaterra, o despertamento religioso brasileiro tem uma consistência doutrinária rala, demonstra pouca preocupação ética e um mínimo de impacto social.

Os desdobramentos dessas constatações são preocupantes. Se, com toda a firmeza doutrinária, ética e disciplina anglo-saxônica aquelas igrejas morreram, o mesmo pode acontecer no Brasil? Infelizmente sim. As razões que implodiram inúmeras congregações européias, obviamente, são diferentes. Lá, houve um forte movimento anticlerical motivado pela secularização do Estado e das universidades. A teologia liberal minou o ânimo evangelístico e os processos de institucionalização do que era apenas um movimento jogaram a última pá de cal nos sonhos dos antigos avivalistas ingleses.

Quais os perigos que ameaçam o futuro do movimento evangélico brasileiro? Alguns já se mostram de forma exuberante.

A TRIVIALIZAÇÃO DO SAGRADO

Visitar qualquer igreja evangélica no Brasil é oportunidade para perceber uma forte tendência teológica e litúrgica na busca de uma divindade que se molde aos contornos teológicos dessa igreja e que ofereça apoio aos anseios e caprichos pessoais. Faltam temor e espanto diante de Deus. O único medo é o do pastor: de que a oferta não cubra as despesas e os seus planos de expansão. A cultura evangélica nacional está fomentando uma atitude muito displicente quanto ao sagrado. O deus que está a serviço de seu povo para lhes cumprir todos os desejos certamente não é o Deus da exortação de Hebreus 12.28-29: "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor". O tom de voz exigente e determinante como se fala com Deus hoje deixa dúvida quanto a quem é o se-

nhor de quem. As experiências que só geram arrepios pelo corpo são relatadas como se Deus fosse apenas um estimulante químico. Certos pastores dizem falar e ouvir a voz de Deus — para serem contraditos pelas suas próprias falsas profecias — sem levar em conta que Deus "não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êx 20.7). Os milagres, aumentados pela manipulação, revelam falta de temor. O descaso com o sagrado é uma faca de dois gumes. Se, por um lado, demonstra grande familiaridade, por outro, gera complacência. Complacência e enfado são sinônimos entre si. Se nos acostumarmos com o mistério de Deus e trivializarmos sua presença, acabaremos colocando-o na mesma categoria de nossos encontros mais corriqueiros, daqueles que podem ser adiados ou não, dependendo de nossas conveniências. Acabaremos entediados de Deus.

O esvaziamento dos conteúdos

Uma das marcas mais patéticas do tempo em que vivemos é a repetição maçante de jargões nos púlpitos evangélicos. Frases de efeito são copiadas e multiplicadas nos sermões. Algumas, vazias de conteúdo, criam êxtases sem nenhum desdobramento. Servem para esconder o despreparo teológico e a falta de esmero ministerial. Manipulam-se os auditórios, eleva-se a temperatura emotiva dos cultos, mas não se cria um enraizamento de princípios. Gera-se um falso júbilo, mas não se fornecem ferramentas para criar convicções espirituais. Hannah Arendet, filósofa do século XX, ao comentar sobre o fato de que Eichmann, nazista, braço direito de Hitler, respondeu com evasivas às interrogações do tribunal de guerra que o julgava sobre seus crimes, afirmou:

Clichês, frases feitas, adesões a condutas e códigos de expressão convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos.

Qual será o futuro dessa geração que se contenta com um papagaiar contínuo de frases ocas que só prometem prosperidade, vitória sobre demônios e triunfo na vida?

A MISTURA DE MEIOS E FINS

Por anos, combateu-se a idéia de que os fins justificavam os meios, porque essa premissa justificava comportamentos aéticos. Hoje o problema aprofundou-se. Não se sabe mais o que é meio e o que é fim. Não se sabe mais se a igreja existe para levantar dinheiro ou se o dinheiro existe para dar continuidade à igreja. Canta-se para louvar a Deus ou para entretenimento do povo? Publicam-se livros como negócio ou para divulgar uma idéia? Os programas de televisão visam popularizar determinado ministério ou a proclamação da mensagem? As respostas a essas perguntas não são facilmente encontradas. Cristo não virou as mesas dos cambistas no templo simplesmente porque eles pretendiam prestar um serviço aos peregrinos que vinham adorar no templo. Ele detectou que os meios e os fins estavam confusos e que já não se discernia com clareza se o templo existia para mercadejar ou se se mercadejava para ajudar no culto. A obsessão por dinheiro, a corrida desenfreada por fama e prestígio, e a paixão por títulos revelam que muitas igrejas já não sabem se existem para faturar. Muitos líderes já não gastam suas energias buscando um auditório que os ouça, mas procuram uma mensagem que segure o seu auditório. A confusão de meios e fins mata igrejas por asfixia.

O livro do Apocalipse mantém a advertência, muitas vezes despercebida, de que igrejas morrem. As sete igrejas ali mencionadas — inclusive a irrepreensível Filadélfia — acabaram-se. Resumem-se a meros registros históricos. Não podemos achar abrigo na promessa de Mateus 16.18 — de que as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja — para justificar qualquer irresponsabilidade. Apocalipse adverte: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e

volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas" (Ap 2.5).

Crescer numericamente não imuniza a igreja de perigos. Pelo contrário, torna-a mais vulnerável. Resta perguntar: será que agora, famosos e numericamente profusos, não estamos precisando de profetas? Será que o tão propalado avivamento evangélico brasileiro não necessita de uma reforma? Aprendamos com a história. Um pequeno desvio hoje pode tornar-se um abismo amanhã. Imaginar que podemos condenar nossas igrejas a se tornarem bares de *snooker* é um sonho horrível. Porém, se não fizermos algo, esse pesadelo pode se tornar realidade. Que Deus nos ajude.

A pós-modernidade - seus desafios e oportunidades

No início de 1996, a televisão mostrou uma retrospectiva da trajetória musical dos Beatles. Nostalgias à parte, ver aquelas cenas levou-me a refletir. Faço parte de uma geração que pensava nunca envelhecer. Os acontecimentos dos anos 60 e 70 foram fortes demais para nós, quando adolescentes. Conseguimos revolucionar os padrões não só da música, mas também da filosofia, dos costumes e da própria concepção de vida. Sentíamo-nos eternos; de uma vanguarda histórica.

Com aqueles vídeos (ainda em preto e branco), percebi que envelhecemos sim. A bateria que o Ringo Star tocava naqueles dias, se comparada à que os adolescentes tocam em minha igreja, parece um 14-Bis diante de um desses aviões supersônicos modernos. Foi assim que me dei conta de que a velocidade das mudanças que nossa sociedade experimenta nos atropelou.

Nesses brevíssimos trinta anos, nasceram o videocassete, o disco *laser*, o telefone celular, o fax, o relógio digital, o forno de microondas; a engenharia genética ganhou força; o comunismo soviético ruiu; o islamismo avivou-se; o terrorismo recrudesceu; a religião da Nova Era tornou-se moda; a Aids virou maldição e o suicídio tornou-se opção médica. Os restaurantes passaram de *drive-in* para *drive through*.

Junto com o frenesi dessa corrida materialista e consumista, aconteceu uma violenta migração para os grandes centros urbanos, tornando o mercado competitivo e forçando as pessoas a viver com um número muitíssimo maior de outras pessoas diferentes. Nasceu a globalização do mercado, o neoliberalismo e a pluralização da sociedade.

Amontoando as pessoas nos grandes centros urbanos, explodiu a violência, a família perdeu vínculos de afeto, floresceu a necessidade de lazer e o comércio de drogas cartelizou-se.

Nesse emaranhado de forças novas atuando sobre as pessoas, não se sabe mais o que é certo, onde está o limite da violência ou do amor *(Pulp Fiction, Seven, Nascido para Matar)*, quais as fronteiras da sanidade mental *(Don Juan de Marco, Um Estranho no Ninho)*, ou se os sentimentos são meras reações químicas, às vezes mais nobres em um andróide *(Robocop, ET, Blade Runner)*. "Não há centro" — proclamam os eruditos; "O centro é você" — reivindicam os psicoterapeutas; "Nada disso é importante, divirta-se" — prega o hedonista moderno. O que é belo? O culto do *trash*? Boy George, Madonna, Michael Jackson, Mamonas Assassinas?

Nos últimos trinta anos percebeu-se também que essas forças da modernização desperdiçavam irresponsavelmente os recursos da natureza. Nasceu uma consciência ecológica mais engajada, desembocando até mesmo numa espécie de neopaganismo, no qual a "mãe natureza" é adorada. Sob uma redoma de monóxido de carbono, a pós-modernidade sonha com o paraíso perdido *(Dança com Lobos)*; mas sabe que não há nenhum Éden vindouro, pois ninguém quer abrir mão do automóvel, do jato ou do gás que refrigera a geladeira.

Dos Beatles para cá, a pós-modernidade alcançou o seu apogeu. Jogou fora todos os antigos paradigmas e não se preocupou em reelaborar novos; sem passado e sem futuro, reviveu um estoicismo diferente, que não cultua apenas a indiferença, mas o desejo de ser indiferente, até mesmo para com a indiferença.

Desde aqueles remotos anos 60, quando os Beatles trouxeram um avivamento das religiões orientais, já se prenunciava uma espiritualidade sem Deus, que se contentasse em desenvolver o "potencial divino das pessoas" e buscasse "domesticar as energias do universo".

A pós-modernidade seguramente significa o maior desafio para o cristianismo, desde que Ariano tentou pregar que Cristo não era divino. Vejamos por quê:

NA PÓS-MODERNIDADE, A FÉ TEM SIDO CONDENADA A UMA ESFERA PRIVADA

A concepção do indivíduo pós-moderno quanto à religião é sempre personalizada, nunca coletiva ou social. Jair Ferreira dos Santos afirma que o "homem pós-moderno não é religioso, é psicológico. Pensa mais na expansão da mente que na salvação da alma". Não se preocupa com o transcendente, apenas com o desenvolvimento de seus potenciais internos. Assim, a fé não precisa ser provada verdadeira, basta que funcione, que alcance os seus objetivos de liberar o ego de suas fronteiras. Qual o impacto social da fé, numa ambiência assim? Nenhum. Daí se explicar os 85% de americanos que se dizem cristãos e são incapazes de gerar mudanças significativas na sua cultura. Dá para entender porque o cristianismo latino-americano cresceu tanto sem conseguir impactar a cultura de morte que impera por aqui. Internamente, a pós-modernidade também influenciou o cristianismo. Se é da alçada privada de cada um, não há mais uma preocupação genuína quanto à ortodoxia, perdeu-se o sentido de militância para a transformação social, e o discipulado hoje não passa de um aprendizado de técnicas que ajudam as pessoas a se sentirem melhor.

NA PÓS-MODERNIDADE, O CRISTIANISMO FOI ARROLADO COMO APENAS MAIS UMA RELIGIÃO NO NOVO PANTEÃO DA FÉ

Sem referencial objetivo da verdade, as pessoas passaram a encarar a religião não como verdadeira, mas apenas como útil. A teologia cedeu espaço para a sociologia: estudar Deus não importa tanto ao estudante pós-moderno, quanto pesquisar o comportamento das pessoas em relação a Deus. Em artigo na *Folha de São Paulo* de 15 de setembro de 1995, em que tece comentários sobre a disputa entre duas redes de televisão, Marcelo Coelho conseguiu

sintetizar bem o que pensa a pós-modernidade quanto à religião, numa simples frase, que é o subtítulo do artigo: "Não há diferença entre ser otário na Record, na Globo, na missa ou nos cultos do bispo Edir Macedo". E termina afirmando:

Católico ou evangélico, muçulmano ou budista, pouco importa. A outra alternativa é a diversão alienante, a *estupidização* televisiva, o *zumbizismo* da televisão, dos *video games*, das novelas da Globo... Mas dá no mesmo, Globo, Record, igrejas, que briguem o quanto quiserem. Que importância tem se é o Palmeiras, o Corinthians ou o São Paulo quem ganhou o campeonato?

O cristianismo disputa o mesmo espaço que a psicanálise, psicodrama, gestalt, bioenergética, biodança, grito primal, runas, tarô e meditação transcendental, com uma desvantagem: sua mensagem parece intolerante e antiecumênica.

NA PÓS-MODERNIDADE, AS FORÇAS DO MERCADO PASSARAM A REPRESENTAR UM NOVO DESAFIO PARA O CRISTIANISMO

Atualmente, uma gama de bens e serviços são oferecidos em abundância, obedecendo rigorosamente às leis de mercado. A ganância das pessoas se revelou no neoliberalismo com a exacerbação do individualismo e a falência do Estado. O axioma do neoliberalismo é cada um por si, cada um tentando maximizar seus ganhos. Nesse sistema sobrevivem apenas os mais fortes. Qualquer pessoa, física ou jurídica, que deseje se viabilizar na grande cidade necessita girar seu capital velozmente. Desenvolveram-se para isso técnicas de vendas e de serviços a um custo relativamente rápido e com retorno comprovado. Essas forças agem também sobre a igreja. Hoje já não há mais igreja, étnica ou histórica, que disponha de um mercado cativo. Cada denominação, igreja ou religião necessita hoje sair em busca de seguidores, entendendo que, considerando-os como clientes, eles escolherão a mensagem que lhes soar como melhor produto. A tentação consiste em apelar para técnicas mercadológicas que

dêem resultados rápidos, negociando os conteúdos da pregação. Alguns redutos cristãos não conseguiram resistir a esses apelos. Igrejas tornaram-se meros centros de *shows*, o pregador, um simples animador de auditório e a mensagem, parecida com o sedutor apelo das novas técnicas da neurolingüística: prometendo riqueza, felicidade e prosperidade para todos.

Como pastor local indago-me diariamente como nossa comunidade pode enfrentar os desafios da pós-modernidade. Como posso manter minha fé e a relevância do ministério?

a) A mensagem do Evangelho redescobre o passado. Como o homem pós-moderno não possui raízes, falar de uma fé que seja alicerçada no passado não consiste em mero saudosismo, mas em resgatar identidade e sabedoria. Não podemos permitir que a pós-modernidade nos torne órfãos de nossa identidade apostólica, de nossas heranças reformadas e de nossa breve, contudo rica, história como igreja brasileira. Somente aqueles que têm firmes bases no passado conseguem ousar para o futuro.

b) A mensagem do evangelho afirma a individualidade sem sucumbir ao individualismo. Ao afirmar a verdade de um Deus pessoal e seu relacionamento com pessoas, a mensagem cristã ressalta nossa individualidade. Mesmo sendo forçados a conviver em meio a multidões, a identidade das pessoas é estabelecida pela fé em um Deus que se relaciona amorosamente com cada um de per si.

c) A mensagem do evangelho restabelece a verdade objetiva e transcendente. A verdade no evangelho não se restringe a uma percepção emocional ou psicológica dos fatos, mas se estende à esfera do eterno, o que pode ser objetivamente apreendido. Cansados de se debaterem no emaranhado de suas próprias teorias, homens e mulheres têm sede da verdade. As palavras de Jesus ainda alcançam vidas como água refrescante para o coração sedento.

d) O cristianismo convoca o homem pós-moderno a ter esperança. Nestes dias em que viceja o niilismo, o nada, o vazio, a pregação

de que Deus vive serve de alento e esperança. A grande expansão da teoria do *big-bang* não redundará em uma cósmica entropia. Falar que Deus controla todas as coisas e que a humanidade caminha para o cumprimento de sua vontade sobressai como a mais alvissareira de todas as notícias para o homem pós-moderno.

Ser igreja na pós-modernidade é o maior desafio e a maior oportunidade para o cristianismo.

Quem sobreviver verá...

Jesus no contrafluxo da história

Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida. Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade, para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías: Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios. (Mt 12.14-21.)

Há alguns anos atrás fui convidado para dar uma aula sobre o pentecostalismo numa faculdade de filosofia. Consciente de que o ambiente em cursos de filosofia nem sempre é amigável para com os religiosos, especialmente os evangélicos, apresentei brevemente a história do movimento pentecostal. Quando terminei de falar, o professor abriu oportunidade para perguntas e respostas. Foi então que quase fui crucificado. As perguntas foram apimentadas, picantes, do tipo:

— Pastor, o senhor concorda que, observando a história da humanidade, dificilmente uma pessoa se converteria? Por que os ensinos do evangelho produzem muito mais exemplos de crueldade do que de amor ao próximo?
— Onde estava Deus quando a Igreja Católica estava queimando milhares de pessoas na fogueira da Inquisição? quando João Calvino mandou matar Servetus, na cidade de Genebra, porque não concordava com os seus ensinos? quan-

do em nome da coroa, jesuítas e padres devastaram as culturas asteca e maia na América Latina?
— Onde estavam vocês, evangélicos, quando, durante o regime militar, ditatorial, gente estava apanhando dentro dos porões, pendurada em pau-de-arara? Onde estavam os pastores que deviam estar denunciando esse tipo de atrocidade?
— O senhor concorda que o cristianismo se calou quando Salazar dominou Portugal? que o cristianismo foi inerte quando Franco dominou a Espanha? que, durante o regime nazista de Hitler, enormes segmentos da igreja — tanto a protestante quanto a católica — foram a favor do regime nazista? que durante o regime de Batista em Cuba, de Somoza na Nicarágua, do Allende em Santiago do Chile, muita gente morreu diante do silêncio da igreja?

Ao ouvir aquelas perguntas, percebi que nós, evangélicos e cristãos de modo geral, temos a enorme responsabilidade de dar respostas aos estudiosos da história e formadores de opinião. Muito do descrédito da igreja evangélica no século que acaba de fechar-se deveu-se ao fato de não estarmos respondendo a tais perguntas.

Sei que muitos cristãos não estão interessados nessas questões complexas. Alguém portador de câncer está interessado em ser curado de seu mal, e não em saber o que os sacerdotes da igreja ortodoxa russa fizeram durante o regime do czar. A mãe de um rapaz envolvido em drogas não está preocupada com a história de Calvino nem em saber por que ele mandou matar Servetus na cidade de Genebra. Você também tem problemas enormes para resolver durante esta semana e precisa de respostas imediatas, de direção específica.

Talvez seja exatamente por isso que nossa palavra cai em descrédito: ao tentarmos buscar respostas para o dia seguinte, não temos respondido às questões maiores.

No texto bíblico citado, encontramos um clima de forte tensão entre Jesus e os religiosos de seus dias por causa da questão do sábado. Esse mal-estar é cumulativo. No início, os judeus encontravam-se apenas inquietos, mas agora começam a conspirar contra a própria vida de Jesus. Percebendo que querem matá-lo, Jesus se afasta estrategicamente.

Ao deixar esse contexto religioso doentio (v. 15), Jesus foi seguido por muitos, e a Bíblia diz que todos os que o seguiram foram curados. A estes, Jesus pediu que se calassem, que não propagassem o que acontecera. Mateus explica que Jesus disse isso para que se cumprisse o que fora profetizado por Isaías, um profeta que vivera 750 anos antes dele. Isaías profetizara que o Cristo teria relevância não porque faria publicidade de seus feitos, mas porque era o amado do Pai. Ele teria voz não porque estaria participando dos círculos religiosos e das rodas eclesiásticas mais famosas, mas porque o Espírito de Deus estaria sobre Ele. Ele não imporia sua vontade por meio do grito, e sim persuadiria as pessoas com amor. Usando linguagem metafórica, o profeta diz que Ele não esmagaria a cana quebrada, ou seja, ao encontrar uma vida estraçalhada, Ele a restauraria; que Ele não apagaria o pavio que fumega, isto é, ainda que alguém estivesse aparentemente sem esperança, Ele reacenderia a chama da vida, agiria sempre com grande carinho e com grande discernimento da realidade de cada pessoa.

Cristianismo é, portanto, muito mais do que uma seita de esquina propondo curas extraordinárias e feitos miraculosos. Proposta de cura divina e de solução imediata de problemas pode ser encontrada no espiritismo, na macumba, talvez no budismo ou no candomblé. Mas, se o evangelho anunciado pelas igrejas limitar-se a esse âmbito, estará muito aquém do cristianismo bíblico. O cristianismo propõe-se a fornecer respostas significativas às questões mais profundas da humanidade. Mas, para que seja ouvido, o cristianismo precisa ser legitimado diante de nossa geração.

Por isso, antes de buscarmos soluções práticas para os problemas do dia-a-dia, consideremos alguns pontos cruciais.

O *STATUS QUO* NÃO ENGLOBA TUDO

Em outras palavras, se você quer ver na história legítimas expressões de fé, não deve procurar no leito principal. Procure nos movimentos de contestação dentro da igreja.

Jesus, conhecendo a situação da elite religiosa da época, afastou-se dali (v. 15), indicando que o *status quo* da religião não representa tudo, e que, a partir daquele momento, se alguém quisesse encontrá-lo, não deveria ir à sinagoga, porque Ele saíra de lá.

De igual modo, se você quer ver legítimas representações do cristianismo não procure na história dos cardeais. Procure entre os monges que se retiraram da igreja, como São Benedito, São João da Cruz, ou na vida de Tereza d'Ávila, em que, provavelmente você encontrará belas manifestações do reino, porque para cada cardeal que se vendeu na Igreja Católica houve um monge ou um asceta do deserto que nada tinha a ver com as negociatas pagãs que aconteciam em nome de Deus dentro da igreja.

Quando Roma encontrava-se na decadência, houve um São Francisco de Assis que condenou veementemente o que acontecia nos meios eclesiásticos. Enquanto a igreja se corrompia mais e mais, levantavam-se homens do tipo de João Huss, Savonarola, João Bunyan e Martinho Lutero, opondo-se ao *status quo*. E, quando o movimento reformado protestante começou a adoecer, dentro da igreja protestante também surgiram movimentos de contestação por meio dos anabatistas, de João Wesley, de Carlos Finney, para citar apenas alguns. Quando a igreja protestante tornou-se tradicional, fechada e fria, um grupo de negros e mulheres começou a buscar de todo o coração o Deus vivo e verdadeiro que não encontravam mais na igreja protestante reformada. O Espírito de Deus veio sobre aquelas pessoas, e nasceu o grande movimento pentecostal do século XX.

Quando Hitler dominava a Alemanha, os valores do cristianismo não se encontravam na igreja representante, mas entre os homens que estavam contestando essa igreja, como Dietrich Bonhöeffer, que morreu por sua fé durante o regime nazista.

Transportando isso para nossos dias, se quisermos encontrar verdadeiras expressões de fé, não será nas megaigrejas com políticos sentados no púlpito, vários horários na televisão e dinheiro abundante para fazerem o que bem quiserem. Jesus provavelmente não estará lá, mas é bem capaz que você o encontre com aquela mulher visitando os doentes no hospital, ou com aquele homem compartilhando o amor de Deus com os detentos no presídio.

Obscuridade não é sinônimo de fracasso

Quando Jesus realizava milagres, ao invés de alardear-se de "grande operador de milagres", dizia a todos que guardassem segredo (v. 16). Com nossa mentalidade ocidental, acreditamos que, quanto mais publicidade, quanto mais relações públicas, melhor o desempenho. Os mais citados, os mais reconhecidos, os mais comentados são, em nossa opinião, os mais usados por Deus. Mas isso não é verdade. Quanto menos citados, possivelmente mais conhecidos serão de Deus. Creio que, quando comparecermos diante do tribunal de Deus, descobriremos que os grandes heróis da fé são homens e mulheres dos quais nunca ouvimos falar. Esse negócio de vender, de estar na mídia, é tudo maquinação da mentalidade capitalista. É o mundo entrando na igreja. O reino de Deus é constituído por pessoas que não estão em busca desses artifícios. A nossa cultura ocidental nos leva a fazer da propaganda, da publicidade e dos heróis algo que não coaduna com o reino de Deus.

O conceito cristão de cura é holístico

O verso 15 mostra que Jesus curou a todos. Devemos entender, no entanto, que o conceito bíblico de cura é um conceito

holístico, ou seja, de cura integral. O evangelho não se propõe a curar apenas o aspecto físico das doenças, mas a restaurar o homem por inteiro, no mais profundo do seu ser. Quando a Bíblia diz que Jesus curou a todos, significa que todas as pessoas que entraram em contato com ele foram curadas, mas não necessariamente da mesma maneira. Um paralítico pode ser curado e sair andando e saltando sem muletas. Outro pode ser curado e sair exultante, tendo encontrado nova razão para viver mesmo na cadeira de rodas. Veja, portanto, que uma pessoa pode ser curada *da* paralisia, enquanto outra é curada *na* paralisia. Parece uma diferença sutil, mas faz um mundo de diferença.

Outro dia recebi um texto que reflete bem o que estou querendo dizer:

Pedi forças e vigor; Deus me mandou dificuldades, para me fazer forte. Pedi sabedoria, e Deus me mandou problemas para resolver. Pedi prosperidade, e Deus me deu energia e cérebro para trabalhar. Pedi coragem, e Deus me mandou situações perigosas para superar. Pedi amor, e Deus me mandou pessoas com problemas para ajudar. Pedi favores, e Deus me deu oportunidades. Não recebi nada do que queria. Recebi tudo o de que precisava. Minhas preces foram atendidas. *Obrigado, Senhor.*

Jesus pode curar você *na* situação em que você está. Eu sei que este conceito é difícil de ser aceito pelo empresário que precisa tirar a sua empresa urgentemente do buraco. É difícil para a pessoa que está com a alma desassossegada, com o corpo invadido por metástases, tendo sido desenganada pelos médicos.

Mas para esses quero dizer uma coisa: o fim maior do cristianismo não é curar câncer. O fim maior do cristianismo é preparar para aquela hora em que o médico balança a cabeça, porque aquele momento se avizinha para todos nós. Pode chegar mais cedo para alguns do que para outros, mas chegará para todos. Daqui a cem anos, todos os que estão vivos enquanto escrevo estas linhas já terão virado pó.

Certo dia, no tempo em que pastoreava a Igreja Betesda de Fortaleza, recebi um telefonema:

> — A irmã Terezinha está com câncer. Metástase em toda a região gástrica. O médico diz que é inoperável, e ela quer falar com o senhor.
> Fiquei abalado! Logo a irmã Terezinha, tão querida, tão fiel. Chamei minha esposa e fomos visitá-la. Pensei que já estivesse acamada, mas se encontrava sentada, aparentemente bem. Mostrou-se alegre ao nos ver e disse:
> — Pastor, os médicos acabaram de me dizer que a minha situação é além do tratamento. A quimioterapia poderia me proporcionar uma breve sobrevida, mas muito sofrida e dolorosa. Gostaria que o senhor soubesse que optei por não receber nenhum tipo de tratamento. Devo ter no máximo dois ou três meses de vida, e não quero sobrecarregar este tempo de sofrimento e de desespero para meus filhos. Creio que a mensagem do evangelho me prepara para esta hora, e estou pronta para partir. Já chamei todos os meus filhos, porque quero mostrar-lhes que o Deus no qual eu creio é um Deus vivo e verdadeiro, e que estou enfrentando esta hora com tranqüilidade por causa da fé que um dia eu recebi e abracei.

Ao ouvir suas palavras, pensei comigo: "Esta mulher está sendo curada *no* câncer". Poucos meses depois da sua morte, encontrei um de seus filhos. Ele me abraçou, chorou no meu ombro e disse:

> — Pastor, sou imensamente grato pela mensagem que tocou o coração da minha mãe e transformou sua vida. Hoje posso entender que o cristianismo é a verdade de Deus, porque a minha mãe foi um exemplo vivo dessa verdade até seus últimos momentos.

O CERNE DA MENSAGEM CRISTÃ NÃO SÃO BÊNÇÃOS, MAS JUSTIÇA

"Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios" (v. 18).

Uma das coisas que precisamos reiterar em nossa geração é que o cristianismo significa muito mais justiça do que bênçãos. A Bíblia deixa bem claro que o âmago da mensagem cristã é que haja justiça. Para muitos, cristianismo resume-se a orações do tipo: "Dá-me, abençoa-me, quero mais, preciso disso, quero aquilo...". Jesus afirmou, porém, que são bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça e os que sofrem por causa da justiça.

A principal preocupação de um cristão não deveria ser obter novas bênçãos de Deus, e sim como ser agente de justiça neste mundo injusto.

Há algo errado com o cristão que se encontra inquieto porque ainda não conseguiu trocar seu carro pelo do último tipo, quando há milhões de pessoas que dormem com fome todas as noites. Há algo errado num cristianismo que é movido por ganância, quando cristãos gastam dinheiro em bingos e loterias, enquanto missionários passam necessidades em lugares inóspitos. Há algo errado com igrejas que transformam o lugar de culto num ambiente em que Deus deve satisfazer os caprichos de seus filhos, enquanto a miséria e a injustiça dominam nas ruas. A Bíblia diz que o Espírito de Deus estava sobre Cristo para Ele promover justiça.

Outro dia assisti na televisão a uma reportagem sobre a necessidade de se ter creches na periferia para as mães pobres, que trabalham fora, deixarem ali seus filhos pequeninos. A repórter visitou uma casa na qual encontrou uma menina de nove anos cuidando sozinha de sua irmãzinha de quatro ou cinco meses de idade. A repórter se inquietou com aquela situação e perguntou o que tinham para comer, e a menina disse que ia fazer um mingau de maisena. A repórter esperou a mãe chegar com a comida. Mais ou menos às sete horas da noite a mãe chegou, e a repórter perguntou: "A senhora passou o dia fora e

sua filha ficou cuidando da irmãzinha de quatro meses. O que a senhora faz quando está trabalhando lá e lembra que a sua filha está com fome?" A mulher respondeu: "Eu oro a Deus, para que Deus faça ela sentir a barriguinha dela cheia". Quando ela disse isso, eu imaginei que essa mulher seria crente, e naquela noite não consegui dormir, pensando naquela mãe, numa periferia da cidade suja, e eu com tanto.

Lembrei do dia em que visitei a casa do Martinho Cebola, um pastor, em Moçambique, de uma igreja chamada "Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo". A casa desse pastor era de taipa, de barro misturado com pau, sem uma janela, escura, e ninguém conseguia ver nada dentro, ao ponto de ele ter de acender uma lamparina para enxergarmos. O teto de palha, o chão úmido de terra batida, e ele era pastor. Eu disse: "Martinho, faz uma janela aqui. É muito escuro". Ele disse: "Pastor, eu não tenho dinheiro para comprar uma janela". Confesso que chorei diante de Deus, pois aquele homem era pastor como eu, servindo ao mesmo Deus que eu, e a sua casa não tinha uma janela; a cama era feita de palha, num canto escuro da casa. Pensei: "Meu Deus, não está certo". Desde aquele dia ajudamos ao Martinho financeiramente.

Há alguma coisa errada com o cristianismo de pessoas que não se satisfazem com coisa alguma. Não existe felicidade sem que reine a justiça. Deveríamos, em vez de perguntar como podemos receber mais de Deus, levantar os olhos para as nações, para os povos, para as multidões carentes e miseráveis e perguntar a Deus o que fazer para ser agente de justiça.

Se meditarmos no hino nacional veremos as mentiras nele estampadas:

> Brasil, de amor eterno seja símbolo/ O lábaro que ostentas estrelado,/ E diga o verde louro dessa flâmula/ Paz no futuro, e glória no passado,/ Mas se ergues da justiça a clava forte,/ Verás que um filho teu não foge à luta/ Nem teme quem te

adora a própria morte!/ Terra adorada,/ Entre outras mil,/ És tu Brasil, ó Pátria amada!/ Dos filhos deste solo és mãe gentil...

Mãe gentil? E das meninas que se prostituem no Nordeste, és tu mãe gentil? E do trabalho escravo no Pará, és tu mãe gentil? E das filas dos hospitais e dos ambulatórios em que velhos e velhas morrem à míngua, és tu mãe gentil? E das escolas públicas, sucateiras, és tu mãe gentil? Do trânsito parado nas grandes cidades porque o dinheiro que ia para transporte público encontra-se nos cofres de algum empreiteiro rico, és tu mãe gentil? E da segurança pública inexistente, dos crimes bárbaros e sem sentido desta cidade, és tu mãe gentil? E dos impostos, e mais impostos, e mais roubos e corrupção dos políticos, és tu mãe gentil?

Não podemos pedir bênçãos de Deus até que reine justiça na nossa pátria, e até que o Brasil seja pátria amada verdadeiramente.

Contudo, o evangelho tem sim uma mensagem de esperança para seu coração:

1. O verdadeiro poder do evangelho não é o que Deus pode fazer por você, mas o que Ele pode ser para você.

"Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios" (v.18). "Eis o meu servo, o amado de minha alma", disse Deus, "e sobre Ele repousa o Espírito Santo". Se Ele consegue ser a alegria de Deus Pai ao ponto de o Pai dizer "em quem o meu coração está satisfeito", porventura não basta a mim para que eu também diga que Ele é o amado meu? Devemos servir a Cristo não somente pelo que Ele faz por nós, mas também porque Ele é para nós modelo de integridade, bondade e verdadeira amizade. Vemos em Cristo um herói com grande humildade, um Deus bom e verdadeiro, um líder inspirador, um mestre paciente. Em cada gesto seu podemos notar um mila-

gre, em cada palavra sua, um oráculo divino, uma nova ressurreição a cada manhã.

Cristo é para nós um modelo de humanidade no seu cuidado com os mendigos; um modelo de coragem quando chama Herodes de raposa; um modelo de perdão quando, um dia, contemplando Pedro, sem uma palavra demonstra que o perdoa; um modelo de sonhos e ideais, ao afirmar, já ressurreto: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.18-19); "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15).

Quando você precisar de um modelo de determinação diante da morte, escute suas palavras clamando na cruz e dizendo, minutos antes de morrer: "Está consumado" (Jo 19.30). Quando necessitar olhar para o futuro e ter coragem para enfrentar o amanhã, veja-o com as duas mãos levantadas, dizendo: "Tenho as chaves da morte e do inferno" (Ap 1.18). Jesus representa o poder do evangelho, e, se Ele não inspira a sua alma, você pode ver operação de muitos milagres, mas ainda não entendeu o que é ser verdadeiramente um cristão.

2. O cristianismo só terá sentido em sua vida se for baseado em relacionamento.

O texto diz que Deus não se importá à vida de ninguém gritando, contendendo ou ameaçando. O cristianismo envolve relacionamento. Diferentemente do Deus bíblico, em nossa mente Deus aparece como um Deus de fogo, com uma voz de trovão, que envia todos que não se arrependerem para o inferno. O Deus da Bíblia é o Deus que fala com a brandura de um vento suave e, quando fala, é como a voz quieta do vento sussurrando no seu ouvido. E, se você não ouvi-lo, Ele não gritará: "Arrependa-se!" Ele continuará nesse sussurro, e a opção será sempre sua.

Deus nunca se imporá como um leão, porque a imagem que guardamos dele, mesmo depois de ressurreto, é a de um cordeiro que foi morto.

Ele nunca torcerá nosso braço para que o sigamos, porque a imagem que temos dele na Bíblia é a de uma galinha, querendo ajuntar os pintinhos debaixo das asas. "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo" (Ap 3.20). Se você não abrir, Ele ficará à porta.

3. Se você quiser ter Cristo e o seu poder na sua vida, saiba que o cristianismo só terá sentido se o seu relacionamento com Deus for sem medos e paranóias.

O verso 20 diz que Ele "não esmagará a cana quebrada nem apagará a torcida que fumega". Não tema! Ele jamais vai acabar de esmagar a sua vida. Certa vez, quando eu tinha de 13 a 14 anos de idade, um amigo brigou muito e ficou de cara inchada, sangue saindo pelo nariz, canto da boca rasgado; e ele me falou que não poderia voltar imediatamente para casa porque seu pai havia-lhe dito que, se brigasse no colégio e apanhasse, quando chegasse em casa apanharia duas vezes mais. E tive de ficar com ele até seis e meia da noite para ver se seu olho desincharia mais. Como isso não aconteceu, aconselhei-o a ir para casa e apanhar duas vezes mesmo.

Às vezes temos essa idéia a respeito de Deus. Nossa vida está quebrada, e pensamos em não ir mais à igreja por causa do nosso estado. Minha palavra para tais pessoas é que Deus não esmaga os que já se encontram doloridos pela vida. Se na sua vida só resta uma única chama de fogo, Ele não vai acabar de destruir você; pelo contrário, Ele vai reacender a sua vida. Venha como está.

O cristianismo anda no contrafluxo da história. Quando o pensamento que permeia nossa sociedade ensina que precisamos

ser fortes para triunfar na vida, que não devemos expor nossas fraquezas, que devemos andar mascarados, pensar só em nós mesmos e pisar nos outros para alcançar o topo, Deus nos mostra o contrário. Ele está ao lado do fraco e desanimado, fortalecendo e colocando-o de volta na estrada certa e segura. Deus quer se mostrar a você em qualquer circunstância da sua vida, e curá-lo, seja *do* câncer ou *no* câncer, seja *da* falência ou *na* falência. Ele quer caminhar com você em amor e relacionamento pessoal.

Qual o futuro da Igreja Evangélica?

À medida que nos aproximávamos do ano 2000, notávamos uma explosão de futurólogos, profetas e prognosticadores tentando se antecipar ao futuro. Cientistas, economistas e sociólogos, debruçados em estatísticas, mapas e tendências históricas, sempre se revezarão na difícil tarefa de prever o amanhã. No início da década de 90, John e Elizabeth Naisbitt lançaram o *best-seller Megatendências*. Ousavam vaticinar como seria a década passada. Lendo o tanto que erraram, vemos como a ciência da futurologia é difícil. Mesmo sabendo dos riscos, aventuro-me a apontar algumas tendências para a igreja evangélica no milênio que se inicia. Já possuímos alguns dados que nos ajudarão nessa difícil tarefa.

O crescimento evangélico mais vigoroso do final do século XX aconteceu principalmente na América Latina, Ásia e África. Enquanto a membresia cristã na Grã-Bretanha não ultrapassa 7 milhões de pessoas, somente a Assembléia de Deus no Brasil já arrolou número maior de membros. A Igreja Metodista inglesa conta com apenas 430 mil membros, enquanto há pelo menos seis grupos pentecostais brasileiros, cada qual com um número maior de adeptos. David Stoll, estudioso dos fenômenos religiosos latino-americanos, prediz que, se continuarem os atuais níveis de crescimento, cinco ou seis países deste continente terão maioria evangélica até o ano 2010. Enquanto isso, na África, países como Etiópia, Uganda e a própria África do Sul também demonstram estatísticas de crescimento fenomenais. Na Ásia (China, Filipinas e Singapura), os evangélicos crescem sem nenhum arrefecimento a médio prazo. A maior igreja local do mundo (800 mil membros) está em Seul, na Coréia do Sul.

No milênio que se inicia o cristianismo evangélico terá olhos puxados, pele negra e ginga latino-americana. A igreja evangélica rapidamente vai se transformando em um movimento de massas nos chamados países pobres (até há pouco tempo conhecidos por Terceiro Mundo).

Esse célere crescimento evangélico no mundo é pentecostal. David Barret, um dos maiores especialistas em estatísticas religiosas, estima que o pentecostalismo, com todas as suas variações, já conta com mais de 400 milhões de pessoas. É a terceira força da cristandade e o movimento religioso que mais cresce no mundo. Expande-se mais rapidamente que o islamismo, cujo crescimento é quase totalmente vegetativo. Sua presença nos países pobres é esmagadora. Em muitos países latino-americanos os pentecostais representam 85% dos evangélicos (Brasil, Guatemala) e em alguns chegam a mais de 90% (Chile, El Salvador).

Até mesmo na Europa secularizada os sinais mais animadores de crescimento vêm dos pentecostais. Harvey Cox cita em *Fire of Heaven* (Fogo do Céu) estatísticas constrangedoras sobre a situação das igrejas protestantes históricas da Inglaterra. Entre os anos de 1985-1990, batistas, metodistas, presbiterianos, anglicanos e católicos romanos perderam membros. Católicos e anglicanos foram campeões em perdas: 10% cada. Nesse mesmo período, as chamadas "igrejas independentes", que são carismáticas e pentecostais, expandiram-se em 30%.

Na Itália, calcula-se que a maioria dos evangélicos são pentecostais. Na Sicília já somam quase 350 mil. As mesmas notícias de crescimento do pentecostalismo se repetem na Rússia, França, Espanha e Portugal. Portanto, no século XXI o cristianismo será identificado com a teologia, a liturgia e a prática pentecostais. A tendência dos números não mente.

A igreja do milênio que está começando terá um rosto cada vez mais feminino. Com a maciça expansão do pentecostalismo e sua

histórica valorização da mulher, o domínio machista tem os seus dias contados. Vagarosamente algumas denominações vinham descongelando a fria percepção que possuíam do papel da mulher na igreja. Mas, com a explosão pentecostal, as mulheres saíram para a frente da batalha. O pentecostalismo não existiria sem elas.

Desde que uma brava mulher, Aimee Sample McPherson, enfrentou o poder masculino, certa de que Deus não faz acepção de pessoas, esse enraizado paradigma evangélico caiu por terra. McPherson não apenas pregou na mesma unção de seus pares homens, como ousou orar pelos enfermos, construiu um gigantesco templo em Los Angeles e fundou uma das maiores e mais respeitadas denominações pentecostais: a Igreja do Evangelho Quadrangular. McPherson não apenas foi pioneira em abrir espaço para as mulheres entre os pentecostais. Ela inovou, desmistificou o ministério ordenado e mostrou que a profecia de Joel estava certa: o Espírito seria derramado sobre filhos e filhas. Quando a irmã Aimee morreu, em 1944, a Igreja do Evangelho Quadrangular, só nos Estados Unidos, contava com 410 igrejas e cerca de 29 mil membros. Com uma liderança feminina, a Igreja Quadrangular tem hoje mais de 26 mil igrejas e mais de 1,7 milhão de membros, em 74 países do mundo.

Ora, se o rosto da igreja cristã no final do século XX já era predominantemente pobre, pentecostal e feminino, podemos nos atrever a vaticinar quais igrejas sobreviverão no milênio incipiente.

Igrejas que preguem uma experiência com Deus mais que um credo

Neste século, fé e espiritualidade terão predominância. Dogma e ritual perderão espaço. Os cristãos, confrontados com uma geração decepcionada com as promessas não cumpridas da modernidade, buscarão uma resposta que atenda aos seus anseios de utopia. A religião secularizada da modernidade procurava responder aos questionamentos racionais, mas foi incapaz de satisfazer sua sede do transcendente. Há uma sede do eterno

no coração das pessoas de hoje. A pregação de um Deus vivo e presente na história, por meio de sinais e prodígios, será ouvida pelas pessoas.

Igrejas que valorizem o mistério de Deus

Quando Rudolf Otto escreveu seu livro *The Idea of the Holy* (O Conceito do Sagrado), ele propôs que a experiência religiosa diante do *mysterium tremendum* (mistério tremendo) produzia um sentimento de pavor, misturado com fascínio, que ele chamava de *numen* (divindade). Depois que o liberalismo teológico "demitologizou" o sagrado e o fundamentalismo domesticou e codificou o eterno, o homem pós-moderno angustiadamente começou a buscar um Deus maior, que lhe causasse espanto. Que o deixasse estarrecido. As igrejas que abrirem espaço para que pessoas sejam confrontadas pelo inédito, por um Deus insólito e totalmente outro, conseguirão pertinência neste século. O século XXI será o século do *numen*.

Igrejas que saibam improvisar

Na velocidade da pós-modernidade, paradigmas envelhecem rapidamente. As estruturas se desatualizam com a mesma rapidez com que a tecnologia avança. Igrejas que tentarem manter os "costumes dos antigos", liturgias importadas sem sintonia cultural e velhas fórmulas eclesiásticas, logo estarão vazias e seus templos à venda. Um dos fatores apontados pelos estudiosos para a crescente expansão do pentecostalismo é sua capacidade de se atualizar, se reinventar e improvisar. Um culto pentecostal pode parecer uma bagunça para a mentalidade linear e sistemática dos filhos do iluminismo. Contudo, sua maleabilidade, o clima de expectativa em que o inusitado está sempre prestes a surpreender, comunica com os herdeiros da pós-modernidade. Se, por um lado, o pentecostalismo espanta a modernidade por falta de lógica e seqüência na sua dogmática, por outro, ele se aproxima mais do

pensamento narrativo judaico e da proposta de Cristo que busca mais adoradores verdadeiros que religiosos ortodoxos.

O futuro nos convoca a repensar nossos paradigmas e está mais próximo do que desejamos. Aqueles que não atentarem para ele serão descartados sem misericórdia. Discernir os tempos já não é mero diletantismo, é questão de vida ou morte. Quem tem ouvidos para ouvir ouça.

Discernindo os tempos

O maior desafio da igreja brasileira encontra-se provavelmente em sua crise de audiência. Ela já não é ouvida pelo público em geral. Reúne-se para falar para si mesma.

Nas livrarias seculares do nosso país praticamente não se encontra nenhum livro evangélico. Talvez um ou outro de Billy Graham, de Robert Schuler, ou mais provavelmente alguns de Norman Vincent Peale, sobre o pensamente positivo. Nossa produção artística volta-se apenas para o público evangélico. O teatro limita-se geralmente a uma previsível versão contemporânea da parábola do filho pródigo. Comunica uma mensagem soteriológica, mas tão-somente para os que já se encontram dentro da igreja. A produção musical da igreja também dirige-se unicamente aos seus membros. CDs de música evangélica não atingem o público secular.

Nossa linguagem é própria, somente entendida por quem se acostumou com o "evangeliquês": "Irmão, hoje vamos ficar na brecha para fazer cair fogo do céu". Para um visitante incrédulo, esse tipo de vocabulário simplesmente não faz sentido. Como resultado, a igreja de hoje não consegue vencer as barreiras e desempenhar o seu papel como a igreja do primeiro século. A despeito da mentalidade de que a igreja precisa ser perseguida e odiada pelo mundo para ser bem sucedida, não é esse o exemplo da igreja primitiva. A Bíblia Sagrada diz que os cristãos perseveravam "louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos." (At 2.47.) A luta da igreja deve ser esta: conquistar a simpatia do povo desta nação.

No entanto, quantas vezes observa-se exatamente o oposto: os evangélicos são percebidos como um povo antipático e alienado, seja devido à ética castradora de uma grande ala pentecostal,

com sua moral hipócrita e farisaica e seus cultos produtores de catarses emocionais, seja pela xenofilia e arcaísmo de muitas comunidades tradicionais históricas.

Quem são os evangélicos brasileiros?

Para muitos, constituem-se em massa de manobra de políticos, tese de mestrado de sociólogos, membros de uma seita ou simplesmente um grupo de alienados. As Escrituras, por sua vez, são consideradas infantilizantes pelos psicólogos e estudiosos do comportamento humano.

Em face desse quadro, como a igreja pode ainda alcançar essa sociedade e ser relevante nos dias atuais? Complexa e nada recente, essa questão da relevância originou a primeira crise da igreja primitiva, conforme relatado no capítulo 15 do livro dos Atos dos Apóstolos.

Em sua primeira fase, a igreja constituía-se também de ex-fariseus (At 15.5). Embora convertidos e transbordantes de amor pelo Senhor, esses cristãos carregavam consigo toda uma bagagem legalista, da qual não conseguiam se desvencilhar facilmente. Ao final de sua primeira viagem missionária, quando Paulo retornou à sua igreja emissária, em Antioquia, ele relatou as grandes obras que o Senhor fizera por meio dele, abrindo as portas do evangelho também para os gentios. Surgiu então o desafio de tornar a igreja bela e significativa para o mundo gentílico daquela época.

Observando-se a conduta da igreja primitiva diante desse impasse, encontram-se princípios básicos capazes de nortear também a igreja de hoje, em sua busca de vencer barreiras e proclamar o evangelho com beleza e relevância no contexto contemporâneo.

A igreja venceu essa questão ao enxergar as mudanças históricas e enfrentá-las corajosamente.

Ao proclamar o evangelho aos gentios, Paulo rompeu barreiras milenares, e importava agora resolver se os gentios convertidos ao

cristianismo deveriam ou não tornar-se judeus prosélitos. A igreja reconheceu nesse dilema um momento histórico, e não hesitou em reavaliar suas estruturas. Convocou Paulo a Jerusalém para discutirem o assunto sem rodeios, procurando evitar os preconceitos.

A velocidade com que os eventos se sucedem provoca mudanças estonteantes na sociedade atual. Existe abertura no meio evangélico para as novas realidades históricas que invadem nossa geração? Encontra-se a igreja disposta a analisar e repensar sua estrutura?

A matemática que minha filha estuda, por exemplo, é completamente diferente da que aprendi. As imagens na televisão se sucedem com uma rapidez espantosa. Vivemos em um mundo pragmático e veloz, e a maior empresa do país é o "banco instantâneo". Numa sociedade informal, onde todos usam calças *jeans*, os programas de maior audiência da TV brasileira são os mais permeados por entrevistas e conversação banal. Ao entrar numa igreja evangélica, porém, muitas vezes as pessoas deparam com a liturgia dos missionários de 1910 e os hinos de John Wesley. Os hinos daquela época são maravilhosos e inspiradores, mas há algo errado com uma igreja que permanece estanque e limita-se ao arcaico, recusando-se a pensar dinamicamente num mundo em constante transformação. As escolas dominicais ministram o ensino por meio de métodos obsoletos e antipedagógicos, geralmente desprezando o auxílio dos pedagogos da própria igreja na reavaliação do sistema de ensino.

Para ser vencedora, a igreja deve agir como a igreja primitiva, que, ao perceber as variações nas circunstâncias, dispôs-se a discutir, argüir e questionar. "Tendo havido, da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles, resolveram que esses dois e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão" (At 15.2).

Torna-se absolutamente necessário, pois, perceber as mudanças históricas e enfrentá-las corajosamente. Como?

Diagnosticar as diferenças e ter coragem de discuti-las

Precisamos ler, ouvir, discutir. (Quantos de nós não somos como o sambista carioca que fez o "samba de uma nota só"?...) Não podemos temer as idéias contrárias, mesmo as que pareçam perigosas, pois estimulam o pensamento e nos desafiam a desenvolver convicção naquilo que cremos, preparando-nos para explicar a razão da nossa esperança (1 Pe 3.15). A verdade suporta o debate, o questionamento, a indagação. Por isso lemos: "Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor" (Is 1.18).

Devemos entender que a geração para a qual pregamos hoje não é a de 1940. Para alcançar as pessoas entre trinta e quarenta anos, por exemplo, precisamos lembrar que constituem a geração do movimento *hippie,* de contestação dos anos 60 e início dos 70. Trata-se de pessoas muito reflexivas porque praticavam meditação transcendental, numa época em que os psicodélicos, que conduzem a tais viagens, e a heroína, que produz torpor, dominavam o mercado de drogas. Jovens que a seu tempo trocaram os sapatos por chinelas e deixaram crescer a barba e o cabelo caracterizaram essa geração pela rejeição do *status quo*. Para alcançá-la, portanto, torna-se necessária uma abordagem mais informal e reflexiva, na qual não falte o aspecto transcendental do poder de Deus. Precisamos ser menos policialescos e mais convictos, porque essa geração não se dobra a imposições dogmáticas e legalistas: ela quer saber os porquês.

A geração de vinte anos de idade, pós-anos 70, é a geração da acomodação, do materialismo, dos anos Reagan, do pragmatismo. Para atingi-la, os cultos precisam ser mais práticos do que reflexivos, porque esses jovens não estão tão interessados em saber o que é certo e verdadeiro quanto em descobrir o que funciona. A produção cultural deve ser bem feita, com uma roupagem nova. A sistemática e as estruturas devem adaptar-se para alcançar esse povo onde ele se encontra. Não é necessário colocá-lo dentro dos moldes do "judaísmo evangelical brasi-

leiro", segundo o qual a pessoa tem de adotar o modo de viver do evangélico brasileiro dos idos de 1920.

E a geração entre dez e vinte anos? Constitui-se dos amantes de Indiana Jones, Guerra nas Estrelas, *rock* e *video games*. Jovens dispostos a aventura, que amam a natureza, as cores vivas, a rapidez, o pique.

Para não perder sua geração, a igreja primitiva se adaptou sem se conformar ao mundo (At 15.1-5). Saibamos proclamar e viver um evangelho coerente e relevante em cada segmento da sociedade.

Reconceituar a teologia da graça

Dizem os estudiosos que o judeu agradecia a Deus por três coisas: "por não ter nascido mulher, nem cachorro, nem gentio". Os judeus excluíam os gentios da graça e do projeto de Deus. Vemos no capítulo 15 de Atos, no entanto, que, diante da argumentação de Pedro (vv. 6-11), os judeus se depararam com o enorme desafio de repensar e reconceituar a teologia da graça quanto à sua catolicidade: a graça de Deus não se limitava somente aos judeus, mas abrangia também os gentios. Estes também faziam parte do plano de Deus

A Igreja de hoje enfrenta o mesmo desafio, pois sua atitude em relação ao mundo em nada difere da atitude dos judeus em relação aos gentios, o que torna sua teologia hipócrita e incoerente. Considera-se o artista incrédulo incapaz de compor uma música digna de ser ouvida por um cristão, mas a maioria dos cristãos não hesita em vacinar seus filhos, mesmo sabendo que os cientistas que elaboraram as vacinas podem perfeitamente ser ateus, budistas ou macumbeiros. Pastores condenam veementemente a leitura de livros ou poesias de autores seculares, mas, movidos por interesses escusos, apóiam políticos corruptos que se deixam conduzir por astrólogos e mães-de-santo.

Além disso, criticam-se as músicas seculares; no entanto, músicas mundanas inundam as igrejas. A música evangélica torna-se mundana não por causa de ritmos e tipos de instrumentos utilizados, mas por causa das intenções indignas com que são produzidas muitas vezes. Músicas pretensamente de louvor e adoração produzidas por interesse comercial ou com propósitos exibicionistas são mundanas, não importando a beleza de suas palavras.

O filme *Amadeus* ilustra essa realidade ao retratar o conflito entre Mozart e outro compositor de sua época chamado Antonio Salieri. Salieri entrava em crise porque, embora direito, sóbrio e comportado, não tinha a metade do talento do debochado, bêbado e mulherengo Mozart. Ele não conseguia entender que o homem, por mais caído que seja, ainda guarda o que os teólogos chamam de *imago dei*, a imagem de Deus. A queda não torna totalmente indigno aquilo que o homem produz. Aos olhos do evangélico brasileiro, o mundo é totalmente caído e, por conseguinte, indigno de nossa amizade e amor. A igreja torna-se exclusivista, orgulhosa e completamente distante das pessoas. Jesus não agia assim. Pelo contrário, misturava-se continuamente às pessoas de má reputação, a ponto de ser chamado de glutão e bebedor de vinho (Lc 7.34; 15.2). Ele as considerava dignas de seu amor.

Percebendo o mundo somente nas perspectivas da queda e da necessidade de salvação, a igreja não consegue enxergar seus valores intrínsecos. A teologia da graça precisa ser revista para que a postura evangélica não seja hipócrita, mas relevante.

Estabelecer princípios inegociáveis

Em terceiro lugar, em sua busca por relevância, a igreja primitiva também conseguiu estabelecer uma identidade mediante princípios inegociáveis. Ao legislar sobre carne sacrificada a ídolos, sobre o comer sangue e carne sufocada e sobre a prostituição, ela demonstrou sua disposição em contextualizar-se para alcançar sua geração naque-

le momento histórico do plano de Deus, mas deixando um recado claro: de certos princípios, não abria mão. Se quiser alcançar sua geração, a igreja de hoje também precisa delinear claramente aquilo que é inegociável.

Antes de discutir o que seriam princípios inegociáveis, precisamos:

1) Mudar o foco da discussão da inerrância das Escrituras para a encarnação do Verbo. Se a Bíblia apenas contém a Palavra de Deus ou se constitui, inteira, na mensagem de Deus para nós é irrelevante se ela não for vivida por homens e mulheres.

2) Se não podemos abrir mão da pregação da cruz, do poder do sangue, da presença, atuação e capacitação do Espírito Santo na vida dos cristãos nos dias de hoje, que essa mensagem seja replicada em vidas e não permaneça um dogma protegido por teólogos.

3) Se não podemos abrir mão da vida sem pecado de Jesus, do seu poder sobre a morte, de sua ressurreição corporal, de sua ascensão em glória, que ela represente um compromisso de seguimento dos cristãos.

4) Se não podemos abrir mão da nossa concepção do reino escatológico, não apenas uma possibilidade social, mas que seja o sonho que energiza a igreja. Aguardar a manifestação real do Cristo que virá reinar com cetro de justiça e de equidade sobre a raça humana é o alento que faz homens e mulheres desejarem antecipar o seu reino. A igreja deve lutar para que evangelização nunca se transforme em proselitismo e que sua vida comunitária não se aliene. Só assim, a promessa de vida eterna deixa de ser vã utopia.

5) Não podemos abrir mão da justiça. Em uma reunião em que pastores faziam adesão à candidatura do futuro governador do estado do Ceará, comecei a me sentir importunado, embora eu também fosse votar naquele candidato. Pedi a palavra e disse: "Governador, embora os pastores estejam manifestando simpatia à sua candidatura, deixe-me dizer-lhe uma coisa: não estamos fechando com o senhor. Estes homens aqui sentados têm um compromisso com a verdade, o direito e a justiça. Enquanto o senhor caminhar baseado nesses princípios, pode contar com o nosso apoio, porque os evangélicos vivem por essas causas. Mas, no dia em que o senhor se afastar dessa trilha, seremos os primeiros a levantar a voz e denunciar o que houver de errado."

O grande problema da igreja durante o regime militar a partir de 1964 foi ter-se prostituído e vendido em troca de liberdade. Enquanto nos porões da ditadura pessoas estavam sendo torturadas e morriam indignamente, a igreja vendeu o seu direito de protestar para ter a liberdade de pregar, como se liberdade fosse o bem mais caro da igreja. A igreja já abriu mão, muitas vezes na história, da sua liberdade, para ter uma voz profética. Muitas vezes ela disse: "Então nos matem, fechem nossas igrejas, calem-nos se puderem, mas vamos protestar". E a igreja perdeu a oportunidade de protestar em 1964 somente para ter liberdade!

Realidade e esperança
O cristão é pessimista?

O discurso do pastor foi desanimador e pessimista. Afinal de contas, o emprego dele depende do pessimismo." Ouvi estas palavras como reação a um discurso que proferi em uma entidade filantrópica. O tema que me foi apresentado era: *A realidade do mundo e a expectativa evangélica para o futuro*. Embora esse comentário sobre minha palestra tenha me deixado triste, compreendi que ele não se dirigia apenas a mim. Representava muito mais uma resposta secularizada à visão cristã de mundo. A expectativa evangélica do futuro parece, em um primeiro instante, muito negativa.

Cristo previu um cenário bem cru para os últimos dias. Independentemente da interpretação que se dê para alguns textos como Mateus 24 e Lucas 21, vê-se claramente que Jesus não foi ufanista quanto ao futuro da humanidade. Seu vaticínio previa: falência do sistema ecológico (terremotos, o Sol se escurecendo, a Lua não dando sua claridade etc.); crises econômicas (fome); conflitos políticos (guerras e rumores de guerra); abalo na família (pai se levantando contra filho); barafunda religiosa (falsos profetas, falsos cristos, perseguição); frouxidão moral (multiplicação da iniqüidade, esfriamento do amor).

Depois de Cristo, os pagãos também acusaram os primeiros cristãos de "odiar a raça humana". E Paulo não poupou palavras. Escrevendo para seu discípulo Timóteo, anteviu um futuro nebuloso: "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais

amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder" (2 Tm 3.1-5).

Passados 2 mil anos, vale perguntar: a escatologia cristã é pessimista?

Só no século XX experimentamos duas guerras mundiais, centenas de conflitos em menor escala e mais de 150 milhões de mortos. A cobiça humana arrasou com florestas, dizimou espécies animais, poluiu rios, está destruindo a camada de ozônio. A sofisticação dos sistemas políticos foi incapaz de amenizar as injustiças sociais; um terço da humanidade ainda vive em miséria absoluta. Os cartéis da droga tornaram-se poderosas forças econômicas e políticas. Pode-se continuar relatando desgraças *ad infinitum*: aborto, ódio étnico e religioso, indústria da pornografia infantil, chuva ácida, minas que mutilam homens, mulheres e crianças etc. Antes de ter sido acusado por sua mulher de cometer incesto com uma de suas filhas adotivas, o cineasta Woody Allen declarou: "Mais do que em qualquer outra época, estamos numa encruzilhada. Um dos caminhos leva à catástrofe e ao mais terrível desespero. O outro leva à extinção total. Vamos rezar para que façamos a escolha correta." Norman Brown, escritor americano, conseguiu ser ainda mais seco: "Até a sobrevivência da humanidade é hoje uma esperança utópica".

O cristianismo não colore o futuro de tons bonitos porque, ao contrário do iluminismo — que imaginava as pessoas como naturalmente boas —, ele insiste na doutrina da queda — todos estão presos ao pecado. Alienados de Deus, homens e mulheres continuarão gerando sistemas perversos.

Há alguns anos acompanhei um fotógrafo norte-americano que documentava a dura realidade da miséria nordestina. Ele já trabalhara para o *Washington Post*, cobrindo a guerra do Vietnã, e conhecia as iníquas entranhas do poder político. Desiludido, sua conclusão sobre a humanidade coincide com a dos Evangelhos: "Parece que há forças invisíveis governando os destinos da humanidade; por mais

que nos esforcemos e sonhemos com um mundo mais bonito, somos impelidos para a guerra, para a corrupção e para a desgraça", lamentava ele.

O cristianismo reconhece que sistemas adoecem, que estruturas se satanizam, que gerações inteiras se corrompem, mas identifica o pecado pessoal como a fonte de todos os males: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias" (Mt 15.19). Sem arrependimento e regeneração do indivíduo, a escatologia cristã será sempre cética quanto ao futuro. João Batista começou pregando que o machado está posto à raiz das árvores (Mt 3.10); portanto, se as pessoas não forem regeneradas pelo poder do Espírito Santo, não conseguirão jamais gestar um futuro promissor.

A escatologia cristã parece ser pessimista também porque espera uma intervenção radical de Deus na história. Os apóstolos questionaram a Cristo antes do dia de Pentecostes: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (At 1.6). Desde então, a literatura cristã está farta de idéias apocalípticas. Tanto nos escritos de Paulo, Pedro e João como nos anseios das comunidades primitivas — que clamavam "Maranata" — acreditava-se que a volta de Cristo seria iminente. Todas as gerações esperavam que Cristo voltasse para julgar os ímpios, erradicar a maldade e estabelecer seu reino milenar na Terra. Essa expectativa é sintomática. Indica que a comunidade cristã jamais acreditou que as utopias futuras dessem certo. Mesmo em períodos históricos em que houve grande envolvimento político, os cristãos esperaram a invasão apocalíptica do próprio Deus. Thomas More imaginou a ilha da Utopia, Chardin pregou a evolução do ser humano e Marx propôs uma sociedade altruísta e sem desiguais. Os cristãos, entretanto, embora insistindo no envolvimento de cidadãos na militância política para diminuir o avanço do mal e demonstrar lampejos do reino futuro aqui na Terra, acreditam que só haverá justiça e paz quando Cristo voltar e implantar seu reino. C. S. Lewis

disse que na hora em que o autor de uma peça entra no palco do teatro é sinal de que acabou o espetáculo.

A escatologia cristã, porém, não se enxerga como pessimista. Primeiro, porque não se frustra com o irrealizável, mas se concentra no que pode ser feito. Não se acomoda, mas antecipa em vidas e comunidades o reino de justiça que ainda está por vir. Forma espaços de vida em meio ao caos. Gera esperança contra a própria esperança. O cristão não é niilista, porque acredita nos desdobramentos da regeneração. Se o coração depravado é potencialmente capaz de monstruosidade, o regenerado pode produzir ondas de bondade com poder de alterar leis, países, gerações inteiras. Em meus estudos no mestrado sobre a teologia da Missão Integral meditei nos desdobramentos de um cristianismo integral, ao dizer que a missão do cristão regenerado é: "Expor toda a Palavra, interceder por todos os problemas, apoiar todas as vocações, edificar todos os fiéis, combater todo o mal". Todos os que se engajam com o Evangelho Integral continuam sonhando com a possibilidade de concretizar a utopia realizável do reino com cristãos que amem não só de palavras, mas de atos. Atos filantrópicos, atos que apóiem projetos em comunidades carentes, atos que lutem por atacar as causas estruturais de opressão. Igrejas proféticas, cristãos engajados, movimentos de inspiração evangélica. Homens novos comprometidos com um novo mundo, antecipando novidades no mundo: sinais do reino, marcas do reino, antecipação do reino.

Na igreja de Tessalônica espalhou-se uma heresia apocalíptica. Alguns diziam que Cristo já voltara e que de nada adiantava trabalhar ou ter planos futuros, porque o seu reino seria implantado sem a interferência humana. Outros afirmavam que Ele ainda não tinha voltado, mas que estava às portas. Diziam também que não era mais necessário nenhum projeto humano, pois na sua volta tudo redundaria em nada. Paulo os corrigiu escrevendo as duas epístolas aos tessalonicenses. Nelas, ele lembra que a volta de Cristo não deve provocar acomodação,

indiferença, mas um compromisso com a vida: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ts 5.23).

A profecia cristã não é pessimista. Ela convoca os cristãos a se engajarem, antecipando e demonstrando lampejos do reino, e a se santificarem, esperando "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça" (2 Pe 3.13).

Vem, Senhor Jesus!

A perigosa arte de enganar

Alguns divertimentos infantis são universais. Um dos que mais gostávamos, e que nos entretinha muito, chamávamos de esconde - esconde. Consistia em esconder-nos do restante dos amigos de tal maneira que ninguém conseguisse nos descobrir. Hoje, depois de crescido, surpreendo-me percebendo que essa brincadeira seja comum também entre os adultos. Aliás, parece que gente grande gosta mais de brincar de esconde-esconde que as crianças. Só que agora o jogo é mais perigoso.

Mentimos, enganamos e dissimulamos. Criamos mecanismos que nos escondem de nós mesmos, do próximo e de Deus. Fernando Pessoa olhou para sua própria vida e não se reconheceu no que foi; escondera-se por detrás de máscaras e, corajoso, desabafou:

> Vivi, estudei, amei, e até cri,
> E hoje, não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu...
> Fiz de mim o que não soube,
> E o que podia fazer de mim não o fiz.
> O dominó que vesti era errado.
> Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me
> Quando quis tirar a máscara,
> Estava pegada à cara.

Eduardo Giannetti, que escreveu um excelente livro com o título *Auto-engano* (Companhia das Letras), comentou sobre essa poesia de Fernando Pessoa, afirmando: "A experiência do poeta dramatiza e leva ao extremo uma possibilidade que é comum a todos: será minha esta vida?" Pessoa, de tanto dissimular, de tanto usar máscaras, já não se encontrava. Laconicamente, concluiu que

não era quem sempre tentou ser, e agora não possuía mais forças para tentar ser outra pessoa. A máscara estava pegada à cara.

O autor do Eclesiastes buscou descobrir-se e, cansado, declarou: "Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento" (2.17). Jeremias, também exausto de lidar com tantos engodos e artifícios de dissimulação, perguntou: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (17.9).

Os artifícios da dissimulação e do auto-engano não acontecem somente nos indivíduos. Países como a União Soviética do expurgo stalinista, a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e a Argentina do regime militar demonstram claramente que a arte da dissimulação pode ser globalizada.

O próprio cristianismo já sucumbiu várias vezes à mentira. Acreditava-se que as Cruzadas eram legítimos esforços para resgatar de volta os monumentos cristãos. Hoje se sabe que havia outros interesses por detrás daquelas empreitadas malucas. O mesmo pode ser dito da Inquisição, da terrível perseguição que os anabatistas e pietistas sofreram na Europa etc. Matou-se muito em nome de Deus.

Quando houve eleição para a última Constituinte, mentiu-se. Várias igrejas acreditaram na versão enganosa de alguns candidatos evangélicos de que haveria uma conspiração católica para aprovar uma Constituição discriminatória favorecendo a igreja de Roma. Depois, na eleição para presidente, ouviu-se que determinado candidato mandaria fechar igrejas e reinstituir o comunismo no Brasil: os evangélicos votaram maciçamente naquele que acabou eleito; e as conseqüências dessa mentira quase levaram o país a um impasse institucional, com o *impeachment* do presidente da República.

Há meios de nos salvaguardarmos do auto-engano pessoal ou coletivo. Permita-me algumas pistas:

Necessitamos de uma idéia menos divina e mais humana de nós mesmos. A pregação evangélica destes últimos dias vem tão repleta de arroubos triunfalistas, que um novo cristão pensa nunca ter um revés em sua vida. Doenças, desempregos, tristezas, mortes prematuras e inúmeros desapontamentos são varridos para debaixo do tapete religioso, levando as pessoas a viverem uma farsa: os crentes estão imunes ao sofrimento. Com adesivos nos vidros dos automóveis, caixinhas de promessas com versículos fora do contexto e sermões superficiais, vai-se disseminando uma mensagem cristã distorcida. As igrejas já não têm espaço para os que sofrem, faltam-lhes a mensagem de consolo. Despreza-se que doenças, pobreza, mortes prematuras fazem parte dos relatos bíblicos e da vida de seus personagens em proporção maior que curas, riqueza e arrebatamentos espirituais. Oxalá as igrejas evangélicas não se esquecessem de que na conversão não nos tornamos anjos, mas apenas pecadores justificados pela graça. Pensar o contrário é enganar-se diante de um espelho torto.

Necessitamos rever nosso conceito de fé. Ele também pode gerar auto-engano. Proponho que, antes de ser uma força dirigida a Deus, que o impulsiona a fazer aquilo em que estaria hesitante, fé deve ser entendida como uma confiança inabalável em seu caráter. A noção de fé como um poder gera o sentimento errado de que algumas pessoas têm uma oração mais poderosa que a de outras. Crentes juram que alcançaram respostas às suas petições porque receberam a "oração forte" de algum líder religioso. Isso gera uma espiritualidade que busca a Deus para aumentar a força da fé, nunca para ter maior intimidade com Ele. Enganam-se os que pensam ter maior cacife espiritual porque conseguiram arrancar de Deus um maior número de respostas aos seus pedidos. Multidões se iludem com a possibilidade de galgar maior poder espiritual, quando aprenderem a fórmula correta de se dirigir a Deus. Há conseqüências desastrosas em acreditar-se mais "espiritual" que os demais. Além de ofender a Deus, de promover um messianismo patético, isso

gera uma espiritualidade utilitária. Deus passa a ser apenas um meio, uma força domesticada. Isso confirma a ilusão luciferiana do Éden: "Somos deuses. Podemos induzir a divindade a agir de acordo com nossos desejos."

Por último, não podemos acreditar que erros, heresias e muita incoerência só aconteceram no passado. Criticamos os acontecimentos vergonhosos da igreja em séculos passados e não aceitamos que podemos cometer deslizes tão feios quanto aqueles. A falsa noção de que possuímos uma revelação mais elevada que a de Pedro, Paulo e alguns dos pais apostólicos pode ser letal. Se a soberba precede a queda, achar que nos encontramos acima do fracasso já nos faz vulneráveis a ele — quem está em pé, veja, não caia. Não somos os escolhidos da última hora nem temos uma graça incomum. O perigo de sermos jogados na outra extremidade da decepção e do imobilismo é grande, já que ninguém consegue evitar o tropeço. E, se não estivermos preparados para nossos próprios fracassos, nos afogaremos no oceano da culpa e autocomiseração. Giannetti nos adverte:

Quando o mar encrespa e o céu interno fecha, a inflação moral pode virar forte deflação. O estado depressivo da mente leva um homem a ficar privado daquele *modicum* de boa vontade, apreço e respeito por si mesmo que torna a consciência de si aprazível. O deprimido vive como um pária na sarjeta de sua convivência interna ('Não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu'), e sua mente é capaz de dar crédito sincero às mais sombrias e dolorosas recriminações e confabulações íntimas acerca de si.

O refluxo de tanto ufanismo pode, no futuro, causar uma enorme depressão.

O salmista perguntou: "Quem há que possa discernir as próprias faltas?" (Sl 19.12). Também pediu: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23-24). Percebe-se que os

mecanismos do auto-engano e da dissimulação são muito sutis. Portanto, esvaziemo-nos de nossa auto-suficiência. Busquemos a verdadeira renovação espiritual, promovida pelo Espírito Santo. Só Ele esquadrinha o coração, prova os pensamentos e dá a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto de suas ações.

A igreja evangélica necessita de uma nova reforma. Desçamos de qualquer pedestal da arrogância e da auto-suficiência, e deixemos que a luz perscrutadora do Espírito penetre em todas as câmaras de nosso viver. Só assim poderemos nos imaginar noiva do Cordeiro, sem ruga e sem mácula.

A pobreza dos púlpitos

Sinto-me privilegiado. Fui contemporâneo de grandes pregadores; tribunos que inflamaram imensos auditórios com o poder da oratória. Fizeram da homilética mais que uma ciência, uma arte. João Queiroz orava nos púlpitos nordestinos e poucos conseguiam reter as lágrimas. Bernhard Johnson, missionário americano que viveu a maior parte de sua vida aqui, incendiava multidões com sua rapidez de raciocínio e memória invejável. Acioly Brito lia os Salmos com graça ímpar. Viajei muitos quilômetros para escutar Caio Fábio d'Araújo Filho. Suas prédicas, compungindo pastores e desafiando os cristãos a uma vida excelente, garantiam o esforço da viagem. Apaixonados, lúcidos, criativos, esses homens me ensinaram a amar a excelência nos sermões. Ainda hoje nada me emociona mais que uma grande mensagem.

O mundo evangélico produziu grandes oradores. Não só aqui no Brasil como ao redor do mundo, vastas multidões se ajuntaram para escutar príncipes da palavra. Diz-se que cerca de 7 mil pessoas ouviam Spurgeon todas as semanas em Londres. Billy Graham falou para milhões de pessoas em centenas de cruzadas evangelísticas. Stephen Olford, escocês, Ravi Zacharias, indiano e E. V. Hill, americano, e tantos outros ainda encantam, falando com a destreza dos hábeis oradores.

Com a igreja muito influenciada pelo alucinante ritmo da pós-modernidade, infelizmente nossos púlpitos estão cada vez mais empobrecidos. Pastores animam seus auditórios com frases de efeito, contentam suas igrejas com mensagens superficiais e sem beleza. Sinto saudade de pregadores eloqüentes, argutos; que saibam combinar a lógica com a emoção, a força profética com a doçura poética, a paixão com a lucidez.

O Sermão da Sexagésima, do Padre Vieira, é um libelo que necessita ser resgatado para que os grandes sermões não desapareçam dos nossos púlpitos. Baseado na Parábola do Semeador (Lucas 8), Vieira desafiou os seus contemporâneos a deixarem resplandecer a excelência de Deus, todas as vezes que proclamassem a Palavra. Atualíssimo, embora proferido em 1655.

Inconformado com a indigência dos pregadores e com a maneira como isso repercutia nos resultados de seus sermões, ele perguntou: "Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será por que antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu e outros como eu?" Ele mesmo respondeu:

Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo... Uma coisa é o soldado, e outra o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador, e outra o que semeia; uma coisa é o pregador, e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? É o conceito que de sua vida têm os seus ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que não se converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras, são tiro sem bala; atroam, mas não ferem.

Também discerniu uma penúria nos conteúdos dos sermões. Hoje, como naqueles dias, também se constata essa triste realidade. Faltam consistência e relevância aos assuntos tratados em muitas homilias.

O sermão há de ter *um só assunto* e *uma só matéria*. Por isso Cristo disse, que o lavrador do Evangelho não semeará muitos

gêneros de sementes, senão uma só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*. Semeou uma só semente, e não muitas matérias. Se o lavrador semear primeiro trigo, e sobre o trigo semear centeio, e sobre o centeio semear cevada, que havia de nascer? Uma mata brava, uma confusão verde. Eis o que acontece aos sermões deste gênero. Como semeiam tanta variedade, não podem colher coisa certa. Quem semeia misturas, mal pode colher trigo. Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso, nos púlpitos se trabalha tanto, e se navega tão pouco.

Que a cruz volte a ser pregada, que a glória de Deus volte a mover o coração dos arautos do evangelho e que o amor aos perdidos traga as lágrimas de volta ao púlpito.

Vieira convocou seus pares a não negacearem. Acreditava, corretamente, que não basta o pregador manter-se fiel ao texto. Sobretudo, deve ater-se ao seu sentido.

Sabeis [cristãos] a causa por que se faz, hoje, tão pouco fruto com tantas pregações? É porque as palavras dos pregadores são palavras, mas não são palavras de Deus... Mas dir-me-eis: Padre, os pregadores de hoje não pregam do Evangelho, não pregam das Sagradas Escrituras? Pois como não pregam a palavra de Deus? Esse é o mal. Pregam palavras de Deus, mas não pregam a palavra de Deus... As palavras de Deus pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus, mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do demônio.

Oxalá os sermões deixassem de torcer o texto para se encaixar nas pretensões humanas. Que haja mais siso na abordagem da Bíblia. Que os pregadores sejam criteriosos no ensino e aprendam com Paulo: "Portanto, eu vos protesto, no dia de hoje, que estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (At 20.26-27).

Vieira parecia profetizar aos tempos atuais quando detectou, há mais de quatrocentos anos, a sutil tentação de capitalizar sucesso com a oratória:

O pregador há de saber pregar com fama e sem fama. Mais diz o apóstolo (2 Co 6.8). Há de pregar com fama e com infâmia. Pregar o pregador para ser afamado, isso é mundo; mas infamado, e pregar o que convém, ainda que seja com descrédito de sua fama, isso é ser pregador de Jesus Cristo... A pregação que frutifica, a pregação que aproveita não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena. Quando o ouvinte, a cada palavra do pregador treme; quando cada palavra do pregador é um torcedor para o coração do ouvinte; quando o ouvinte vai do sermão para casa confuso e atônito, sem saber parte de si, então é a pregação qual convém, então, se pode esperar que faça fruto.

Hoje, com os púlpitos combalidos pela teologia da prosperidade e pelas inclementes forças do mercado, convém não se esquecer do aviso final do Padre Antônio Vieira:

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados... *'Si hominibus placerem, Christi servus non essem'* (Gl 1.10), dizia o maior de todos os pregadores, S. Paulo. Se eu contentara aos homens, não seria servo de Deus. Oh! contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens. Advirtamos que nesta mesma igreja há tribunas mais altas que as que vemos. Acima dos tribunais dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus, que nos ouve, e nos há de julgar. Que conta há de dar a Deus um pregador no dia de juízo? O ouvinte dirá: Não mo disseram; mas o pregador: Ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim por amor de Deus e de nós.

Que os seminaristas desejem se esmerar em transmitir a mensagem com conteúdo, arte, paixão e graça de Deus. Que os pastores não abram mão de serem embaixadores do reino e profetas do Altíssimo. Que as igrejas anelem por ouvir as palavras de Deus e não se contentem com sermões que apenas coçam os ouvidos. Que as palavras de Paulo a Timóteo continuem a ecoar como um desafio a todos que manejam a Bíblia: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

Necessitamos de uma nova reforma no cristianismo! Que ela comece pelo púlpito, pelos pregadores, por mim.

Os evangélicos e o fundamentalismo

Fundamentalismo soa mal. A palavra lembra anacronismo, intolerância e violência. Mas não foi sempre assim. O fanatismo que se confunde com o fundamentalismo não estava presente nos primeiros movimentos internos dos protestantes que procuravam defender o que eles consideravam essencial para preservar a fé.

Teólogos identificaram a secularização como sinal de decadência, o avanço das ciências modernas como ameaça para a fé e a crítica literária aplicada à Escritura como prenúncio do fim do mundo. Daí, consideraram urgente defender cinco pontos que eles consideravam inegociáveis: a inerrância da Bíblia, o nascimento virginal de Jesus Cristo, seu sacrifício expiatório e sua ressurreição corpórea e seu iminente retorno para estabelecer um reino milenar na terra.

O final do século XIX foi marcado pela proliferação de idéias milenaristas. Os cristãos pregavam que a qualquer instante Cristo retornaria para resgatar a humanidade do pecado e as igrejas da decadência. As expectativas escatológicas eram alimentadas por uma interpretação literal dos textos apocalípticos. Interessante observar que a Teoria da Evolução repercutia no mundo científico nessa mesma época. E o liberalismo teológico alemão fazia alta crítica propondo que se estudasse a autoria dos livros da Bíblia.

Perguntava-se sobre a literalidade das narrativas; questionavase não só quem escreveu o livro do Gênesis, mas a acuracidade científica do texto: " O mundo foi criado em seis dias literais"?

Os milenaristas perceberam o perigo. Levantar suspeita sobre a factualidade de um só relato bíblico semearia dúvida sobre toda a revelação. O liberalismo passou a ser considerado por alguns como uma apostasia. Questionar a Bíblia era um pecado inominável, a heresia das heresias. Assim, a fé deixou de ter uma mística, uma

experiência que nutre o relacionamento com Deus. No fundamentalismo, fé passou a significar a defesa dos absolutos revelados, da verdade singular.

No fundamentalismo o texto tem uma interpretação oficial, chancelada por quem se considera possuidor do único conhecimento possível sobre Deus. O fundamentalismo se torna intolerante porque considera a verdade estática, não mutável, sem a riqueza relacional; e todas as percepções poéticas são descartadas porque dão espaço para divagações não-ortodoxas.

A atitude intransigente do fundamentalismo nasce do zelo. Lloyd Geering em seu livro "Fundamentalismo - desafio para o mundo secular" foi incisivo quando afirmou: "O fundamentalismo é o fenômeno moderno por meio do qual as pessoas, talvez com medo das incertezas do futuro e desconfiadas do mundo moderno, têm transformado as Escrituras em ídolo tangível".

Essa atitude, que prioriza a defesa da doutrina, termina por levar as pessoas por um caminho distinto de Jesus. Cristo criticou o dogmatismo da religião de seus dias, procurou mostrar que o amor relativiza a letra e que os mandamentos podem ser quebrados para defender a vida. Mais tarde, Paulo avisou que a letra mata, mas o Espírito dá vida. Quando se imaginava que o fundamentalismo arrefeceria, o contrário aconteceu. A globalização e a urbanização permitiram que se conhecessem fraquezas e potenciais das diferentes religiões e para manter a "pureza" da fé muitas vezes se partiu para a força.

Alguns judeus querem demarcar a terra segundo a revelação do que Deus teria dado a Abraão; muçulmanos, restabelecer costumes e leis dos tempos do Profeta; cristãos, disseminar os valores da cristandade.

A história mostra que a religião tem produzido morte como já promoveu a vida, gerou beleza e trouxe esperança. Em seu livro, Lloyd Geering não só mostrou o lado nefasto do fundamentalismo como apontou caminhos para sair da lógica da intolerância.

/ Como cristão, acredito que o alvo da espiritualidade é uma pessoa e não um livro. Enquanto o alvo for Jesus Cristo, podemos ser solidários, bondosos e inclusivos. Contudo, se nos considerarmos guardiões de doutrinas e dogmas, nos tornaremos inclementes, inflexíveis e intolerantes. /

O MOVIMENTO

O fundamentalismo, como movimento, aconteceu nos Estados Unidos, no início do século. Foi uma reação americana contrária à teologia liberal alemã (que tentava tornar a mensagem do evangelho aceitável na Academia), à alta crítica (que questionava a autoria dos livros canônicos) e aos postulados evolucionistas de Charles Darwin, que se alastravam pelas principais escolas teológicas americanas. No dia 1º de julho de 1920, o jornal *Baptist Watchman Examiner*, no intento de distinguir aqueles que criam no que consideravam os pontos fundamentais da fé, cunhou a palavra *fundamentalismo*.

O vocábulo, que já foi foi dicionarizado, tem um conceito pejorativo. Compreende-se hoje por fundamentalista uma pessoa intolerante, fanática, fechada ao diálogo. No começo do século o fundamentalista, não importa se calvinista ou arminiano, não carregava tanto estigma, buscava somente que o verdadeiro cristianismo não prescindisse de cinco principais doutrinas: as Escrituras como revelação objetiva de Deus, o nascimento virginal de Cristo, sua expiação vicária, sua ressurreição corpórea e a historicidade dos milagres. Escritores como Benjamim B. Warfield e Charles Hodge, da Escola de Princeton, anelavam apenas preservar a ortodoxia.

Nesse tempo, a Igreja Presbiteriana sofreu duros abalos. Em maio de 1922, Henry Emerson Fosdick pregou um sermão liberal: "Vencerão os fundamentalistas?" Depois de transcrito e impresso, sob o patrocínio da Fundação John Rockefeller, 130 mil cópias circularam pelos redutos presbiterianos. Pouco tempo depois um fundamentalista deu o troco. Proclamou um sermão não menos

cáustico: "Vencerá a incredulidade?" De repente, os crentes presbiterianos viram-se diante de uma situação paradoxal: ou se tornavam "liberais incrédulos", ou passavam para o lado dos "fundamentalistas reacionários". Centenas de milhares de crentes partiram para igrejas independentes. Quatro membros do Seminário de Princeton saíram para formar o Westminster Theological Seminary. Já não havia retorno para o divórcio entre os liberais e os fundamentalistas. Esse cisma passou subitamente para muitas denominações protestantes históricas. Obrigados por escolher lados, muitos preferiram sair em busca de uma opção até então inexistente.

Com igrejas rachadas, posições entrincheiradas, o mundo protestante experimentou um clima separatista sufocante. Em 1941, os fundamentalistas norte-americanos fundaram o Conselho Americano de Igrejas Cristãs. Fazia frente ao Conselho Federal de Igrejas, que congregava os liberais desde 1908.

Segundo Alister McGrath, a incorporação da doutrina da inerrância das Escrituras (defendendo autoridade absoluta e literal das Escrituras e dispensando o diálogo acadêmico) e o pré-milenismo (pregando um mundo sem solução e negligenciando a ação social como parte do evangelho) geraram as barreiras culturais que acabaram segregando e tornando o fundamentalismo um movimento extremado.

Evangelicalismo

Esse ambiente belicoso clamava por ares mais amenos; faltava uma síntese. Em 1942, dois homens, Billy Graham e Carl Henry, desiludidos com o fundamentalismo, tornaram-se protagonistas de um movimento que não abandonava os alicerces da ortodoxia, mas também não aceitava aquele conservadorismo legalista. No Brasil, ficou conhecido pelo anglicismo evangelical. Henry foi o ideólogo do novo movimento e Billy Graham, seu porta-voz; a revista *Christianity Today*, seu principal veículo de

comunicação. Segundo McGrath, Henry não aceitava a proposta americanizada do fundamentalismo. Segundo ele, "confundiam a cultura americana com o evangelho. Cristo precisava ser pregado sem as amarras culturais do *american way of life* [estilo de vida americano]". Henry denunciava também que o fundamentalismo havia se encaramujado e assumido uma postura tão antiacadêmica, que a fé parecia exigir um suicídio intelectual.

Billy Graham era oriundo das fileiras fundamentalistas. O caráter eclético do seu ministério de cruzadas evangelísticas, entretanto, o forçou a transitar interdenominacionalmente, afastando-o para muito longe do hermetismo segregacionista dessa ala conservadora. Billy Graham tornou o evangelicalismo bem mais ecumênico e popular. Francis Schaeffer, A. W. Tozer, Martin Lloyd-Jones e John Stott conseguiram mostrar que era possível ser ortodoxo sem cair no fosso fundamentalista. Se do lado fundamentalista havia universidades como a Bob Jones, evangelistas como Jerry Fawell (Maioria Moral), redes de televisão como a CBN (pertencente ao Clube 700), do lado evangelical havia uma espiritualidade bem mais engajada e simpática: igrejas como a Batista do Sul, a Assembléia de Deus e segmentos da Espiscopal conviviam harmoniosamente; pensadores como Os Guiness, J. I. Packer escreviam bons livros; pregadores como Jack Hayford atraíam multidões em seus auditórios; e homens e mulheres piedosos como A. W. Tozer e Corrie ten Boon aqueciam o coração de milhões.

Assumindo uma postura mais tolerante, os evangelicais aceitaram o pentecostalismo como uma legítima expressão do protestantismo e aprenderam a distinguir entre doutrinas essenciais e doutrinas secundárias. Sua ecumenicidade não era circunstancial: baseava-se no eixo das principais doutrinas do cristianismo apostólico.

O ano de 1974 foi decisivo para consolidar o movimento evangelical. Em Lausanne, líderes evangélicos do mundo inteiro se reuniram e assinaram o Pacto de Lausanne. Foi um marco para que os evangelicais deflagrassem um processo de diálogo cultural, profetismo, anúncio das boas novas e engajamento social. Os evangelicais anelavam por um "evangelho integral", alcançando toda a pessoa. Enquanto o fundamentalismo continuava não tolerando o diálogo cultural, o evangelical não só o admitia, como propunha que a cultura fosse testada e julgada pelas Escrituras.

Voltemos à minha reação e ao meu dilema. Agora, mais que nunca, estou convencido que precisamos rever tanto a experessão evangélico como seu anglicismo, evangelical. Quem procura dar seguimento ao movimento de Jesus de Nazaré não pode ser obtuso, embora teimosamente não abra mão das doutrinas fundamentais. Dialoga, mas se vê como continuador da doutrina dos apóstolos. Respeita a cultura, contudo afirma a unicidade de Cristo. Vê bondade no ser humano, todavia insiste que fora do Calvário não há salvação. Sim, às vezes ele se revolta e pode até receber a pecha de fundamentalista. Lembremo-nos de Camus: "Um homem revoltado é aquele que diz 'não'". Qual é o significado desse "não"? Ele próprio responde: "Significa, por exemplo, 'as coisas já duraram demais'; 'até aí, sim; a partir daí, não'; 'assim já é demais'; e 'ainda há um limite que você não vai ultrapassar'." A singularidade da vida de Jesus, totalmente homem e encarnação radical de Deus, passam a ser meus limites. Não estou disposto a abrir mão de meu relacionamento com o Cristo vivo, na intermediação do Espírito, para me tornar um apologeta de catecismos, dogmas e Confissões de Fé. O fundamentalista que vive em mim precisa morrer todos os dias para que nasça um discípulo.

Construtores anônimos da história

O ônibus estacionou no acostamento e as portas, rangendo, se abriram. Desci com o coração acelerado. Os muros altos e o barulho das trancas e cadeados do Instituto Penal Paulo Sarasate, nos arredores de Fortaleza, me aterrorizavam. Acordara às 5 da manhã para encontrar o Sebastião no ponto de ônibus. Ele vestia uma camisa com o colarinho puído. Seus sapatos, com sola de borracha, estavam sem graxa. Carregava uma maleta quadrada, bem típica dos pregadores evangélicos leigos. Falava com uma rouquidão crônica, fruto dos inúmeros cultos ao ar livre. Sebastião era um desses anônimos evangelistas que insistem em sonhar que podem salvar vidas para Deus em lugares e circunstâncias impensáveis. Havia me convidado para ser seu companheiro em sua missão. Devido à lotação, viajei em pé. Arrastamo-nos, dentro daquele transporte coletivo, numa viagem que pareceu muito mais demorada. De parada em parada, entre rostos cansados, percorremos os 35 quilômetros que nos levariam aos doze ou treze presos — não mais do que isso — dispostos a ouvir o sermão desse desconhecido evangelista. Ainda hoje não sei o seu último nome. Depois de revistados, passando por várias estações de guardas, chegamos a um longo corredor, todo pichado. O português era ruim. Entre tudo o que li, "vingança e justiça" ficaram em minha memória. O salão de cultos não passava de um pequeno alpendre defronte a uma miserável lanchonete. Aquela dúzia de homens rotos, arriados em suas cadeiras, deixavam bem claro que estavam ali por pura falta de opção. Não receberiam visita da família ou não tinham como pagar a prostituta dominical.

O Sebastião tentou cantar alguns hinos de seu hinário. Os ouvintes agora mostravam-se ainda mais inquietos. Sem acompanhamento de um instrumento musical, desafinava tanto que

a música era quase irreconhecível. Eu, ainda mais desafinado, não conseguia ajudar. Revezamo-nos durante o sermão. Percebi que deveria ser sintético e simples. Mas, minhas palavras pareciam resvalar em corações de pedra. Tudo me parecia inútil. Sem infra-estrutura e sem apoio financeiro ou estratégico de sua igreja, pensei: "aqui só se colherão frustração e desilusões".

Quão enganado estava! Passados dois anos, visitei uma igreja distante mais de 3 mil quilômetros daquele presídio, nos arredores de São Paulo. Terminei de pregar e um jovem senhor se aproximou perguntando se eu conhecia algum Sebastião no Ceará. Disse-lhe que sim. De pronto, emendou: "Por favor, diga a ele que aquelas visitas ao Instituto Penal foram responsáveis por minha conversão. Hoje, restaurado e casado, sirvo a Deus nesta igreja. Sinto-me tão grato por sua vida, que jamais esqueço de orar por ele." Com olhos marejados de lágrimas, concluiu: "Ele foi o instrumento de Deus para minha transformação".

Naquela noite agradeci a Deus pela vida dos obscuros heróis da fé. Homens e mulheres que se dão pela causa do evangelho, sem jamais serem reconhecidos ou aplaudidos nas luzes da ribalta. Lembrei-me que a história foi também construída por pessoas das quais nem sequer conhecemos o nome. Muitas vezes, acreditamos que somente aqueles que alcançam mais publicidade e popularidade, devido a sua inteligência ou carisma, plasmam a história. Ledo engano. Embora nossos olhos se voltem para Elias e nos impressionemos com a grandeza de seus gestos, havia 7 mil outros profetas que não se dobraram diante dos ídolos. Eles também foram gigantes da fé. A personalidade forte e a maior visibilidade ministerial de Pedro não podem ofuscar o valor de um André ou de um Bartolomeu. Embora menos evidentes, foram igualmente fundamentais na concretização da igreja primitiva.

Devido à visão de mundo secularizada de nossos dias, há uma tendência generalizada de querer transformar os pastores em heróis. Criam-se celebridades, festejam-se os talentos e endeusam-

se as pessoas. Os mitos passam a ser definidos por superlativos. Passamos a enxergar potenciais divinos em pessoas frágeis. Cremos na infalibilidade de nossos semideuses. Não admitimos sequer a remota possibilidade de que todos são mortais e participantes da natureza caída de Adão. Quando algum deles nos desaponta, nossa fé sofre duros abalos.

Esquecemos que não há quem possa se gloriar pelo seu desempenho diante de Deus. Esquecemos que o cristianismo não valoriza o poder, mas o serviço, não busca glória, mas discrição. Os ídolos que andam e falam podem ser mais perigosos que os ídolos de pedra ou madeira. Estou convencido de que, quando todos comparecermos diante do tribunal de Cristo, os grandes heróis da fé serão homens e mulheres cujos nomes nunca ouvimos falar. Gente sem sobrenome famoso. Anônimos, mas fiéis.

A cláusula final da oração do Pai Nosso — "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre" — vem entre colchetes nas Bíblias editadas pelos protestantes e é excluída nas traduções católicas. Acredita-se que seja um acréscimo tardio da igreja primitiva (os melhores textos não a incluem como parte da oração original de Cristo), porque algum pai da igreja buscou interpretar a sentença anterior a ela: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal". Por isso, acrescentou: "Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém." Sua leitura, corretíssima, foi de que o mal a que Jesus se referia era a tentação de roubar de Deus o seu reino, sua glória e seu poder. Uma lição que deveria ser aprendida por todos os cristãos, principalmente os líderes. O culto à personalidade sutilmente fomentado no cristianismo ocidental esquece que o pecado original, na tentação de Lúcifer, era a cobiça do reino, poder e glória, que só pertencem a Deus.

A igreja do Ocidente precisa valorizar mais os seus anônimos heróis e diminuir a expectativa nos seus líderes mais visíveis. O excesso de aplausos e o deslumbramento com a verve carismática de alguns os expõem à tentação de se acharem imprescindíveis.

Tentação que conduz à soberba, e esta, que precede a queda. Diz-se também que o cemitério está cheio de pessoas imprescindíveis.

Ninguém deve esquecer que há inúmeras mulheres virtuosas visitando hospitais, vários pequenos empresários distribuindo comida para os desabrigados nas madrugadas, anciãos que andaram com dignidade a vida toda. O mundo evangélico cresce devido à teimosia de incontáveis pastores que sobem morros, embrenham-se em cidades ribeirinhas do Amazonas e levantam-se de madrugada para fazer missão em cidades poeirentas do Brasil. Não recebem nenhum galardão, senão a recompensa de serem úteis ao seu Deus.

Afirmar que a força da igreja advém de alguns segmentos evangélicos mais visíveis da mídia é desmerecer tantos valentes. O fracasso de alguns não significa uma crise na igreja. Deus ainda tem homens e mulheres dos quais o mundo não é digno (Hb 11.38).

Paulo deixou claro aos crentes de Corinto que "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1 Co 1.27-29).

Portanto, antes de falar em avivamento, a igreja precisa resgatar o sacerdócio universal dos crentes, uma das pilastras da Reforma. Enquanto continuarmos a absorver os valores do mundo ocidental, teremos alguns heróis ocasionais, mas continuaremos cegos para com aqueles que Deus valoriza. Isso já será uma grande perda.

Sebastião, muito obrigado. Valeu!

Fé versus obras - por que a briga?

O ar condicionado não vencia o calor. Éramos um bom número de universitários amontoados em uma minúscula sala, debatendo fervorosamente. O clima já quente aquecia ainda mais. Estávamos em uma reunião da Aliança Bíblica Universitária e eu me iniciava no mundo das controvérsias religiosas. "O crente perde ou não perde a salvação? Ela é condicional ou incondicional? A graça nos alcança antes do arrependimento ou depois que demonstramos contrição?" Rapidamente nos entrincheirávamos em nossas posições e nos delongávamos à cata de versículos bíblicos que nos ajudassem no próximo encontro. Jocosamente, apelidamos os defensores da salvação incondicional de "crentes da eternona". Os defensores da salvação condicional receberam o rótulo de "cristãos da borracha", já que Deus precisaria de uma borracha para apagar seus nomes do livro da vida todas as vezes que pecassem.

Naqueles dias não compreendíamos a extensão de nossos debates. Sem saber, perpetuávamos um dos mais controversos temas do cristianismo — discórdia que, segundo alguns, começou com os escritos de Paulo e de Tiago. Paulo, defensor da graça irrestrita, estaria em oposição teológica a Tiago, que insiste que a fé sem obras é morta.

Os defensores da "eternona" têm munição: "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8-9); "Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé" (Rm 1.17). Em nossas tertúlias, alguns vociferavam: — Estes versículos e mais centenas de outros comprovam a doutrina paulina de que somente a graça é capaz de salvar. O grupo da "borracha" não hesitava: — Por que então Tiago

pergunta enfaticamente: "Não foi por obras que o nosso pai Abraão foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque? Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou" (Tg 2.21-22)?

Quem estaria certo? Qual das posições mais se aproximava dos ensinos de Jesus? Os da "eternona" defendiam seus pontos de vista com textos paulinos; os da "borracha" buscavam nos evangelhos as parábolas das virgens néscias e dos servos negligentes, e na carta aos Hebreus, nas epístolas universais de Pedro e de Judas, textos que lhes provassem mais apostólicos.

Mal sabíamos que nossas diferenças nos dividiam como evangélicos, bem como sinalizavam uma divisão ainda mais profunda no cristianismo: católicos romanos e protestantes.

Desde que o monge agostiniano Martinho Lutero, subindo as escadarias de seu mosteiro, entendeu o texto de Romanos que declara que o justo viverá pela fé, aprofundou-se o enorme abismo da compreensão da salvação. Lutero resgatava o ensino do mentor e fundador de sua ordem no catolicismo, Santo Agostinho, que certamente foi quem mais influenciou o cristianismo depois de Jesus Cristo e do apóstolo Paulo. Monge no norte da África no século V, herdeiro de um passado fortemente enraizado na filosofia neoplatônica e egresso de um sistema religioso herético chamado maniqueísmo, Agostinho escreveu e refletiu sobre assuntos como a Trindade, a graça irresistível, o livre-arbítrio e a predestinação. Seus livros foram duramente criticados por Pelágio, um monge inglês que tentava refutar a doutrina da predestinação e que insistia que as pessoas têm livre-arbítrio para obedecer a Deus. Agostinho insistia que o pecado de Adão acorrentava a vontade dos homens e os obrigava a escolher sempre o mal. Pelágio afirmava o contrário. Se Deus ordena que as pessoas pratiquem o bem é porque sabe que é possível optar entre a virtude e o vício. Um concílio condenou Pelágio como herético. Sua afirmação de que o ser humano é naturalmente bom e capaz de fazer o bem, sem a ajuda do

Espírito Santo, contradizia o ensino da igreja. Ele acabou desacreditado. Agostinho fortaleceu-se e hoje é reconhecido como um dos maiores teólogos da igreja.

Lentamente a teologia católica romana foi-se afastando desse conceito agostiniano. Os místicos da Idade Média, e principalmente Tomás de Aquino, reelaboraram o conceito sobre o livre arbítrio. Em sua *Suma Teológica*, Aquino dizia que a liberdade da vontade é uma das exigências mais elementares da filosofia e, portanto, ela não pode ser negada: "Se não houvesse vontade livre, os nossos atos careceriam *ipso facto* daquele caráter que os torna dignos de louvor ou de repreensão: já não poderia haver a questão da moralidade."

O veredito de Lutero foi taxativo: "Portanto, as palavras de Paulo, em Romanos 3.20, podem parecer muito simples, mas elas têm poder suficiente para fazer com que o 'livre-arbítrio' seja total e completamente inexistente".

Quando o famoso teólogo de Genebra, João Calvino, sistematizou a teologia reformada de seus dias, tornou-se o mais influente pensador do mundo protestante. Calvino, assim como Agostinho, dizia que Deus, sendo soberano, onisciente, eternamente justo e bom, decidia o destino eterno de todas as pessoas. Nas suas *Institutas*, assim descreveu o que entendia por predestinação:

Chamamos predestinação ao eterno decreto de Deus, pelo qual determinou em si mesmo o que ele quis que todo o indivíduo do gênero humano viesse a ser. Porque eles não são criados todos com o mesmo destino; mas para alguns é pré-ordenada a vida eterna e, para outros, a condenação eterna. Portanto, sendo criada cada pessoa para um ou outro destes fins, dizemos que é predestinada ou para a vida ou para a morte.

Logo sua posição foi contestada dentro dos círculos protestantes. Assim, Jacobus Arminius seria o seu opositor. Renascia o debate sobre a fé e as obras, o livre-arbítrio e a graça irresistível de Deus, sempre com radicalizações.

Parece estranho que exatamente um assunto sem consenso tenha contribuído para agravar a divisão entre católicos e protestantes. A teologia católica solidificou-se pregando a penitência e o espírito contrito para que a graça alcance as pessoas. Já os protestantes (sem um mínimo de unidade) insistiram na teologia da graça.

Há que reconhecer que tanto as posições do agostinianismo reformado como as do catolicismo penitente geraram bonitas expressões de fé. Apenas conscientes da graça, homens e mulheres podem celebrar a certeza da salvação ainda neste lado da vida. A graça acaba com a culpa, já que a redenção é uma conquista de Cristo, e não do crente. Por outro lado, a penitência gera um esforço em buscar a santificação. A seriedade com que alguns católicos, no estilo de São Francisco de Assis e Madre Teresa de Calcutá, buscam penitentemente se arrepender de seus pecados e como se disciplinam querendo agradar a Deus demonstra a profunda honestidade de seus corações.

As radicalizações desembocaram também em religiosidades adoecidas. Monges se flagelavam, buscando demonstrar um coração contrito e assim se tornar alvos da graça. Filas de penitentes que "pagam" promessas nas escadarias das igrejas de romarias ressaltam a descaracterização dos textos que nos admoestam a "operar nossa salvação com temor e tremor". O calvinismo já serviu de pano de fundo para legitimar o racismo e sistemas totalitários.

Se o pomo da discórdia é tão sutil, por que tanta briga? A graça nos alcança antes de nos arrependermos. Ele nos amou primeiro. Sim, o mérito da salvação é todo de Deus ("quem efetua em vós tanto o querer como o realizar"). Contudo, nós atendemos ao apelo do Espírito, quando poderíamos resisti-lo. Católicos precisam aprender mais sobre os dons imerecidos de Deus e protestantes não devem esquecer que fé não é apenas um fato — fé se concretiza com atos.

Se permitirmos o diálogo, veremos que tanto católicos como protestantes podemos contribuir para o mistério da salvação. Há

muitas questões que ainda nos dividem. Entretanto, alcançando algum consenso na doutrina da redenção humana, já teremos caminhado bastante.

A um ano do fim

Jamais esquecerei o dia em que ouvi o disco *A última trombeta*. A capa, não a esqueço, porque durante toda a narrativa me atraiu os olhos. Tinha o desenho mal feito de uma trombeta que saía do meio de nuvens celestiais. O disco, uma versão novelesca de como deveria ser a iminente volta de Cristo, era dramático. Quando o braço da vitrola tocou o vinil, arrepios correram por meu corpo. Eu tinha apenas 16 anos e, com os olhos vidrados, ouvi o narrador, com a sua voz mansa, descrever como seria o arrebatamento da igreja e o caos que se instalaria depois. Terminado aquele relato fantasioso, desejei um mundo melhor e sonhei com ele.

Sei que pode parecer estranho, mas tenho saudades daqueles dias. Reconheço que aquela visão de mundo era catastrófica, teologicamente inconsistente e de uma lógica muito simplista. Mesmo assim não consigo esconder minha saudade. É que, naqueles dias, fosse você um cristão fundamentalista, que aguardava a qualquer momento o soar da última trombeta; ou um comunista militante, que esperava que os proletários do mundo se unissem; ou um reacionário de direita, daqueles que acreditavam que são necessários regimes totalitários para deter o avanço da maldade, você teria sonhos. Concordando ou revoltando-se, o ambiente era beligerante. Havia posições definidas.

Vivemos um tempo em que faltam-nos utopias. Na vigília do dia 31 de dezembro de 1999 — lamento afirmar — a humanidade continuou dividida. Havia duas mesas na festa do *reveillon*. Em uma, comida e bebida em abundância, sem que as pessoas tivessem fome. A música de fundo tocava freneticamente, convidando a todos para um carnaval mecânico. No rosto de todos se observava um tédio disfarçado de alegria, que se desfaria na manhã seguinte —

ou quando passasse o efeito da cocaína. Na outra mesa estavam milhões de nordestinos brasileiros, africanos, desempregados e excluídos economicamente, sem brilho nos olhos. Afastados da outra mesa por uma cerca intransponível, não entendiam por que tanta festa. Morriam de fome a apenas alguns metros da comida que apodrecia. Em seus olhos não havia cobiça, mas um tédio estranhamente parecido com o das pessoas da outra mesa. Sem horizontes e sem ânimo, esperavam com resignação o dia seguinte para comer o que sobejaria da festa.

No passado, as viradas de século não foram sempre assim. Na tarde secular de 1899, evidenciava-se que um fortíssimo otimismo marcaria todos os setores da vida humana. Na filosofia, Marx e Hegel aqueciam os anseios de uma sociedade igualitária e perfeita. O positivismo de Augusto Comte prometia que o mundo, livre das superstições e da ignorância, viveria o esplendor da ordem e do progresso. A América atraía milhões de europeus. Aí, a máxima da revolução francesa de "liberdade, igualdade, fraternidade" encontraria espaço e se concretizaria. Os profetas apocalípticos recheavam seus discursos com previsões do iminente fim. Moody, Joseph Smith, Helen White, os Testemunhas de Jeová, o movimento fundamentalista, os pentecostais da rua Azuza são filhos dessa época. Eles antecipavam a volta de Cristo para os seus dias. Sonhavam e militavam incansavelmente.

Depois de duas guerras mundiais, montanhas de cadáveres, centenas de guerras étnicas, dilapidação do sistema ecológico, multiplicação da miséria humana, estamos cansados. Joan Baez lamentou: "Somos orfãos em uma época sem amanhãs". E Millôr Fernandes não deixou por menos: "A humanidade progride de enforcamento em enforcamento, de fuzilamento em fuzilamento, de guilhotina em guilhotina, de cadeira elétrica em cadeira elétrica, de pau-de-arara em pau-de-arara".

Christopher Lasch, no prefácio de seu excelente O *Mínimo Eu*, mostra que o individualismo da sociedade atual não pode ser

taxado de simples e mesquinho egoísmo, pois é uma prática para a sobrevivência psíquica do homem:

Em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Raramente se olha para trás, por medo de sucumbir a uma debilitante nostalgia; e, quando se olha para frente, é para ver como se garantir contra os desastres que todos aguardam.

Quando perdemos a confiança no futuro, quando todos os nossos esforços são para nos preparar para o pior, voltamo-nos para ações mais imediatistas ("Comamos e bebamos porque amanhã morreremos"). Hoje, o passado nos persegue como uma nuvem carregada de maldições, pronta a se vingar. O futuro tornou-se ainda mais ameaçador. A economia pode ruir a qualquer instante, o efeito estufa pode tornar a terra em um inferno dantesco, as bombas bacteriológicas podem fazer renascer uma nova peste negra, dizimando milhões. Por essa razão, Antoine Roquentim, protagonista de *A Náusea*, de Sartre, observava as pessoas ao seu redor e dizia: "Também eles, para existir, precisam estar reunidos. Quanto a mim, vivo sozinho, inteiramente só. Nunca falo com ninguém; não recebo nada, não dou nada."

Tenho saudades de um tempo em que os sonhos nos dominavam, nos impulsionavam para um amanhã que acreditávamos ser alvissareiro. Meu pai foi preso político. Lembro-me quando o jipe da aeronáutica estacionou na frente de nossa casa e o oficial entregou à minha mãe uma carta comunicando oficialmente a prisão dele. Com as mãos trêmulas, a barriga pesada de uma gravidez e os olhos marejados de lágrimas, ela soube que a partir daquele dia receberia uma pensão como viúva, mesmo que ele estivesse vivo e incomunicável em alguma base aérea no Brasil. Meu pai acreditou que valia a pena sacrificar os benefícios de uma promoção em sua carreira militar para que o futuro de seus filhos fosse melhor. Atitudes como essa estão cada vez mais raras. Até nas igrejas.

Converti-me e aprendi que o evangelho é boa notícia. Uma boa notícia diferente, porque não se conforma com o pessimismo, não se acomoda diante do avanço do mal e não cessa de profetizar um novo dia. A cultura ocidental conseguiu ser mais desumana que a romana, mais cruel que a assíria e muito mais requintada em imoralidade que a de Sodoma e Gomorra. A igreja não pode querer simplesmente sobreviver. Afirmar que os cristãos devem ser agentes de transformação é lugar-comum. Falar que temos de ser sal e luz é redundância.

O cristianismo precisa voltar a ser gerador de sonhos, sonhos de um mundo em que o cordeiro paste com o leão e o menino não tema o veneno da serpente. Um mundo em que as pessoas não sejam discriminadas pela cor de sua pele nem mortas por ousarem pensar. Um mundo onde a miséria não seja aceita como inevitável. Um mundo em que ninguém seja obrigado a seguir a Deus por manipulação ou coerção. O cristianismo só sobreviverá no próximo milênio se vencer a terrível tentação satânica de ser uma religião de gratificação imediata ("Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães"); uma religião de um misticismo egoísta ("Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito; que te guardem"); ou uma religião de poder e de riqueza ("Mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares") (Mt 4.3, 6, 8, 9).

"E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos" (At 2.17).

Se essa profecia de Joel se cumprir em nossos dias, já não teremos saudades de um passado em que as pessoas ousavam sonhar.

Fim de milênio

Como evangélicos, muitas vezes temos um conceito errado sobre o mundo. Sou originalmente da Assembléia de Deus, e para muitos de nós mundo significa parque de diversão, piquenique, jogar bola, soltar pipa ou usar brinco. Para mim, essa é uma visão muito simplista. Creio que o conceito de mundo é muito mais sutil, algo às vezes quase imperceptível. Se não fosse assim, Jesus não teria dito aos seus discípulos: "Acautelai-vos, tomai cuidado..." e não haveria tanta preocupação nas Escrituras com relação ao mundo. Bastaria construirmos alguns redutos monásticos, vivermos entre crentes, sem baralho, futebol e novela, e estaríamos livres do mundo.

A igreja evangélica nestes últimos anos tem se preocupado exageradamente com uma batalha contra o diabo, baseada nesse conceito simplista de mundo, sem perceber que outro tipo de mundo está entrando na igreja.

Vejamos a percepção bíblica das conseqüências do mundo na igreja: "Sabe, porém, isto: Nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis; pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, antes amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes." (2 Tm 3.1-5.)

Paulo diz que chegariam tempos difíceis. Creio que já estamos vivendo esses tempos — tempos difíceis, da falência daquilo que os estudiosos chamam de modernidade. Atravessamos uma espécie de hiato entre dois períodos: a modernidade e algo que ainda está por vir. A modernidade fracassou, morreu, e ainda não se encontrou

nada para substituí-la. Vivemos, pois, um período de falência, conhecido simplesmente como pós-modernidade.

Para entender o que queremos dizer com pós-modernidade, vejamos primeiramente o que é a modernidade.

Modernidade

Durante a Idade Média, o mundo inteiro gravitava em torno dos parâmetros que a Igreja Católica fornecia para o desenvolvimento da ciência, das artes, da educação e da própria política.

O rei era muito mais uma marionete nas mãos do poder clerical do que um ser autônomo. Ele precisava da chancela do papa para governar, e vivia à sombra do poder eclesiástico, que dirigia o poder político.

O comércio dependia da autorização da igreja, que proibia, por exemplo, o lucro e os juros. Na Idade Média, quem emprestava dinheiro a juro era considerado um marginal, porque a pobreza — e não a riqueza — era considerada como uma forma de bênção. Com base nas palavras de Jesus — "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5.3) —, a riqueza e o trabalho eram vistos mais como uma disciplina da queda do que como bênção.

Com o tempo, tudo isso começou a tornar-se intolerável. Chegou o período que os historiadores chamam de os mil anos de trevas. Foi o período da Inquisição, em que as pessoas que se opunham à igreja eram queimadas na fogueira. Foi o período medieval, no qual se desenvolveu o chamado culto das relíquias, objetos considerados originais do tempo de Jesus e que, acreditava-se, traziam boa sorte, abençoavam, livravam do purgatório. Difundiu-se a crença de que aqueles que possuíam relíquias tinham um privilégio maior diante de Deus, porque teriam em suas mãos algo autêntico da vida de Cristo. Era comum naquela época, por exemplo, as pessoas carregarem consigo, dentro de

um pequeno estojo, pedaços da cruz de Cristo. Havia tantos pedaços da cruz nas mãos das pessoas que os historiadores dizem que, se juntados, dariam para construir um navio! Surgiram coisas esquisitíssimas. Um príncipe alemão, por exemplo, afirmava ter uma pena da pomba do Espírito Santo. Outro dizia possuir um pouco do leite de Maria. A superstição imperava. Com o culto das relíquias surgiram também as chamadas indulgências: as pessoas compravam, literalmente, crédito no céu pelo dinheiro que davam à igreja. Alguns milionários davam verdadeiras fortunas à igreja, crendo com isso ganhar crédito no purgatório. Um deles, por exemplo, calculou que poderia pecar o correspondente a mais de cinco mil dias de purgatório sem problemas, porque já tinha crédito e, portanto, estava livre.

Dentro de todo esse contexto, começam as grandes navegações. Novos povos são descobertos, o comércio é incrementado, nasce uma classe burguesa, composta de pessoas do povo, que estão enriquecendo por meio do comércio. Essa classe cresce e começa a rejeitar os ditames da Igreja Católica. Os príncipes e os reis também começam a se inquietar, buscando livrar-se do jugo papal.

Emergem também os primeiros arrojos científicos. Até então, a terra era considerada o centro do universo e cria-se que o sol gravitava ao redor da terra. Nicolau Copérnico, estudando a ciência com a mente mais autônoma, opôs-se a tal teoria, afirmando que era a terra que girava ao redor do sol, e que o sol era o centro do universo (sistema heliocêntrico, teoria que ele próprio rejeitou mais tarde). Para a Igreja Católica e para o mundo cristão de então, dizer que a terra não era o centro do universo constituía um verdadeiro absurdo.

Ao mesmo tempo que Nicolau Copérnico declara a independência da ciência, outro homem, Maquiavel, escreve *O Príncipe*, livro em que declara que o rei também não deve estar subordinado ao sistema religioso.

Estão minados os dois principais alicerces religiosos do período medieval: o da ciência e o da política. Deus já não é reconhecido como o centro da ciência, e o rei, segundo o tratado de Maquiavel, já não depende do poder papal. Tanto o rei quanto o cientista são, agora, independentes.

Em meio a toda essa ebulição, outro lance fundamental: Gutemberg aprimora a impressa gráfica, criando a possibilidade de imprimir páginas escritas não mais a mão, com a pena, mas utilizando os tipos móveis. O primeiro livro que ele imprime é a Bíblia. Possibilitando uma produção muito mais rápida, a imprensa torna a Bíblia mais acessível, e um novo interesse pela leitura das Escrituras começa a se manifestar.

O monge agostiniano Martinho Lutero empenha-se então em estudar a Bíblia. Ele dá início à chamada Reforma Protestante e, por seu intermédio, agora a própria religião desenvolve um pensamento liberal. Ele quer que a Bíblia seja colocada nas mãos de todo o povo, e seu principal pressuposto é que cada pessoa deve ter a liberdade de ler e entender as Escrituras sem depender da interpretação preconcebida e pré-elaborada da Igreja Católica.

A ciência já declarou a independência da igreja, o Estado está se independentizando sob a influência dos escritos de Maquiavel e a Revolução Francesa está para explodir. Lutero detona com o próprio poder da Igreja Católica, declarando que todos têm a liberdade também no âmbito religioso.

Então acontece a explosão da Renascença. E, com ela, surge — na Itália, na Alemanha, na Europa inteira — o fenômeno chamado modernidade, cujos três principais pressupostos são:

1) o homem é independente, já não precisa de Deus;

2) até então o objetivo da ciência era descobrir as maravilhas de Deus e, agora, é satisfazer ao homem. A ciência já não está a serviço dos mistérios de Deus, mas do bem-estar humano;

3) o Estado, e não mais a igreja, é o supridor das necessidades do homem. Antigamente, o ensino era suprido pela igreja; os hospitais e cemitérios pertenciam à igreja; os casamentos eram feitos pela igreja. Agora, o Estado independente torna-se responsável por tudo isso.

Nesse período da modernidade, surge o movimento chamado iluminismo, com os grandes filósofos e pensadores europeus, como Voltaire, Diderot, Spencer, Francis Bacon. Os iluministas são principalmente ateus e afirmam: "Não precisamos mais de Deus. Somos o centro, e nós nos bastamos. O ser humano é inteligente o suficiente para resolver os seus próprios problemas". Nasce o humanismo, cujo principal postulado considera o ser humano como o centro de todas as coisas. Os iluministas afirmam também que a ciência e o Estado já não estão a serviço de Deus ou da igreja, mas sua razão de ser é o bem-estar do homem. Nascem assim os direitos universais do homem, dando origem à Revolução Francesa, com seus três grandes pressupostos: liberdade, igualdade e fraternidade.

Então vem o romantismo, com os seus grandes sonhadores do futuro, que afirmam: "Somos donos da ciência, livres da religião e do misticismo, capazes de resolver todos os nossos problemas. Construamos um paraíso aqui na terra".

Thomas More escreve sua *Utopia*. Imagina um país de várias ilhas, onde todos os seres humanos viverão em paz e fraternidade, onde ninguém será rico nem pobre, onde as pessoas dividirão seus bens umas com as outras sem o menor esforço.

Rousseau diz que o homem é inerentemente bom e que o pecado é uma invenção da Igreja Católica.

A ciência continua progredindo e chega a Revolução Industrial inglesa, com seus teares, automóveis e locomotivas. As pessoas começam a sonhar com a possibilidade de um mundo cada vez melhor.

Aparece Karl Marx e identifica que o problema do homem não é o homem, e sim a economia: a busca da riqueza e a tensão entre o proletário e o rico. Para construir o paraíso aqui na terra, seria preciso acabar com o Estado.

A passagem do século XIX para o século XX dá-se com esse sonho da modernidade: "Éramos retrógrados, antigos, ignorantes, mas agora, com a educação, a ciência e o humanismo, vamos construir o paraíso aqui na terra — sem Deus!"

Nesse ambiente, nasce a república brasileira. Somos um dos poucos países do mundo que têm uma frase escrita em sua bandeira: "Ordem e progresso". Esta frase vem de uma religião chamada positivismo. Aqui no Brasil há templos dessa religião, que é uma religião secular, cujos deuses são os próprios homens. O positivismo tem como principal postulado que o problema da humanidade é a ignorância. O dia que o povo for ensinado e educado, então, sim, poderá se construir o paraíso aqui na terra.

Em 1914, na Rússia, o comunismo marxista chega ao seu apogeu com Lenine, pressupondo a construção do paraíso que Cristo anunciou, aqui na terra — sem Deus.

A república brasileira está nascendo com o positivismo de Comte; a Rússia vive o auge do marxismo leninista; toda a Europa está imersa nesse clima ebuliente; o mundo inteiro acredita que vai construir o paraíso aqui na terra.

O inesperado acontece. Em 1914 explode a Primeira Guerra Mundial: uma facada no peito da modernidade! A modernidade postulava que o homem era bom, mas a realidade mostra milhões de pessoas se matando. A Primeira Guerra Mundial é caracterizada pela crueldade de seus campos de concentração, pelo morticínio bárbaro produzido pelo chamado gás de mostarda e por inúmeras outras atrocidades. O sonho se desvanece numa das mais sangrentas e terríveis guerras que o mundo já conheceu.

Embora a modernidade tenha fracassado, seu espírito permeia a igreja até os dias de hoje. As pessoas se dizem convertidas,

mas continuam senhoras do seu próprio eu. Pensam, erroneamente, que Deus é que está a serviço delas. A mensagem do evangelho não coloca Deus a serviço do homem, e sim o seu eu a serviço de Deus. Não obstante, a noção de missão e sacrifício está perdida na visão atual do evangelho.

Muitos reclamam quando as mensagens falam de sacrifício, por acharem que a ida a uma igreja deve proporcionar-lhes somente lições de otimismo e alegria. Para essas pessoas, a palavra *sacrifício* soa muito pesado. Por isso, a mensagem pregada nas igrejas tornou-se diluída, enfatizando as bênçãos de Deus.

Diferentemente, Jesus e os apóstolos não tinham essa atitude ao pregar o evangelho. Imagine um apelo feito por Pedro, Orígenes, ou Clemente, ou outro desses pais e mártires da igreja. Provavelmente seria mais ou menos assim: "Se você entregar sua vida a Cristo, possivelmente seu filho será comido pelos leões na arena. Você precisará abandonar sua bela casa e passar a viver nas catacumbas. É bem provável que você seja queimado vivo. Você quer entregar sua vida a Cristo?" Parece absurdo, mas conseguiram em uma geração, com esse tipo de apelo, transformar o mundo da época. Foi dito dos discípulos de Jesus: "Estes que têm transtornado o mundo chegaram também aqui" (At 17.6).

Hoje, porém, prega-se que, se alguém se achega a Jesus, Ele lhe confere felicidade, pois Ele é poderoso para resolver todos os problemas. No apelo, toca-se uma música bem suave para criar um ambiente propício e ver se as pessoas se sensibilizam. E os pecadores, de braços cruzados, pensam: "Não sei se eu quero... O que vou ganhar se entregar minha vida a Jesus?" Apresenta-se um evangelho tão distorcido que as pessoas crêem que, seja qual for a atitude com que se apresentarem, Deus estará sempre pronto a servi-las. Essa não é a mensagem bíblica. Trata-se de um outro evangelho, fruto do ambiente da modernidade.

Certa vez participei de uma cruzada evangelística com David Wilkerson, autor de *A Cruz e o Punhal*. Ele pregou uma mensagem

poderosa e em seguida fez um apelo para os que queriam entregar sua vida a Cristo. Um rapaz veio à frente com os braços cruzados e atitude arrogante. David Wilkerson parou o culto, olhou para ele e disse: "Jovem, pode voltar para o seu lugar, porque a Bíblia diz que Deus resiste aos soberbos. Com essa sua atitude, não há salvação para você hoje. Talvez Deus lhe dê outra chance, outro dia, mas hoje não, pode voltar!"

Confesso que a princípio me choquei. Porém, ao refletir sobre o ocorrido, percebi que era assim que Jesus agia. Quando as pessoas se aproximavam dele dizendo que queriam segui-lo, muitas vezes suas respostas eram do tipo: "Não está na hora ainda. Você quer enterrar seu pai, quer ver uma junta de bois, quer ver um terreno... Você ainda não está preparado. Pense mais, calcule o custo e, quando estiver realmente pronto a entregar tudo, então venha e siga-me" (Mt 8.21-22; Lc 14.18-24).

Mas esse evangelho da modernidade começa a enfrentar uma outra dimensão: a dimensão da pós-modernidade, da falência de sonhos.

Antigamente, pregava-se assim: "Entregue sua vida a Jesus e você será uma nova criatura. No mundo ainda teremos aflições, mas um dia, lá no céu, Deus enxugará dos olhos toda lágrima. Jesus voltará! Subiremos com Ele e desfrutaremos eternamente da plenitude da alegria em sua presença."

Agora, com os sonhos acabados, a mensagem é: "Amigo, não fique esperando pelo céu. Reivindique já os seus direitos de filho do Rei. Goze a vida, usufrua as bênçãos, desfrute já de todos os seus privilégios. Amanhã você vai morrer, e quem sabe o que realmente o espera?"

O cristianismo da pós-modernidade é imediatista, sem sonhos. Muitos crentes vão à igreja em busca de um "culto abençoado". Querem andar nas nuvens, experimentar um prazer momentâneo, ter seus sentimentos acirrados ao máximo.

Antigamente, a proposta pentecostal, ao proclamar o batismo no Espírito Santo, dizia: "Você vai experimentar a presença de Deus como nunca antes em sua vida e será revestido com autoridade e poder para realizar a obra de Deus. Depois dessa experiência, você amará mais a Bíblia, evangelizará com ousadia e pregará com fervor."

A religiosidade pós-moderna promete apenas uma "experiência gostosa, uma leveza, uma grande paz, uma sensação agradável". Certa vez ouvi alguém comentar que, na primeira vez que foi à uma igreja evangélica, caiu, gostou e voltaria àquela igreja. Será possível uma pessoa cair diante da manifestação da glória de Deus e sair dizendo simplesmente que gostou e vai voltar? Pode alguém ser inundado pela presença de Deus e continuar a mesma pessoa, sem que seus valores sejam mudados? Quando Moisés contemplava a glória de Deus, seu rosto brilhava, e ele tinha de colocar um véu sobre a face.

Além disso, quando se levanta uma oferta para cumprir com os compromissos com o reino de Deus e a obra missionária, o povo dá esmola. Contudo, se a oferta for levantada com promessas de semeadura e colheita, a oferta rende cem vezes mais. É comum hoje em dia o pastor chegar diante de sua congregação e perguntar: "Quantos vieram aqui em busca de uma bênção?" Não se pergunta mais: "Quantos vieram aqui querendo ser uma bênção para seu irmão?" Porque vivemos uma dimensão da auto-satisfação. Isso é o mundo.

Os pastores também estão contaminados por esse espírito do mundo. Há pastores se vendendo em busca de poder político. Devido à ausência de sonhos e ideais, cada um quer saber como crescer, prosperar, receber a maior gratificação no menor espaço de tempo.

Assim, nascem igrejas rasas, superficiais, com mensagens de conteúdo cada vez mais reduzido. Muitos querem um culto que gaste cada vez mais tempo com emoções e menos tempo com a Palavra, mais tempo buscando satisfação e gratificação pessoal e

imediata. O evangelho encontra-se contaminado com o espírito da época: sem sonhos, sem ideais. As pessoas encontram-se cada vez mais cínicas, sarcásticas, indiferentes.

Apresentamos uma aparência de religiosidade, mas, por baixo do pano, passamos pelos mesmos problemas que as famílias de fora da igreja. Muitos lares encontram-se despedaçados do mesmo jeito. Jovens "crentes" agem da mesma forma que os não crentes. Muitos pastores são tão mercenários como qualquer profissional do mundo. Tudo isso porque perdemos os conteúdos. A igreja se transformou em um centro de gratificação pessoal.

Na televisão, podem-se ouvir pregações incentivando os crentes a reivindicarem de Deus tudo que quiserem, porque, dizem os pregadores, Ele tem a obrigação de lhes conceder. Outras estimulam a pessoa a não aceitar de Deus a condição de possuir somente um fusquinha.

A Bíblia apresenta uma mensagem completamente diferente, que não tem nada que ver com apego a bens materiais, gula, acúmulo. Ela declara que quem quiser ganhar a sua vida vai perdê-la (Lc 9.24). Por mais que busque a felicidade, o homem continuará eternamente miserável. No dia, porém, que se perder, que já não quiser as riquezas deste mundo e a única coisa que desejar for Deus reinando em sua vida, nesse dia ele encontrará a vida. Você tem de negar-se a si mesmo (Mt 16.24). Paulo declara que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males e que alguns, nessa busca, naufragaram na fé, e aconselha que o homem de Deus deve fugir desse modelo (1 Tm 6.10, 11). Os conceitos estão invertidos. A mensagem do evangelho tem de voltar a ser uma mensagem radical, de compromisso com Deus.

Todos os outros pecados emanam do pecado maior do indivíduo, que é considerar-se dono de sua própria vida. Urge depor as armas, render-se e entregar a direção da sua vida a Deus. Você precisa se perder para essa dimensão, porque o que importa em nossa existência é uma coisa só: fazer a vontade de Deus. A rendição

não deve ser somente com o propósito de ser feliz, mas porque Ele é digno de que nos dobremos diante dele.

Santo Inácio de Loyola orava: "Senhor, te servir por nada — e isso para mim já é tudo!" Assim deve ser nossa oração: "Servir-te por nada, buscando nada em troca, porque, Senhor, Tu és a maior riqueza, Tu és tão desejável em ti mesmo que os tesouros deste mundo perdem o valor à tua vista. O ouro deste mundo não brilha tanto como Tu brilhas. Eu perco, eu jogo fora o ouro deste mundo, só para te possuir. Tu és especial para mim." Essa é a mensagem do reino de Deus. E é com essa mensagem que eu quero que você e eu estejamos comprometidos.

Jesus, a alegria dos homens

Conta-se que um jovem ameaçava suicidar-se no parapeito de uma ponte. Um policial recebeu a incumbência de dissuadi-lo do gesto tresloucado. Vagarosamente subiu até onde ele estava e arrastou-se em sua direção. Ainda fora do alcance de seus braços, iniciou o diálogo: "Jovem, a vida é bela, vale a pena viver". O rapaz continuava resolvido a matar-se. O policial então tentou outra tática: "Eu lhe darei 10 razões pelas quais você não deve suicidar-se e depois permitirei que você me diga por que deseja morrer". Minutos depois os dois se jogaram da ponte.

Essa história tragicômica reflete a nossa angústia existencial: queremos ser felizes. Pascal afirmava: "Todos os homens buscam ser felizes, até aqueles que vão enforcar-se". O desespero por ser feliz é tão grande que estamos nos destruindo. Confesso que minha postura quanto à felicidade era um tanto estóica. Cria que a felicidade deveria ser subpriorizada diante do dever. Eu nunca ouvira falar em hedonismo cristão. Certo dia, ao lado de Russell Shedd numa longa viagem entre Fortaleza e São Paulo, ele me perguntou se eu já lera os escritos de John Piper, teólogo reformado com doutorado no Wheaton College, no Fuller Seminary e na Universidade de Munique. Segundo Shedd, esse teólogo trabalhava com alguns conceitos interessantes sobre a felicidade e sobre como a mensagem de Cristo continha elementos hedonistas. Interessei-me por seu livro *Desiring God* (Desejando Deus) e de pronto o comprei. Pela enésima vez vi que precisava reelaborar minha teologia.

John Piper inicia seu livro construindo a filosofia do hedonismo cristão sobre cinco pressupostos: 1) o desejo de ser feliz é uma experiência humana universal. Esse desejo é bom, e não pecaminoso; 2) nunca devemos negar nosso desejo de ser felizes nem resistir a ele. Devemos, pelo contrário, intensificá-lo, buscando aquilo que possa

produzir maior satisfação; 3) só encontramos a felicidade verdadeira e permanente em Deus; 4) a felicidade que encontramos em Deus é plenificada quando compartilhada com outros em amor; 5) à medida que tentamos abandonar nossa busca de prazer e felicidade, desonramos a Deus e fracassamos em amar as pessoas.

Talvez a esta altura você esteja estranhando que eu, um dos maiores opositores da teologia da prosperidade, esteja defendendo uma teologia aparentemente tão heterodoxa e tão próxima desse cristianismo utilitário que se pratica nos dia de hoje.

Estou consciente de que preciso acalmar alguns preconceitos antes de perder a força da argumentação.

Primeiro, essa teologia não é tão nova como se pensa. Jonathan Edwards, pregador reformado do início do século XVIII, cria que a razão de nossa existência é glorificar a Deus à medida que nos deliciamos nele. Só glorificaremos a Deus se formos realmente felizes.

Segundo, o hedonismo cristão não propõe que Deus seja um meio de alcançarmos prazer mundano. O prazer do cristão hedonista emana do próprio Deus. Ele é o fim de toda busca, e não um meio de alcançar outro prazer além dele próprio. Para o cristão hedonista, Deus é o gozo último e incomparável, a alegria infinitamente maior que a de andar em ruas de ouro ou de rever entes queridos. O verdadeiro hedonismo cristão não reduz Deus a uma chave que abre os baús de ouro e de prata. Ele busca transformar o coração para que possamos afirmar: "Para mim vale mais a lei que procede de tua boca, do que milhares de ouro ou de prata" (Sl 119.72).

Terceiro, o hedonismo cristão não é materialista nem mundano. Ele não faz do prazer um deus, mas afirma que nosso Deus estará sempre onde encontrarmos maior prazer. Jeová só será o meu Deus se eu encontrar nele a minha felicidade. O verdadeiro cristianismo não evita o prazer nem o gozo, mas busca-os em uma fonte diferente daquela em que bebe o homem secularizado.

O Deus da Bíblia é feliz. Ele se delicia em si mesmo, na sua criação e em seus propósitos. Deus desfruta de infinita felicidade: "O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; Ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo" (Sf 3.17). Conforme o livro de Jó, a obra criadora de Deus foi feita com acompanhamento musical: "Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? [...] quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?" (Jó 38.4, 7). O Senhor é consciente de seu caráter perfeito e de sua comunhão eterna na Trindade. Pai, Filho e Espírito Santo desfrutam de tamanha felicidade, que fomos criados primordialmente para sermos participantes dessa alegria. O anelo do salmista soa como mandamento: "Agrada-te do Senhor" (Sl 37.4). O maior dano que o pecado causou não foi jurídico — ter quebrado uma lei escrita —, mas relacionai. Ele danificou nossa capacidade de partilhar da felicidade divina. Na relação trinitariana, Deus experimenta uma felicidade suprema, tão perfeita, tão verdadeira, que Jesus clamou na oração sacerdotal: "E agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo" (Jo 17.5).

Jesus contou uma parábola que expressa bem o espírito do hedonismo cristão: "O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo" (Mt 13.44). Alguém descobre um tesouro e, impelido pela alegria, *sai vendendo tudo* o que tem para se tornar seu proprietário. A mensagem dessa parábola não nos induz a pensar que o reino de Deus é imobiliário, ela implica um relacionamento com o Rei. O tesouro aqui é intimidade com o Deus trino: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14.17).

Millôr Fernandes afirmou sarcasticamente: "Sinto a sensação cada vez mais inconfortável de ser feliz num mundo em que isso

está completamente fora de moda". O mundo busca freneticamente a felicidade, mas acham-se cada vez menos pessoas felizes. Pelo número de antidistônicos — medicamentos para baixar o nível de estresse e ansiedade da vida — vendidos nas farmácias, percebe-se que as pessoas não estão encontrando a felicidade. A convivência do dia-a-dia deixa claro que as igrejas, as universidades e os lares estão cheios de gente infeliz. Por quê? A resposta é simples: não estamos buscando a felicidade na fonte certa.

Piper faz uma afirmação ousada em seu livro: "O hedonismo secular busca a felicidade, mas não a busca com todas as forças". Se o fizesse, se satisfaria em Deus. Na verdade, esta geração garimpa felicidade em minas inviáveis e encontra cascalho. Cava poços para saciar sua sede e bebe águas podres. No afã de ser feliz, acaba ainda mais infeliz. O padre Antônio Vieira questiona o porquê dessa irracionalidade:

Ora, veja cada um de nós o preço por que se vende, e daí julgará o que é. Prezais muito, e estimai-vos muito, desvaneceis-vos muito: quereis saber o que sois por vossa mesma avaliação? Vede o preço por que vos dais, vede os vossos pecados. Dai-vos por um respeito, dai-vos por um interesse, dai-vos por um apetite, por um pensamento, por um aceno: muito pouco é o que por tão pouco se dá. Se nos vendemos por tão pouco, como nos prezamos tanto? Filhos de Adão enfim. Quem visse a Adão no Paraíso com tantas presunções de divino, mal cuidaria que em todo o mundo pudesse haver preço por que se houvesse de dar. E que sucedeu? Deu-se ele, e deu a todos os seus filhos por um fruto. Se nos vendemos tão baratos, por que nos avaliamos tão caros?

Deus estima a felicidade de sua criação ao ponto de dar o seu próprio Filho para resgatá-la para si mesmo. As parábolas de Lucas 15 descrevem o drama eterno diante da infelicidade humana. Certo homem possui 100 ovelhas, mas, diante do sofrimento de apenas uma, faz tudo para resgatá-la de volta ao aprisco. O júbilo de tê-la de volta é imenso. Uma mulher perde uma moeda, mas

não descansa enquanto não a encontra. Quando a tem consigo, chama suas amigas para celebrarem juntas. Jesus culmina contando a parábola de um homem que tem dois filhos, dos quais um o abandona, querendo ser feliz. Nessa busca da felicidade ele acaba miserável, angustiado e nu. Ao voltar para casa, arrependido e disposto a se contentar com a simples companhia do pai, torna-se motivo de grande celebração. Jesus veio ao mundo para nos lembrar que Deus Pai é feliz e articulou um plano eterno para resgatar seus filhos da miséria em que se encontram. Ele estava disposto a pagar qualquer preço, para que fôssemos participantes da glória divina: "Jesus, o qual em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz" (Hb 12.2).

Depois de ler o livro de John Piper, estou convencido de que todos nasceram para ser felizes. Sobretudo estou consciente de que as pessoas encontrarão essa felicidade somente em Deus. Sei que fama, fortuna e respeitabilidade humana não produzem a felicidade que completa homens e mulheres. Somente partilhando da felicidade do Deus trino se alcança a autêntica alegria. Jesus prometeu á mulher samaritana: "Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna" (Jo 4.13-14).

Como aquela mulher, peçamos: "Senhor, dá-me dessa água" (Jo 4.15).

A missão da Igreja

Certa vez, viajei para a Índia. Ninguém vai à Índia e permanece o mesmo. Confesso que minha atitude para com missões transculturais era meio ambígua. Eu sabia do dever de levar a mensagem do evangelho aos povos não-alcançados, mas o fazia sem paixão. A Índia me mudou.

Logo ao desembarcar no aeroporto de Nova Delhi, em reformas, percebi nos andaimes de bambu amarrados com cipó que minha experiência ali seria impactante. Já na calçada, observei centenas de pessoas deitadas no chão — os "sem-teto". Dali em diante, vi milhões de "sem-nada". A miséria da Índia é avassaladora. Crianças, idosos, leprosos, prostitutas, pedintes se acotovelam em um país duas vezes e meia menor do que o Brasil em área territorial e com uma população seis vezes maior — quase um bilhão de habitantes. Lá já não há espaço debaixo das marquises para os milhões que dormem na rua, mas qualquer lugar serve: os parapeitos dos viadutos, as guias das calçadas, os canteiros centrais das avenidas.

Paulo Francis dizia que se alguém quiser desacreditar na humanidade deve passar uma semana em Calcutá. Sim, uma semana é suficiente para apertar o coração da gente. Constantemente eu me perguntava: para ajudar aqui, por onde deveria começar? O sentimento não é de progresso, mas de esfacelamento. Como ter esperança em um país que classifica a maior parte de seus habitantes como párias e não tem como reverter a sorte de homens e mulheres que terão uma qualidade de vida inferior a um porco das favelas brasileiras?

Viajando pelo delta do rio Ganges (lá aprendi que seu verdadeiro nome é Ganga), não somente o meu espírito se revoltou "em face da idolatria dominante" (At 17.16), mas também observei

como o evangelho tem uma influência mínima naquela região. Às vezes viajava o dia inteiro sem ver nenhum vestígio cristão, qualquer que fosse — católico, ortodoxo ou protestante. As imagens dos deuses hindus permeiam toda a cultura. Os motoristas de táxis ostentam no painel dos carros pequenas estátuas de Shiva, Krishna e Vishnu. As pessoas se benzem com urina das vacas e levam seus filhos para beberem a água do Ganges, muitas vezes, poucos metros mais à frente de onde outra família acabou de jogar os restos de ossos e cinzas de um ente querido. Esperava ansioso ver uma cruz, uma placa que indicasse uma casa de oração cristã. Frustrado, à noite conciliava o sono com a meditação no secular esforço missionário que a Índia já consumiu.

Uma antiga tradição cristã tem como certo que Tomé, um dos apóstolos de Jesus, pregou na Índia e lá foi martirizado. Vieram outros: Francisco Xavier, William Carey, Adoniran Judson, Alexander Buff, Amy Charmichael, Madre Teresa de Calcutá. Esses são apenas alguns nomes da galeria de heróis da fé que o esforço missionário cristão já deslocou para a Índia — com certeza, um grupo de elite. Eu me perguntava: se esse respeitável quadro de missionários tivesse gasto seus esforços em outros países, quais teriam sido os desdobramentos? Por que o impacto cristão na Índia é tão tímido? Essas minhas indagações assolaram-me nas noites insones.

A Índia produziu três grandes mudanças em mim. A primeira é que eu parei de orar pedindo que Jesus volte logo. Observando as multidões sem Cristo, aguilhoadas ao misticismo mais primitivo, idolatrando deuses que são fruto da imaginação humana, senti-me envergonhado, lembrando-me de quando, de forma medíocre, pedia que Jesus voltasse para eu desfrutar as delícias do céu. Quanto egoísmo. Não, Jesus não pode voltar agora. O evangelho do reino ainda necessita ser pregado a todas as nações. Ainda temos 4.564 línguas sem uma tradução das Escrituras; há 1 bilhão e 35 milhões de muçulmanos, 716 milhões de hindus, 613 milhões de budistas e 144 milhões de animistas que ainda não conhecem a mensagem

da cruz. Pensar na volta de Cristo somente a partir da nossa microrrealidade é uma afronta a este texto: "Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3.9).

A segunda mudança que a Índia operou em mim foi fazer aparecer um sentimento de humilhação. Eu percebi meus limites; ela colocou meu triunfalismo em xeque. Notei que a tarefa da evangelização é maior que meu tempo de vida e que os meus recursos de igreja local. Há muito, mas muito mesmo, que ser feito. E ninguém conseguirá fazê-lo só nem em uma só geração. O crescimento evangélico no mundo ainda é de meros 4,5% anuais. Nesse ritmo, levaremos muito tempo para efetivamente vermos salvas as multidões que clamam no vale da decisão. Passará nosso tempo de vida. Precisamos esquecer as questiúnculas que nos dividem, fazer parcerias e nos programar com objetivos a curto, médio e longo prazos para que a mensagem de Jesus seja efetiva nos confins da terra e se cumpra a palavra de Zacarias, pai de João Batista: "Para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte" (Lc 1.79).

Como conseqüência última, a Índia ensinou-me que não devo preocupar-me apenas com o que acontecerá em minha igreja a semana que vem. Devo estar preocupado com a próxima geração. Temos uma obra grandiosa pela frente e que se prolongará para a descendência seguinte. Quem levará a tocha adiante? Qual o calibre de homens e mulheres que forjamos para nos sucederem na expansão do reino? Quando observo as famílias preparando seus filhos para exercerem suas profissões, objetivando apenas "vencer" no mercado de trabalho e não se colocando a serviço do reino; quando converso com jovens seminaristas e vejo motivações fúteis e egoístas; quando visito igrejas que desperdiçam toda a sua força em projetos ensimesmados — confesso temer que, a exemplo do

tempo dos juízes, se levante uma geração que não conheça ao Senhor, tampouco as obras que fez a Israel (Jz 2.10).

Hoje estou convencido de que devo viver em integridade como se Cristo viesse buscar a igreja ainda hoje, mas devo trabalhar e estar disposto a investir no reino como se Ele ainda demorasse mil anos. Não acredito que possa mudar sozinho minha geração. Estou disposto a caminhar, a despeito das pequenas diferenças, com aqueles que creiam que o evangelho ainda é o poder de Deus para salvação de todo o que crer. Decidi gastar uma grande parcela de meu tempo e esforço em identificar e potencializar homens e mulheres de Deus que levarão em frente a fé que uma vez foi entregue aos crentes.

Seja meu companheiro nesta empreitada.

Revendo os valores do Reino

Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorríeis pelo caminho? Mas eles guardaram silêncio; porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior. E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos. Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou. Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco. Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós. Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. (Mc 9.33-41.)

Jesus não tinha casa. Estabelecera seu ministério na casa da sogra de Pedro, em Cafarnaum, onde muito provavelmente morava como hóspede. Certo dia, caminhando pela Galiléia com os seus discípulos, Jesus aproveiou a intimidade do momento para anunciar-lhes a sua morte. Ele deixou bem claro que, quando fossem para Jerusalém, Ele seria preso e condenado à morte pela elite religiosa da época. Os discípulos, no entanto, ouviram esse recado de Jesus sem se abalar. Permaneceram impassíveis, como se aquelas palavras não fizessem sentido algum para eles.

Ao chegarem a Cafarnaum, já em casa, hospedado, Jesus pareceu incomodado por ter aberto seu coração e sentido a indiferença dos discípulos, pois perguntou-lhes sobre o que vinham con-

versando no caminho. Ao ouvir a pergunta, os discípulos se calaram. E Marcos denuncia: calaram-se porque no caminho, enquanto Jesus falava de sua morte, eles discutiam entre si sobre quem era o maior.

Jesus chamou os doze e disse-lhes: "O raciocínio de vocês está invertido. A lógica do reino é ao contrário. Quem quiser ser o maior será o menor. Se alguém quer ser o primeiro, seja o último e servo de todos. Esta é a lógica de Deus, que é oposta à lógica do mundo." E, para exemplificar, Jesus tomou uma criança nos braços e disse: "Quem quiser entender o reino de Deus olhe para esta criança. Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me recebe, não recebe a mim, mas àquele que me enviou".

Ao ver-se confrontado com a lógica do reino, João tentou se justificar, dizendo: "Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios e tomamos a defesa do teu reino. Nós o repreendemos para que não fizesse mais isso, porque não segue conosco." Jesus disse: "Não! Como é que vocês repreendem um homem que está desenvolvendo o ministério, só porque ele não participa do nosso grupo? Se ele está defendendo a minha causa anonimamente, sem buscar glória para si, suas motivações são justas. Não deve ser impedido." Tirando aplicações práticas desse incidente, Jesus continuou: "Porquanto, aquele que vos der de beber um copo de água, em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão. E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar" (Mc 9.41, 42).

Nesse texto, observamos o Senhor Jesus transmitindo aos seus discípulos os valores do seu reino. A reação deles, porém, prova que ainda eram carnais. Com um grupo em tais condições, Jesus certamente poderia montar uma grande empreitada religiosa, se quisesse, mas jamais conseguiria estabelecer o reino de Deus. O sistema de valores dos discípulos era incompatível com o do reino. Pode-se montar

um império religioso baseado na lógica humana, mas tal império não terá nenhuma relação com o verdadeiro reino de Deus.

A igreja não é o reino de Deus. Ela tem a responsabilidade de transmitir os valores do reino, que não será estabelecido com triunfalismo, e sim por meio de homens e mulheres de coração quebrantado e contritos aos pés de Jesus, dizendo: "Senhor, ensina-me". É na nossa fraqueza que o poder de Deus se aperfeiçoa, quando nos reconhecemos carentes da sua glória.

Quais são, então, os princípios do reino que o Senhor nos ensina nesse texto?

Nosso egoísmo é um obstáculo ao projeto de Deus

"De que é que discorrieis pelo caminho? Mas eles guardaram silêncio; porque pelo caminho haviam discutido entre si sobre quem era o maior." (Mc 9.33, 34.)

Enquanto estivermos discutindo sobre quem é o maior entre nós, a nossa mensagem será sempre silenciosa.

Enquanto Jesus prediz a sua morte, seus discípulos estão obcecados pelo poder, preocupados em saber quem é o maior entre eles. Veja o contraste: Jesus está falando da sua morte, do preço que Ele vai pagar pela causa do reino, e os discípulos estão discutindo entre si sobre quem é o maior. Que diferença! A grandeza não está em ser o maior, mas em estar disposto a pagar o preço mais alto.

Enquanto a nossa preocupação for essa, não devemos nem pensar nos projetos de Deus, porque as nossas energias estarão sendo sugadas pelo nosso eu. A lição que Jesus deixa aos discípulos é clara: você não pode se gloriar de estar comprometido com Deus enquanto estiver buscando os seus próprios interesses. Não diga a Deus: "Senhor, eu faço tudo por ti", se você gasta a maior parte do tempo com você mesmo. Enquanto continuar egoísta, você jamais estará à disposição de Deus, porque consumirá as suas energias discutindo com o seu próprio coração ou com a pessoa ao seu lado para saber se você é ou não o maior. Você só irá à igreja em

busca de satisfação pessoal, de prosperidade, de felicidade, de ser o maior. As mensagens sobre a expansão do reino não lhe dirão respeito; os desafios do púlpito passarão por cima da sua cabeça. Você se sentirá ofendido quando ouvir um apelo financeiro e indiferente quando ouvir falar de missões ou evangelização.

Muitos anos atrás, li uma frase da qual nunca me esqueci: "Mede-se a grandeza de um homem pelos ideais que abraçou e o preço que está disposto a pagar por esses ideais". De fato, qualquer um pode abraçar grandes ideais, mas só os grandes estarão dispostos a pagar um alto preço por eles.

Outra frase que me marcou é de autoria de Millôr Fernandes: "Eu não dou um centavo pelo homem que lucra pelos ideais que defende". Li essa frase pouco antes de ingressar no ministério, prestes a me tornar pastor e ser sustentado pelos dízimos dos crentes. Fiquei abalado! Naquele dia eu disse: "Deus, eu quero em toda a minha vida deitar a cabeça no meu travesseiro consciente de estar dando pela tua causa mais do que estou recebendo. Nunca comerei o pão do ócio, da preguiça. Ainda que envelheça precocemente, eu quero me dar pela tua causa. Que nunca se diga de Ricardo Gondim que ele lucrou porque abraçou a cruz."

É preciso estar disposto a oferecer o supremo sacrifício. Trata-se de uma causa tão nobre, que não se deve perguntar: "O que vou lucrar se entregar a minha vida a Cristo?" Nossa pergunta deve ser: "Mestre, pelo que já fizeste, por quem és, o que é que eu posso fazer pela tua causa?" Mede-se a grandeza de um cristão pelo preço que ele está disposto a pagar pela causa do evangelho.

Nunca implantaremos o reino de Deus na terra se a nossa fortaleza depender da destruição do outro

> "Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco" (Mc 9.38).

Interessantes, esses discípulos! Pouco tempo antes, haviam sido incapazes de expelir um demônio. Veja o que disse um pai angustiado a Jesus: "Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; [...] Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam." (Mc 9.17, 18.) E agora repreendem alguém que consegue! Censuram alguém que está tendo sucesso naquilo em que eles foram um fracasso.

É como na célebre cena de dois meninos jogando dama. Um deles vê que está perdendo o jogo e vira a mesa: se ele não ganhar, ninguém ganha! Essa é a lógica do mundo: se eu não prosperar, não prospera ninguém! Se eu cair, arrasto todos comigo.

A maneira mais fácil de se justificar é apontar as falhas alheias, o defeito do outro. E isso é tão comum entre nós, seres humanos! Mas o princípio é claro: nunca seremos promotores do reino se a nossa fortaleza depender da destruição do próximo.

O pior no caso dos discípulos é que eles procuram destruir aquele que lembra a falha deles. É como o aluno que tira notas ruins no colégio e passa a desprezar e difamar o que tira nota 10. Há um ditado popular no Nordeste que diz : "Só se jogam pedras em mangueira cheia de mangas". Ninguém joga pedra em árvore que não tem fruto. É como o sujeito que passa na rua e risca o carro do outro, porque aquele carro lhe faz lembrar daquilo que gostaria de ter e nunca teve.

Só poderemos ser agentes do reino se formos construtivos. Infelizmente, é muito mais fácil sermos destrutivos! Veja, por exemplo, este texto: "Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes

respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio?" (Mt 13.24-28).

Na hora em que o inimigo estava semeando o joio no meio do trigo, onde se encontravam os servos? Dormindo! Somente um semeou. Mas na hora de arrancar o joio, todos estavam prontos!

Na igreja, temos dificuldade em encontrar pessoas para trabalhar. Ninguém tem tempo, ninguém quer fazer. Mas, na hora de disciplinar, todos estão presentes. Para criticar, reclamar, caluniar, difamar, não faltam voluntários. Em vez de destruir, procure saber como pode ajudar. Alegre-se com o sucesso do próximo. O que importa é a expansão do reino. Mas nunca poderemos implementá-lo, se a nossa fortaleza depender da destruição do outro.

Reconhece-se a genuinidade de uma ação pelos interesses ocultos por trás daquela ação

Na época de Jesus, a Palestina contava com inúmeros exorcistas profissionais. Ao proibirem certo homem de expelir demônios, os discípulos deixaram transparecer uma questão que havia no coração deles: como poderiam determinar se a prática religiosa de alguém era legítima?

Jesus lhes disse: "Ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim" (Mc 9. 39). Em outras palavras, a genuinidade das ações daquele homem era determinada por suas intenções ocultas. Ele não estava fazendo milagres em seu próprio nome, mas em nome de Jesus; portanto, não estava buscando sua própria glória. Suas intenções eram, pois, legítimas.

De fato, no reino de Deus reconhece-se a legitimidade de uma ação não pela ação em si, mas pela intenção oculta por trás dela. Se uma pessoa canta no coral, por exemplo, o que determina a legitimidade do seu ministério? As intenções que estão por trás daquele canto. A pessoa está buscando a glória de quem? Se o objetivo for a glória de Deus, trata-se de um ministério genuíno. Mas, se estiver buscando a própria glória e os aplausos dos ho-

mens, ela pode ser um tenor melhor que o Pavarotti — para Deus não tem valor algum.

O que define a autenticidade do ministério de um pastor? Suas intenções. Se por trás de sua pregação existe um projeto empresarial, ainda que pregue as mais belas mensagens do mundo, pode ser descartado como mercadejador da Palavra. Se por trás de sua pregação esconde narcisismo, desejo de aparecer, está glorificando a si mesmo, e não a Deus; e quem a si mesmo se glorifica não é de Deus. Se a mola propulsora de sua pregação é um projeto medíocre, pequeno, mesquinho, a mensagem pode até ser verdadeira, mas é inspirada pelo diabo. O diabo não tem o menor remorso de falar a verdade — desde que ela induza ao erro. Verdades, e especialmente meias verdades, podem induzir ao erro, dependendo das circunstâncias e da intenção com que são proferidas.

É na definição de suas intenções que se legitima a sua vida cristã. Se você se dispõe a servir a Deus porque deseja prosperar no seu projeto egoísta de vida, está desqualificado. Você está usando Deus, tentando colocá-lo a seu serviço. O cristianismo propõe a perda da dimensão do "eu" e uma nova existência para a realização dos projetos de Deus. O reino consiste em morrer para si mesmo e viver para Deus: "Convém que Ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30).

A GRANDEZA DO REINO NÃO CONSISTE EM REALIZAR MILAGRES PRODIGIOSOS, MAS EM TRANSFORMAR ATOS COTIDIANOS EM FEITOS MARAVILHOSOS

O valor de um milagre não se mede pelos seus resultados espetaculares, mas pela grandeza inerente ao ato que o produz. A que Jesus equipara o reino? Ao ribombar dos trovões, a manifestações grandiosas no céu, a espetáculos de luzes, cores e exibições extraordinárias de poder? Não! Jesus declara que isso não é o reino. O reino é ser como criança, é dar um copo de água, é dizer uma palavra de carinho. As pessoas esperam aquilo que en-

cha os olhos, talvez um anjo resplandecente envolvido em fumaça e efeitos de raio laser. Porém o reino se manifesta no ato simples do estender a mão, do abençoar, do sorriso, do afago. É a simplicidade de uma criança, o vento suave da primavera, o abraço de um amigo, a dança do beija-flor, o trabalho árduo da abelha, ou o movimento contínuo das marés... Observe as coisas simples, pois nelas você encontrará o reino de Deus.

Qual o maior milagre? Um cego, surdo e mudo que passam a ver, ouvir e falar ou um homem que tem seu coração tocado por Deus e passa a ser o pai que nunca foi para seus filhos? Um aidético ser curado ou uma mulher cheia de pecados sentir-se limpa de sua culpa e dignificada como mulher? O Mar Vermelho se abrir em dois ou alguém com o coração estraçalhado entrar em uma igreja e encontrar no sorriso de um irmão o carinho de um Deus amoroso?

O gesto simples nunca se torna banal. É nele que se encontra o reino. O reino se manifesta no ajoelhar-se na beira de uma estrada onde está um homem moribundo que foi abandonado pelos assaltantes e dizer: "Eu vou cuidar de você". Esse tipo de milagre não pode ser desprezado.

O REINO DE DEUS NÃO SE ESTABELECE POR CONQUISTAS, E SIM NOS RELACIONAMENTOS, NO CUIDADO DE UNS PARA COM OS OUTROS

> "E quem fizer tropeçar a um destes pequeninos crentes, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse lançado no mar" (Mc 9.42).

Em outras palavras, se, em seu desejo de expandir o reino de Deus, você estiver deixando um rastro de gente ferida, magoada, destruída, é melhor parar imediatamente. Não adianta querer desenvolver o projeto do reino fazendo outras pessoas tropeçarem e provocando miséria e angústia.

Esse é um recado muito forte para os pastores. Quantos deles, na ânsia de fazer, de crescer, de conquistar, destroem as pes-

soas ao seu redor (infelizmente isto é verdade)! É como a história do rei que tinha uma enorme sede de vitória. Ganhava cada guerra, mas sempre à custa de milhares de homens que perdia. Ao final de mais uma dessas vitórias, o general chegou para ele e disse: "Majestade, se ganharmos mais uma guerra, estaremos destruídos".

Vamos ganhar São Paulo para Cristo! — Um projeto louvável, sem dúvida. No entanto, se para alcançarmos esse objetivo, fizermos tropeçar os pequeninos, deixando para trás um rastro de crentes arrasados, decepcionados e magoados, é melhor nem tentar ganhar São Paulo. Quantas pessoas estão decepcionadas com a igreja e com o cristianismo porque o pastor, ao levar seu projeto adiante, passa por cima de todos como um tanque de guerra, que ninguém consegue parar, arrancando tudo que encontra pelo caminho. É melhor não ir a lugar nenhum, mas estar rodeado de amor, do que chegar "ao topo" subindo por uma pilha de cadáveres. E isso se aplica não apenas na igreja, mas na família e no trabalho.

Não adianta eu ganhar o mundo e perder os meus filhos, deixar a minha esposa amargurada, minha família arrasada. "Vou ser rico, vou ser o maior, posso ficar cheio de úlceras e gastrite, mas vou chegar lá!" Chegar aonde? Desista e entregue sua vida e os seus relacionamentos! Jesus diz que o reino consiste no cuidado de fazer com que as pessoas que nos rodeiam não tropecem, não caiam, não sejam destruídas. O reino consiste em estabelecermos pontes de amor, de graça e de vida.

De que adianta os pastores pregarem no púlpito, enquanto se esfaqueiam por trás dos bastidores? De que adianta você possuir um carro do ano, se chega em casa à noite para encontrar sua família destruída? De que adianta prosperar e crescer, se para isso pisoteou seus colegas e fez tropeçar os amigos que o rodeavam cheios de carinho? Jesus corrige a atitude presunçosa e soberba dos discípulos, dizendo que aquele que fizer um desses pequeninos tropeçar não está contribuindo para o reino, e sim cometendo um ato digno de morte.

A nossa oração deve ser esta: "Senhor, que venha o teu reino na minha vida, para que eu possa estabelecer relacionamentos saudáveis e edificantes".

Possibilidades para a Fé Cristã

Não perdi o juízo. Minha espiritualidade não foi a pique. Minhas muitas tarefas não me esgotaram. Entendo que meu texto, "Já sei por onde não ir", causou espécie. Para alguns pareceu vago, para outros, inconsistente. Várias pessoas me avisaram que intercediam diante de Deus pedindo que Ele me acudisse nesse momento delicado de minha vida. Calma! Não há motivos para espantos!

Minha peregrinação cristã está, há muito, marcada por rompimentos. O primeiro, deu-se com a igreja católica, onde nasci, fui batizado e fiz a primeira comunhão. Em minhas premonitórias inquietações com os dogmas religiosos, pedi explicações a um padre sobre algumas práticas que não faziam muito sentido para mim: a veneração dos santos, as rezas diante de imagens de escultura e, principalmente, a transubstanciação da eucaristia, na missa. O sacerdote deu-me as costas, mas advertiu: "Meu filho, afaste-se dos protestantes, eles são um problema!".

Lendo a Bíblia, decidi sair do catolicismo; um escândalo para uma família que tinha padres e freiras na árvore genealogia e nenhum "crente". Acabei participando da Igreja Presbiteriana Central de Fortaleza porque meus únicos amigos crentes eram de lá. Enfronhei-me totalmente como membro atuante: freqüentei sua escola dominical, trabalhei com outros jovens na impressão dos boletins, organizei retiros e acampamentos, tentei cantar no coral, liderei a União de Mocidade; enfim, fiz tudo o que podia dentro daquela estrutura. Fui calvinista e acreditei, por muito tempo, que Deus, ao criar todas as coisas, ordenou que o universo inteiro se movesse de acordo com sua presciência e soberania, inclusive as pessoas que vão para o céu e para o inferno. Essa doutrina fazia muito sentido para mim, até porque acreditava ser um dos eleitos. Numa situação bem confortável, podia descansar: minha salvação estava

segura. Mesmo que caísse na gandaia, no último dia, de um jeito ou de outro, a graça me resgataria. O propósito de Deus para minha vida nunca seria frustrado, me garantiam.

Mas, numa determinada noite, o Espírito Santo visitou-me com sua ternura. Senti-me imerso no amor de Deus e causei escândalo em nossa comunidade reverente e bem comportada. Sob o impacto daquele batismo, fui intimado a comparecer a uma versão moderna da Inquisição. Numa minúscula sala, pastores e presbíteros exigiram que eu negasse minha experiência, sob pena de ser estigmatizado como pentecostal e sofrer o primeiro processo de expulsão da igreja desde seu estabelecimento, no século XIX. Ainda adolescente e debaixo daquele escrutínio opressivo, ouvi um xeque mate pouco misericordioso: "Peça para sair, evite o trauma de um julgamento sumário. Poupe-nos de nos transformarmos em algozes". Às duas da madrugada, capitulei e pedi minha saída. A partir daquele momento, não seria mais presbiteriano.

De novo, encontrava-me no exílio. Meu melhor amigo, presidente da Aliança Bíblica Universitária, pertencia a Assembléia de Deus e desembarquei lá. Em meu êxodo, procurava abrigo, sequioso por uma comunidade onde desenvolvesse minha fé. Cedo, vi que a Assembléia de Deus estava engessada. Sobravam legalismo, politicagem interna e ânsia de poder temporal. Não custou reparar que a instituição se achava acorrentada por uma tradição farisaica e, pior, iludia-se com sua grandeza numérica. Já pastor da Betesda, atentei que eu me tornava um estorvo para os processos que mantinham um espírito de boiada. Eu denunciava a gerontocracia assembleiana que amordaçava os crentes e inibia o senso crítico, produzindo uma geração de pastores parecidos com vaquinhas de presépio: sempre a balançar a cabeça em aprovação aos desmandos dos que se encastelavam no poder. Mais uma vez, encontrava-me numa sinuca e precisei romper com a maior denominação pentecostal do Brasil. Dessa vez, caminhei na companhia de minha querida Betesda.

Agora, que sinto necessidade de me distanciar do movimento evangélico, já não tenho tanto medo. Minhas rupturas anteriores não foram suficientes para azedar minha alma e nem tão fortes que me roubassem a fé – "Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso".

Quem me conhece, principalmente os membros da Betesda, minha comunidade de fé, não precisa temer. Estou cada dia mais empolgado com as verdades bíblicas que revelam o Jesus de Nazaré; aumenta minha vontade de caminhar ao lado de gente humana que ama o próximo; sinto-me estranhamente atraído à beleza da vida. Procuro mentores, busco mais amigos que me inspirem a alma.

Então, por que uma ruptura radical se não quero nutrir a intolerância e evito tornar-me um casmurro rabugento? Não desejo ser um crítico que não cabe em lugar nenhum. Não me considero dono da verdade, nem palmatória do mundo. Pelo contrário,cresce minha consciência de como sou imperfeito. Luto para não deixar que minha covardia me afaste de confrontar meus próprios paradoxos. Não nego que sou incapaz de viver tudo o que prego – reconheço que a mensagem que anuncio é muito mais excelente do que minha vida. Sei que o modelo de igreja que pastoreio ainda tem grandes dificuldades. Contudo, insisto com a necessidade de rescindir, pelas seguintes razões:

1. Vejo-me incapaz de tolerar que o Evangelho se transforme em negócio e o nome de Deus vire uma marca que vende bem. Não posso aceitar passivamente que tentem converter os cristãos em consumidores e a igreja, num balcão de serviços religiosos. Entendo que o movimento evangélico nacional se apequenou e não consegue vencer a tentação de lucrar como empresa. Não vou continuar esmurrando pontas de facas.

2. Não consigo mais admirar a enorme maioria dos formadores de opinião dentro do movimento evangélico (principalmente os que usam da mídia). Conheço muitos deles fora dos palcos e dos púlpitos. Sei de histórias horrorosas, presenciei fatos inenarráveis e testemunhei decisões execráveis. Sei que muitas eleições nas altas cupulas denominacionais aconteceram com casuísmos eleitoreiros imorais. Estive em uma eleição para presidente de uma enorme denominação e vi quando dois zeladores do centro de convenção foram aliciados por dinheiro, receberam crachás, e votaram como pastores. Já ajudei em "cruzadas" evangelísticas cujo objetivo não passava de filmar a multidão para mostrar nos Estados Unidos, levantar dinheiro, e manter os evangelistas em luxos nababescos. Sou testemunha ocular de pastores que, depois de orarem por gente sofrida e miserável, debocharam, às gargalhadas, das mesmas pessoas. Horrorizei-me com o programa da CNN em que algumas das maiores lideranças do mundo evangélico americano apoiaram a guerra do Iraque. Naquela noite revirei na cama sem dormir. Parecia impossível acreditar que homens de Deus colocariam a mão no fogo por uma política beligerante e mentirosa de bombardear um país, principalmente porque ela vinha, satanicamente, apoiada pela indústria do petróleo.

3. Concordo que no momento em que o sal perde seu sabor, para nada presta senão para ser jogado fora e pisado pelos homens. Não desejo me sentir parte de uma igreja que perdeu sua credibilidade por centralizar sua mensagem na promessa irresponsável de prosperidade; que busca se especializar na mecânica de fazer preces poderosas; de ensinar a virtude como mero degrau para o sucesso. Não suporto conviver em ambientes onde se geram culpa e paranóia como pretexto de ajudar as pessoas a reconhecerem sua necessidade de Deus.

4. Não consigo identificar-me com o determinismo teológico que impera na maioria das igrejas evangélicas e que enxerga tudo como parte da providência. Há algum tempo, repenso algumas categorias teológicas que me serviram de óculos para a leitura da Bíblia e entendo que esse meu exercício se tornou ameaçador para muitos. Portanto, preciso de lateralidade para contemplar as contribuições das ciências e de outros ângulos para ler as Escrituras. Não agüento cabrestos, patrulhamentos e cenhos franzidos. Desejo a companhia amiga de qualquer pessoa que molde sua vida, consciente ou inconsciente, pelos valores do Reino de Deus e não tenha medo de pensar, sonhar, sentir, rir e chorar. Desejo muito construir minha espiritualidade sem a canga pesada do legalismo, sem o hermetismo fundamentalista dos dogmáticos e sem a estreiteza ideológica de quem gosta de rótulos.

Não, não vou deixar de ser pastor, não abandonarei minha comunidade e nem desistirei de minha vocação missionária. Posso não saber ainda para onde vou, mas estou cada dia mais certo dos caminhos por onde não devo ir.

Um sonho inquietante

Já era tarde quando deitei-me, exausto. O silêncio da madrugada fria convidava-me a um sono profundo. Aquela seria uma noite curta, pois antes de o sol nascer já teria de estar em pé novamente. Geralmente, minhas noites curtas são sem sonhos. Deito-me e, antes que perceba, as horas se passaram céleres. Entretanto, aquele dia não foi assim. Sonhei a noite inteira.

Sonhei que estava em um culto com o auditório lotado. A reunião iniciou-se com uma oração muito mecânica. Em seguida apresentou-se um grupo musical *gospel*. Nos primeiros acordes, notei que faltava talento e sobravam decibéis. A letra era paupérrima, toda a música concentrava-se em repetir o refrão: "O leão de Judá derrotou o outro leão perigoso". A multidão foi ao delírio com o término da apresentação, que todos chamaram de "louvorzão". Gritava e movia-se em um frenesi alucinante. O líder do culto levantou-se e ensinou às pessoas uma coreografia que, segundo ele, derrotaria o diabo. Todos, como se estivessem com espadas nas mãos, passaram a encenar uma batalha de esgrima. Terminada a "batalha", foram gastos mais de quarenta minutos no levantamento das ofertas. O ambiente tornou-se constrangedor. Tudo foi feito para aumentar a contribuição: desde ameaças a promessas de que receberiam cem vezes mais. As ofertas resolveriam todos os problemas das pessoas. De acordo com a quantia ofertada, o câncer desapareceria, os problemas conjugais seriam resolvidos. A oferta seria a chave para uma vida plena e feliz.

O pregador da noite levantou-se para falar e, por cerca de cinqüenta minutos, discorreu sobre assuntos diversos sem, contudo, conduzir uma linha de raciocínio, sem compromisso algum de expor a Bíblia. Parecia não haver se preparado. Falava, falava, deixando que suas divagações o conduzissem a um próximo pensamento, que

nem ele próprio sabia qual era. Meu sonho me perturbava. Transformara-se em um pesadelo.

De repente, para minha absoluta surpresa, vi ao meu lado, participando do culto, quatro personagens históricos: Martinho Lutero, João Calvino, João Wesley e Charles Finney. Mal podia acreditar que estava cultuando a Deus ao lado de tão ilustres personalidades do mundo protestante. Fui-lhes apresentado pelo sueco Gunar Vingren, fundador do pentecostalismo no Brasil. Todos pareciam se conhecer havia muito, tal era a familiaridade entre eles. Contudo, mesmo participando de um mesmo culto, todos mostrávamo-nos igualmente inquietos. O clima era desconfortável. O músculo de minha face tremia diante da honra de apertar a mão de cada um deles. Muitas perguntas vieram à minha mente: curiosidades, esclarecimentos, dúvidas que precisavam ser sanadas. Todavia, aconteceu o contrário. Eles é que começaram a me questionar.

Lutero mostrava-se indignado pelo que parecia uma volta da igreja à Época Medieval, dos amuletos, relíquias e indulgências. Queria saber o que acontecera aos protestantes para estarem novamente acreditando que sal grosso "afasta mau-olhado", que copo d'água traz bênçãos.

Expliquei-lhe que a igreja brasileira está inserida em uma cultura muito mística. Falei da herança católica medieval, disse que os índios brasileiros eram animistas e ainda tracei um cuidadoso curso sobre a religiosidade africana e como ela se contextualizou. Lutero, porém, de forma veemente, mostrou-me os efeitos devastadores que as relíquias tiveram em seus dias e reafirmou que somos justificados pela fé. Para ele, a Palavra deveria ser suficiente para produzir fé e não havia necessidade de "pontos de contato" para o poder de Deus fluir em nós.

Calvino interveio em nossa conversa. Ele também estava revoltado. Sua maior preocupação era entender o porquê de tanto descaso com a Bíblia. Ele não entendia como nos separamos tanto

da Reforma, que transformou o conceito de culto. Falou-me que, até o avanço dos protestantes na Europa, cultuar a Deus resumia-se a assistir a um ritual. A liturgia era mais importante que a exposição do texto sagrado. Mas os reformadores, segundo ele me disse, lutaram muito para que as pessoas aprendessem que a melhor maneira de cultuar a Deus é conhecendo e vivendo os princípios eternos do Senhor. Concluiu mostrando-me que antigamente o púlpito ficava deslocado, em um lugar de menor importância no templo. Só com o protestantismo é que ele passou a ocupar o lugar mais central do templo. Tentei mostrar-lhe que estamos em uma sociedade viciada em imagens, que o nosso nível de atenção hoje é mínimo. Falei-lhe dos videoclipes, da superficialidade cultural que a televisão produz. Ouviu-me com atenção, mas pareceu não ter aceitado minha explicação.

Wesley encontrava-se aturdido. Ele me disse que, por aquele culto, percebia que havia muitos chavões, mas pouco compromisso ético na igreja. Por duas vezes, perguntou-me: "Será possível conduzir a obra de Deus apenas prometendo triunfo, sem jamais questionar a vocação profética da igreja?" Wesley não entendeu a interpretação de textos do Antigo Testamento, que dizem que os crentes foram postos por cabeça, e não por cauda. "Será que a igreja evangélica não sabe que o grão de trigo precisa morrer para produzir muitos frutos? Não somos chamados para sermos sal da terra e luz do mundo, antes de nos preocuparmos com riqueza e poder?", insistia ele, me indagando. Novamente tentei explicar. Mas eu mesmo estava envergonhado e minha explicação foi vã.

Charles Finney também se aproximou de mim, querendo entender o que se passava. Falou-me de como eram os cultos evangelísticos de seus dias e de como as pessoas encaravam o novo nascimento. Mostrou-me que o apelo para as pessoas se converterem foi uma quebra de paradigmas. Ele fazia o apelo para que as pessoas que estavam ansiosas por salvação tivessem um tempo para refletir e saber se realmente desejavam um compro-

misso real com Cristo. Explicou que o novo nascimento era uma decisão importantíssima que as pessoas tomavam em resposta à graça. Sua inquietação com o culto do qual participávamos vinha da maneira tão trivial como as pessoas encaravam a conversão e o discipulado. Ele disse-me que notava que o cristianismo moderno estava se esvaziando de seus conteúdos e que em breve muitos não saberiam sequer explicar o que lhes acontecera na conversão.

Gunnar Vingren, que me apresentara aos outros ilustres personagens, não aceitava que todo o sacrifício dos pioneiros do movimento pentecostal desmoronasse em uma teologia tão imediatista. Ele disse que não havia Pentecostes sem a cruz. Com um sotaque sueco, disse-me: "Meu filho, não há experiências com o Espírito Santo sem zelo missionário, sem paixão evangelística".

Eu estava rodeado por uma grande nuvem de testemunhas, e todos tinham o semblante preocupado. Comecei a suar. Acordei.

Sem conseguir dormir de novo, ainda em minha cama, orei. Em minha prece, pedi a Deus que levante no Brasil um povo comprometido em ter apenas a Bíblia como regra de fé e prática. Pedi-lhe que levante pastores que cuidem do povo como rebanho de Deus, e não como um investimento que pode ser capitalizado no futuro. Orei para que os seminaristas não confundam sucesso com um ministério aprovado por Deus. Supliquei ao Pai que nos faça uma igreja solidária com os miseráveis, profética na defesa dos indignos e misericordiosa com os pecadores.

Os sonhos são interessantes. Muitas vezes mostram o que não queremos ver. Talvez a maior necessidade da igreja seja a de se olhar criticamente. Se fecharmos os olhos para a trivialização do sagrado, para a falta de compromissos éticos e proféticos, para a transformação do culto em espetáculo, não só nos condenaremos a sermos irrelevantes para a nossa geração como envergonharemos muita gente que já deu a sua vida pela causa de Cristo.

Que Deus nos ajude.

O futuro da palavra

Aproximadamente sete mil anos atrás, o mundo viveu uma revolução — passou da oralidade para a escrita. Rolos de papiro e tábuas de pedra e de madeira foram usados para registrar uma mistura de símbolos e códigos, que mais tarde seriam conhecidos como alfabeto. A segunda revolução aconteceu em 1455, quando Gutemberg completou a impressão da Bíblia. E a terceira acontece em nossos dias, quando a televisão, o cinema e o *CD-ROM* colocam o audiovisual como o principal meio de aprendizado e de informação.

Barry Sanders nos descreve um cenário amedrontador: nos Estados Unidos, o número de alunos que não conseguem ler dobrou em 70% na última década. O livro vem sendo substituído pelo CD-ROM, pela televisão e pelo computador. As crianças assistem à televisão cerca de cinco horas diárias, sete dias por semana. No mundo ocidental, uma criança normal terá gastado, dos 6 aos 18 anos de idade, mais ou menos 16 mil horas assistindo a programas de televisão e outras 4 mil horas ouvindo rádio ou vendo filmes. Terão gastado mais tempo em contato com a mídia do que na sala de aula ou com seus pais.

No pico do desenvolvimento cognitivo e lingüístico, uma criança ocidental assiste à televisão pelo menos 28 horas por semana. Ao atingir 5 anos de idade, terá assistido a 6 mil horas de programação. Quando terminar seus estudos primários, essa criança terá testemunhado mais de 8 mil assassinatos em sua tela — alguns na ficção e outros em reportagens.

De acordo com as últimas estatísticas das Nações Unidas, das mais de 3 mil línguas faladas no mundo, somente 78 possuem literatura. Destas 78, somente um punhado consegue amplitude internacional. Os literatos, portanto, são a minoria da população.

Em seu livro *Ensaios Sobre a Cegueira,* José Saramago, o primeiro escritor da língua portuguesa a receber o prêmio Nobel de literatura, descreve o pânico generalizado que se instala numa sociedade hipotética, a qual é acometida de uma cegueira branca, que se alastra sem se saber como. Destituído da capacidade da visão, o mundo se torna um inferno dantesco, uma sociedade anárquica. Penso que, se não houver futuro para a palavra impressa, se a cegueira literária continuar — com menos pessoas lendo, com cada vez menos interesse pela página impressa —, nossa sociedade também será condenada a uma espécie de loucura surrealista.

Fascina-me o fato de que Deus tenha dado instruções cuidadosas sobre como os judeus deveriam construir sua experiência religiosa. O Deus dos judeus, Jeová, tinha de ser conhecido pela palavra. Israel não deveria alicerçar sua espiritualidade na iconografia, mas sim na literatura.

A imagem do segundo mandamento é o meio pelo qual se dá a experiência religiosa. Aqui a imagem é o instrumento que determina o conhecimento do eterno. O meio é a palavra lida e ouvida. Não há o auxílio do visual. O espiritual tem de ser arduamente construído por meio de conceitos; jamais deve ser compreendido como algo já pronto. Deus tem de ser compreendido sem molduras, sem formatação, sem contornos.

Por meio do segundo mandamento, Deus admite que determinadas formas de comunicação podem não apenas corromper os conteúdos, como também comandar uma cultura. Seu cuidado ainda nos dias de Moisés corroboram a idéia de Mcluhan de que o "meio é a mensagem".

Quando Deus diz aos judeus que não alicercem sua experiência no visual, Ele está deixando claro que o meio pode influenciar tanto uma mensagem ao ponto de descaracterizá-la. Seria tolice imaginar que uma sociedade que transmite sua cultura por meio de sinais de fumaça, pela transmissão oral de contos e

histórias por anciãos e feiticeiros ou pela estética da pintura ou da escultura terá os mesmos conteúdos de outra que escreveu e eternizou sua cultura por meio da palavra escrita.

Isso nos leva a pensar nos profundos desdobramentos daquele mandamento para a cultura hebraica e a investigar o que ele pode nos ensinar, o que ele diz a nós, ocidentais, que estamos evoluindo da palavra escrita para uma cultura de audiovisuais.

Somente na palvra escrita há a possibilidade de reflexão

O que se diz é mais trivial do que o que se escreve. A escrita é refletida, revista pelo autor, criticada pelo editor, corrigida pelo revisor e contra-argumentada pelo leitor. A escrita é dita ao mundo, e não a um público selecionado. Somente ela tem permanência. Portanto, está muito mais próxima da verdade.

As palavras que falo em um discurso dispersam-se em nada. As palavras que escrevo em meus livros permanecem para sempre. A escrita congela a fala e assim dá à luz o lógico, o retórico, o historiador. Somente o que se escreve passa pelo teste da análise. Quando tenho um texto, posso lê-lo mais de uma vez, criticá-lo, compará-lo a outros textos e, por fim, crescer em verdade.

Arlene Moskowitz, lingüista que estuda a aquisição da fala, conta a história de uma criança filha de pais surdos mudos, seriamente asmática. Seus pais, que se comunicavam com ela por meio de sinais, preocupados, a colocavam diante da televisão para que aprendesse inglês. Com três anos de idade, a menina se comunicava bem com os sinais dos mudos, mas não entendia nem falava inglês. Arlene concluiu que "a televisão não serve como meio de aprendizagem porque embora ela faça perguntas, ela não pode responder às indagações da criança". A criança, portanto, só pode desenvolveer a linguagem se houver linguagem ao seu redor e se ela puder usar o que aprendeu com pessoas ao seu redor.

Se não houver guardiões da palavra escrita, estaremos quebrando o segundo mandamento por omissão e condenando as

futuras gerações ao abandono da lógica, da razão, da seqüência e das regras de contradição. E quando essas regras não estão presentes, na estética temos o dadaísmo, na filosofia, o niilismo, na psiquiatria, a esquizofrenia e na religião, o paganismo.

Por causa da palavra escrita os bereanos puderam confrontar o que ouviam de Paulo e, por isso, foram excelentes. Por causa da palavra escrita o evangelho suportou a análise racional dos gregos. Por causa da escrita o evangelho sobreviveu à mitologia romana e conseguiu manter-se de pé diante do iluminismo renascentista.

O segundo mandamento proíbe o congelamento do conhecimento de Deus, que impede o crescimento na verdade. Somente quando se escreve há crescimento. Clarice Lispector diz que as palavras não são coisas, elas são espírito.

Somente na palavra escrita é que a abstração sobrevive

Os efeitos especiais de Hollywood, as técnicas mais apuradas dos computadores, que criam realidades virtuais com incontáveis giga bytes de memória, ainda não conseguem se igualar à beleza de uma texto nem à sua capacidade de nos conduzir na abstração. No mundo das realidades espirituais, a imagem não pode vir pronta, ela tem de ser construída na individualidade de cada um. O poeta Fernando Pessoa afirma:

> Há metáforas que são mais reais do que gente que anda na rua. Há imagens nos recantos de livros que vivem mais nitidamente que muito homem e muita mulher. Há frases literárias que têm uma individualidade absolutamente humana.

Deus queria nos dotar com uma inteligência mais poderosa que a inteligência racional e mais humana que a emocional — a *inteligência imaginativa,* essa capacidade de abstrair sem ilustração. É a inteligência imaginativa que nos leva além do campo dos conceitos. Ela nos conduz pelos prados da fantasia e nos faz passear na realidade dos próprios sonhos.

Foi através dessa realidade que cacei baleias com o capitão Acabe, em *Moby Dick*, chorei o amor juvenil e impossível de Romeu e Julieta, vi com os meus próprios olhos como seria o mundo sem pecado em Perelandra e viajei pelas profundezas dos oceanos com Júlio Verne.

Somente por meio da abstração e com esses olhos da imaginação é que posso conceber as realidades espirituais da Bíblia que extrapolam o campo das idéias e das cercas dos conceitos teológicos. Somente assim posso imaginar o Cordeiro que tomou o rolo das mãos daquele que está assentado no trono, com sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus.

Todas as representações gráficas do mundo espiritual são grotescas, ridículas. Mesmo a beleza estética da Capela Sistina não se compara à beleza descritiva de Isaías 6. Quando leio a cena do batismo de Cristo sendo plenificado pelo Espírito na forma corpórea de uma pomba, vejo beleza; quando a assisto em um filme, sinto que algo está faltando.

As crianças têm dificuldade em conceber a morte não somente por não terem ainda se deparado com a sua crueza, mas também porque no mundo das abstrações e fantasias infantis ela é uma realidade totalmente confortável. Talvez seja isso que Jesus nos propõe — que não percamos a nossa inteligência imaginativa —, quando diz para sermos crianças.

Em seu *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa afirma:

> A literatura, que é arte casada com pensamento e a realização sem a mácula da realidade, parece-me ser o fim para que deveria tender todo o esforço humano, se fosse verdadeiramente humano, e não uma superfluidade do animal. Creio que dizer uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror. Os campos são mais verdes no dizer-se do que no seu verdor. As flores, se forem descritas com frases que as definam no ar da imaginação, terão cores de uma permanência que a vida celular não permite.

O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda registra um verbo curioso: *literaturar*. Assim, temos a literatura como a realização do belo artístico, ou seja, o trabalhar com a palavra. O artista literário busca uma expressão formal — o ritmo, o estilo, a forma, as figuras de linguagem — que nos proporcione o prazer estético. Analisando a relação entre literatura e linguagem, o poeta americano Ezra Pound afirma: "Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível".

Só na palavra escrita há memória

Northrop Frye diz que "a palavra escrita é muito mais poderosa que uma mera lembrança. Ela recria o passado no presente e devolve-nos não apenas o que se esqueceu, mas o brilho intenso da própria alucinação".

Pelo segundo mandamento, descobrimos que a imagem não sacia nossa memória. Deus quis que a memória de sua manifestação aos pais fosse suficiente como fonte de revelação, que não houvesse uma atualização do divino. Quando vejo as representações gráficas de pessoas que viveram há alguns séculos, parecem-me pessoas deslocadas da realidade e da cultura; não parecem meus irmãos. O segundo mandamento garantiria que o conhecimento de Deus fosse sempre atual.

Só podemos desenvolver a memória por meio da literatura, lendo, revivendo, reexperimentando o que está eternizado na palavra escrita. Quando leio a experiência por que passou Abraão no monte Moriá, posso reviver com ele sua angústia existencial de pai que tem de decidir entre sua coerência espiritual e seu amor paternal. Ao ler a vida de José, vou invariavelmente às lágrimas quando vivo com ele a decisão de perdoar quando estava ao seu dispor o ódio. Com Ruth, creio que o melhor ainda está por vir; com Jeremias, sei que o ofício profético é angustiante; com Simeão, espero; e com Maria, coloco-me ao inteiro dispor do meu Senhor.

Para ensinar a obediência, Deus não precisa de um outro Abraão, pois sua memória está eternizada na escrita. Também não precisa de um novo José, ou de uma nova Rute, ou de um novo Jeremias, ou de um novo Simeão. A vida desses personagens bíblicos faz parte do memorial eterno de Deus, que é sua palavra escrita, a Bíblia.

Eis a razão por que a literatura tem a capacidade de se envolver decisivamente no tecido existencial. Ela, mais que as figuras, mais que as esculturas e mais até mesmo que as melodias, pode nos avivar a memória.

Quando somos traídos por nossos amigos que nos esfaqueiam pelas costas, nos lembramos de *Júlio César*, de Shakespeare, e dizemos: "Até tu Brutus?" Quando perdemos uma oportunidade única na história, pensamos: "Agora é tarde, Inês é morta".

A melhor descrição do inferno é a de Dante. A mais dura batalha existencial entre o bem e as próprias paixões é a de Fausto, escrita por Goethe. A mais formidável descrição do homem idealista é *Dom Quixote*. E a mais profunda descrição do amor paternal é a parábola do filho pródigo, cujo pai o abraça e beija antes mesmo de ele pedir perdão, gravada nas páginas das Escrituras.

Só na literatura há verdadeiro poder

O poder da pena sobre a baioneta é proverbial. Quando Deus diz a Moisés que o seu conceito religioso deveria ser passado por meio da escrita, e não da imagem, é porque Ele sabia do poder e da força da palavra escrita.

Em um de seus sermões, o Padre Antônio Vieira diz: "Não há coisa mais escrupulosa no mundo que papel e pena. Três dedos com uma pena na mão é o ofício mais arriscado que tem o governo humano."

Em 1492, o espanhol Don Elio Antonio de Nebrijia barganhou duramente com a rainha da Espanha para que se publicasse a

primeira gramática da língua castelhana. Ele dedicou seu primeiro exemplar a Isabel, a católica. Quando ela pegou no livro, perguntou qual seria a sua serventia e quem se interessaria por regras de gramática. Nebrijia explicou que a Espanha estava enviando seus guerreiros e navegadores para lugares distantes e que a língua castelhana, o idioma de sua majestade, os acompanhava. Arrematou afirmando:

Sua majestade tem colocado o jugo da coroa em muitos povos. Eles necessitarão conhecer as leis dos vitoriosos. A arte tem perpetuado tanto o grego como o latim. Sem sua majestade não cuidar de nossa língua, em vão as crônicas de sua majestade lhe louvarão. Seus feitos não durarão mais que alguns anos e logo se tornarão contos e fábulas de outros reis e rainhas.

O ser humano só é verdadeiramente livre quando lê. Interessante é que a leitura silenciosa é bastante recente na história humana. O alfabeto hebraico não possibilitava a leitura silenciosa porque lhe faltavam as vogais. Na verdade, o texto só podia ser lido em voz alta, para que o leitor fosse preenchendo, de acordo com seu conhecimento e experiência, o que entendia da leitura. Daí entendermos o fato de todo o conceito de contemplação e meditação do Antigo Testamento ter de passar pela fala. Somente com o alfabeto grego — que contém vogais — e, posteriormente, quando foram criados os espaços entre as palavras e os parágrafos é que se passou a ler em silêncio. Tanto que Santo Agostinho ficou perplexo quando viu Ambrósio ler silenciosamente.

A literatura nos torna independentes, nos deixa livres para pensar, para nos desvencilhar dos grilhões ideológicos, dogmáticos. Não foi por acaso que Lutero considerou a imprensa como o mais extremo ato da graça.

Na autobiografia de Martin Luther King Jr., o movimento pela libertação dos negros é descrito como um exército:

Era um exército especial, sem nenhuma força senão nossa sinceridade, nenhum uniforme senão nossa determinação, nenhum arsenal senão a fé, nenhuma riqueza senão nossa consciência.

Que hoje caia o deus da mídia e seja entronizado o Deus da Palavra. Que seja envergonhado o ídolo da imagem e seja glorificado o Deus da verdade. Que não prevaleça o deus virtual, mas o Deus espiritual.

"Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Lc 21.33).

Hereges e heresias

Com quantos argumentos se estabelece uma questão? Os nazistas souberam demonizar os judeus, já os comunistas habilidosamente desmontaram a lógica de Hitler. Os americanos organizaram uma estrutura filosófica que justificou o bombardeio sobre o Iraque.

Richard Dawkins escreveu um livro em que ele criteriosamente procura desmascarar os evangélicos ocidentais. Mas já existem vários livros que denunciam a fragilidade dos argumentos deste ateu belicoso.

E assim se alongam as controvérsias.

Um debate de idéias, quando serve a propósitos escusos, tem vida longa e é, na verdade, interminável. Os polemistas assumem, muitas vezes, o perfil do torturador num interrogatório; ele não espanca porque busca extrair a verdade, mas para destruir a pessoa.

O que seria uma heresia? A negação de uma moldura teológica bem assumida por um grupo? Uma hegemonia dogmática? Uma outra interpretação que não se alinha à que pretende ser a melhor e mais autêntica ?

Ouso redefinir o conceito de heresia.

Heresia para mim é falta de reverência pela vida. Todo e qualquer sistema que não defenda os mais frágeis, os menos competentes, os mais indignos, é herética, por mais coerente que se mostre.

Heresia para mim é falta de consideração. As instituições, escolas teológicas e igrejas que descartam as pessoas com suas biografias e seu legado em nome de uma retidão conceitual são heréticas, mesmo que consigam repetir dogmas e catecismos.

Heresia para mim é falta de mansidão. Se a defesa de verda-

des complexas e excelentes, que extrapolam a capacidade humana, gerar pessoas soberbas, arrogantes e inclementes, isso é apostasia, mesmo que ninguém consiga discordar de seus pressupostos acadêmicos.

Heresia para mim é falta de integridade. Cada dia mais me convenço de que a linguagem religiosa camufla e dissimula a condição humana inadequada e pecaminosa. Não suporto ler tratados sobre santidade quando não percebo um mínimo de sinceridade em quem escreve de admitir suas próprias falhas.

Heresia para mim é falta de honestidade. Algumas pessoas falam de Sartre, Gustavo Gutierrez, Marx, Freud, sem nunca terem lido uma linha sequer do que escreveram. Tenho pena de quem não consegue comer peixe por ter medo de se engasgar com as espinhas.Esses, *à priori*, jogam pedra e preconceituosamente só se interessam em ler quem já criticou aquela idéia.

A tolerância nasce da admissão de que pode sim vir coisa boa de Nazaré, das mulheres, dos pentecostais e dos negros. Ouvir é uma arte e quem não se dispõe para o diálogo amoroso, para mim, é um herege, mesmo que esteja coberto de razão.

O que Deus requer das pessoas? Que sejam misericordiosos, que façam justiça e que andem humildemente com ele.

Esse tipo de vida não tem muito espaço para a heresia; é assim que desejo caminhar.

Ja sei por onde não ir

Leio que o exército negociou com traficantes o retorno da "normalidade" nas favelas do Rio de Janeiro – ou seja, devolveu-lhes a liberdade para negociarem e restituiu-lhes seu "território", que continuará no controle do crime. Angustio-me, mas não desisto do jornal, afinal sou brasileiro e já corri sete maratonas. Aprendo que o crescimento econômico brasileiro, estagnado há mais de vinte anos, mantém-se com índices equivalentes ao Haiti. Por pura teimosia, viro a página da Folha e fico informado que o lucro do maior banco brasileiro, que já estava na estratosfera, aumentou mais 80% no último ano.

Enquanto o cenário draconiano me rodeia pela página impressa, ouço os pastores. Eles parecem alienígenas vindos de um mundo perfeito. Falam de uma existência sem sofrimento, de uma prosperidade mágica, e de vitória em todo e qualquer percalço. Percebo-os como patifes que minimizam os descalabros nacionais como se fossem "maldições" espirituais. Sabem encurralar o povo sofrido no beco da culpa: "Se você enfrenta dívidas e crises conjugais decorrentes de seus problemas financeiros, com certeza não está pondo sua fé em ação". São para mim mercadejadores da Palavra que desafiam os desvalidos nacionais com a cara mais lisa e ordinária: "Venha fazer a campanha de Gideão, da Fogueira Santa, do Sal Grosso, das Muralhas de Jericó e acabe seu sofrimento".

Como arrazoar? São dois mundos distintos, duas realidades que não se tangenciam. Eles não lêem os jornais, não possuem senso crítico; e varrem escrúpulo e decência para debaixo dos seus tapetes imundos. São lobos vorazes que saqueiam o irrisório salário mínimo do trabalhador; fomentam um ambiente onde não se pode perguntar, pensar ou exercitar o bom-senso. Conseguiram condicionar seus auditórios e todo argumento recebe respostas

emotivas, piegas e irracionais. Ouço irritado: "Não se deve julgar essas igrejas, afinal de contas, muitos se libertaram e lá tiveram uma genuína experiência com Deus". "Se essas igrejas estão cheias e o povo não é burro, alguma coisa boa deve haver ali". A cada réplica, dá vontade de virar as mesas dos templos. Os contra-sensos revoltam.

Enquanto isso, minha caixa postal se entope de mensagens de gente destruída, decepcionada e desiludida. Eles ouviram sermões que não "resolveram", e agora se sentem largados nas calçadas. Há dias não consigo dormir direito com tantos pedidos de socorro. São mulheres espancadas, filhos abusados e profissionais frustrados. Todos reclamam que suas orações não funcionaram e não sabem o que fazer.

Concluo que esses sintomas não são pontuais e nem circunscritos a um determinado grupo. O modelo evangélico nacional adoeceu. Os que defendem a ortodoxia da fé deveriam se arrepender de seu dogmatismo e defenderem a vida antes das doutrinas; os que se enxergam como baluartes do pentecostalismo deveriam fazer crítica interna porque geraram comunidades que asfixiam a criatividade, a liberdade e a felicidade; os que se dizem na vanguarda do "mover apostólico" deveriam ter coragem de se olharem no espelho e reconhecer que propalam maravilhas que só beneficiam a eles próprios.

Assim, acabo meu envolvimento com o mundo evangélico. Termino minha militância com o movimento ao qual me dediquei por mais de trinta anos. Estou desencantado. Chegou a hora de encerrar minha associação com esse imenso guarda-chuva que hoje abriga uma das religiosidades mais pernósticas da história. Não quero mais estar incluído no mesmo rol de pessoas que considero pilantras fardados de apóstolos. Tenho pena desses drag-queens culturais que se deslumbram com o imperialismo de um George W. Bush. Não consigo ouvir missionários que prometem milagres a granel.

Chega! De hoje em diante não me sentirei atacado quando souber que apedrejaram o discurso moralista e inconsistente desses sicofantas.

Contudo, continuarei minha caminhada cristã, movido pela esperança do Reino, alimentando-me dos que trilham a senda de Jesus de Nazaré. Tomo emprestadas as palavras de Frei Betto: "A esperança é uma fênix. Sempre a renascer das cinzas... Um sonho se tece de mil fios delicados, até que um dia a imagem se transporta da mente à realidade. Talvez não se saiba exatamente aonde se pretende chegar. É como no amor, os sentimentos criam vínculos sem que se saiba ou se possa adivinhar o porvir. Sabe-se, contudo, por onde não ir. Como no poema de José Régio: "não sei por onde vou,/ não sei para onde vou,/ sei que não vou por aí!".

Não vou pelas vias que conduzem os passos do inimigo...".

Ganhei nova fé

Recebo muitos pedidos para que volte e ser o "Ricardo de antigamente". Impossível voltar ao passado e mais impossível ainda, vestir os andrajos que o tempo corroeu. Muitas coisas perderam ímpeto dentro de mim. Hoje, algumas afirmações se esvaziam antes mesmo de alcançarem meu coração. Certas concepções já não fazem sentido quando organizo a minha existência.

Ganhei nova fé. Não acredito mais na fé como força dirigida a Deus que o induz a agir. Entendo a verdadeira fé como coragem para enfrentar a existência com os valores de Jesus de Nazaré. Fé significa que a verdade vivida e revelada por Cristo basta para que eu encare as contingências do mundo sem desumanizar-me. Minha fé não pretende movimentar o Divino, mas ser pedra de arranque onde impulsiono a caminhada na deslumbrante (e perigosa) aventura de viver.

Já não espero que uma relação com Deus me blinde de percalços. Não acredito, e nem quero, Deus me revestindo com uma armadura impenetrável. Considero um despautério prometer, em meio a tanto sofrimento, que os obedientes e puros passarão pela existência incólumes, sem sofrerem doenças, acidentes, violência.

Ganhei nova fé e considero leviano afirmar que ao orar, mulheres pouparão os filhos de se envolverem com drogas, promiscuidade e outros males. Por que Deus ficaria de mãos atadas ou indiferente diante das opções, muitas vezes atrapalhadas, de rapazes e moças? Seria justo afirmar que se os pais não vigiarem, Deus permitirá a perdição eterna dos filhos? Como Deus induz alguém a se arrepender? Ele força e arrasta, em resposta ao pedido dos pais? Não seria mais responsável ensinar que a "salvação" dos filhos não depende tanto de uma intervenção divina, mas do exemplo dos pais?

Tanto na Bíblia hebraica, o Antigo Testamento, como no ministério terreno de Jesus, há relatos de que Deus se recusa a manipular e coagir para trazer qualquer pessoa para si. Deus é amor. Quem ama se faz vulnerável ao abandono. Um exemplo clássico vem do profeta Oséias que encarnou repudio semelhante ao de Iahvé.

Quando Israel era menino, eu o amei, e do Egito chamei o meu filho. Mas, quanto mais eu o chamava mais eles se afastavam de mim (11.1).

No Evangelho de Lucas, Jesus lamentou sobre a cidade de Jerusalém que, além de repetir o antigo hábito de perseguir os profetas, agora o rejeitava:

Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram! (13.34).

Ganhei nova fé e deixei de acreditar que os que cumprem ritos religiosos vivem um céu de brigadeiro. Não imagino que, ao obedecer corretamente os mandamentos, o mar da vida pare de ser arriscado.

Ganhei uma fé que não precisa orar de olhos fechados, debulhar terços em rezas, pedir ajoelhado, fazer campanhas, interceder ferozmente em vigílias e clamar aos gritos. Sei que o paganismo rodopia nessa lógica, mas agora entendo que Cristo a negou. As vãs repetições acabam expressando a voracidade de uma espiritualidade que contempla ganhar o que outros mortais não conseguiram. Considero esse tipo de devoção puro clientelismo. Murros em ponta de faca, que misturam ilusão com uma esperança bem parecida com os anseios da tartaruga que sonha com as alturas, mas é obrigada a respirar o pó da estrada.

Ganhei uma fé com demandas éticas. Não seria indigno um cristão pedir que Deus lhe ajude a passar em concurso público? Sim, esse tipo de oportunismo em nome de Deus é aberração

ética. Em uma enconomia como a latino americana que gera excluídos, não cabe rogar que "o Senhor abra uma porta de emprego". Não faz sentido conceber que o Todo Poderoso esteja, não se sabe por quais critérios, a recolocar seus eleitos no mercado de trabalho. Ganhei uma fé que luta por mais justiça nos chamados países emergentes, com bolsões miseráveis, onde bilhões sobrevivem com menos de 1 dólar por dia.

Já me indispus com grandes segmentos religiosos. Noto, sim, as idealizações de um movimento que deseja ser tratado como o próprio reino de Deus. Inundado de insinuações de que estou em crise, crisolo, mudo de pele, revisto-me de maturidade. Repito o padrão paulino: "deixo as coisas de menino". Sei que muitos jargões piedosos cumprem o papel ideológico de afastar as pessoas da realidade empurrando-as para o delírio religioso. Mas nesse caso religião e ópio são iguais.

As cosmovisões bíblicas

A Bíblia hebraica (também chamada de Antigo Testamento) mostra diferentes cosmovisões que não são complementares, mas bem distintas.

Na Torá (Pentateuco, ou Livros da Lei) o mundo é descrito como regido por uma Lei que organiza a vida com muita especificidade. O cumprimento da lei estabelece uma nítida relação de causa e efeito na interação dos homens com a natureza – quem segue os caminhos do Senhor tem uma colheita mais abundante, o gado não perde crias e os gafanhotos não destróem nada. Em suma: quando se obedecem aos mandamentos, bênçãos são derramadas e a desobediência traz maldição. Na Torá, quando se atinge o alvo da lei, as relações humanas são felizes; quando se constata submissão aos preceitos divinos, o caminho para Deus fica desobstruído. Males e sofrimentos; prosperidade e felicidade; ataques e livramentos dependem diretamente da preservação da Lei.

Mas, posteriormente o livro de Jó relata um universo em que bênçãos e maldições resultam de realidades inacessíveis aos humanos. Jó sofre, mas nem ele nem os seus pares têm qualquer noção da trama que acontece nas dimensões espirituais. E todas as especulações sobre o porquê do seu sofrimento estavam erradas. Apesar de Jó ser um homem justo, padece mais do que qualquer outro mortal. A ele restava, tão somente, confiar no caráter de Deus e acreditar que o seu Senhor não era apenas Todo-Poderoso, como benigno.

Em um período mais tardio da cultura judaica, o livro do Eclesiastes concebe o universo totalmente contingente. No Eclesiastes, a vida é uma aventura na qual existem tempos diametralmente opostos entre si: tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de guerra e tempo de paz, tempo de nascer e tempo

de morrer. Neste livro alguns acontecimentos são fortuitos, desconectado de qualquer sentido ou propósito. Quando o Kohelet, ou pregador, afirma que na vida, nem sempre os fortes vencem as batalhas, ele quer ensinar que vivemos em um mundo que nem sempre a justiça prevalece. E não há garantias de que a vontade de Deus se cumprirá (por exemplo, Cristo chorou porque Jerusalém desperdiçou o tempo de sua visitação e a carta aos Hebreus, capítulo 11, afirma que muitos morreram sem ver a promessa).

De acordo com Paulo, a noção de que a lei fora dada para engrenar a vida numa relação estrita de causa e efeito estava equivocada; somos chamados a tocar nossa existência como barcos que singram os mares, tangidos pelo vento do Espírito que sopra sem padrões ou rotas definidas. Portanto, a vida cristã é ordenada para a liberdade e não para se engrenar numa lógica de, se obedecer, consequentemente os resultados serão "a", "b" ou "c".

Tentar organizar a existência a partir do livro de Jó também não adianta. Primeiro, porque este livro poético é, precipuamente, um convite a que nunca se especule sobre o que poderia rolar por trás das cortinas da eternidade. A vida terá percalços, mortes prematuras, acidentes e decepções, mas ninguém pode sequer sugerir o que teria desencadeado as intempéries ou as bênçãos. Aos humanos compete viver em total dependência no caráter de Deus, que sempre busca o bem de todos.

Resta a cosmovisão do Eclesiastes. A vida é uma aventura em que todos são chamados a encarar sem seguranças. Tudo pode acontecer a qualquer um, seja ele um crente devoto ou um agnóstico despreocupado. Cristo preferiu este modelo aos outros. Ele advertiu repetidas vezes que seus discípulos enfrentariam tribulações, seriam como ovelhas no meio de lobos e correriam o risco de morrerem prematuramente (como no caso de Estevão e Tiago).

Em um mundo contingente, onde acidentes e perseguições são plausíveis, é preciso redefinir o que se entende por fé. Fé deixa de significar que é possível agir preventivamente, antecipan-

do-se aos problemas e doenças; deixa de ser uma força dirigida a Deus com poder de induzi-lo a fazer o que estaria indisposto; não visa consertar os mal-feitos que provocaram as doenças.

Na cosmovisão contingencial do Eclesiastes, fé passa a ser uma coragem de acreditar que os valores, princípios e verdades do Evangelho são suficientes para que se enfrente qualquer intempérie que a vida possa trazer.

Jesus afirmou que aqueles que ouvem a sua Palavra e a cumprem, são semelhantes ao homem que edificou sua casa sobre uma rocha e quando sopraram as ventanias nas tempestades, a casa permaneceu. Vale ressaltar que ele não sugeriu que os ventos seriam desviados e as tempestades, abrandadas.

Fé não prioriza modificar as condições da vida, mas os corações. Assim, as pessoas movidas pelo poder do Espírito, inspiradas pela contundência da verdade de Jesus e vivificadas pelo amor de Deus, tornam-se artesãs da história.

Cearense é um estado de espírito

Diz-se que o cearense é o judeu brasileiro. Aonde se vai encontra-se alguém do Ceará. Esse título, contudo, transcende uma diáspora dos "cabeças chatas". Assim como o judeu é judeu não só por ter nascido na Palestina ou por praticar sua religião, ser cearense é mais que ter o Ceará como lugar de nascimento. Ele possui uma cultura ímpar, uma mentalidade peculiar. O cearense dorme na rede de um modo único, tem gírias próprias, um sotaque inimitável e, lógico, uma cozinha deliciosa — quem já comeu baião-de-dois entende. O jeito cearense de ser é singular. O cearense é um brincalhão diferente. Como chuva no Ceará é artigo de luxo, desde um certo dia que amanheceu com pesadas nuvens prenunciando chuva e o serviço de meteorologia do Estado previu tempo bom, faz parte do anedotário da capital que "tempo bom é tempo nublado". Toda a cidade se preparou para um tremendo aguaceiro. Uma lufada de vento, porém, empurrou as nuvens para o oceano e o sol brilhou, como sempre brilha no Nordeste, límpido. Uma multidão reunida na Praça do Ferreira, revoltada com o astro-rei, não hesitou e deu-lhe uma tremenda vaia.

Sinto-me cearense. Não só nasci em Fortaleza, como me sinto contaminado por esse estado de espírito chamado "cearense". Na terra onde a palmeira canta com a bruma do oceano e o juazeiro é sempre verde, a gente é bairrista até sem querer. O povo cearense é especial. Nos vilarejos e cidades, abandonado pela política perversa de homens inescrupulosos, ele resiste e sobrevive sem perder sua ternura. Muitas histórias bonitas brotam no solo seco e pedregoso do Ceará.

Com José de Alencar, Antônio Sales, Clóvis Bevilacqua, Rachel de Queiroz, tornamo-nos mais conhecidos como um povo com uma forte inclinação para as letras e as ciências humanas. Com

o Padre Cícero Romão Batista, o Ceará tornou-se o maior centro de peregrinação religiosa do Nordeste. Com Chico Anísio, Fagner, Tom Cavalcante, José Wilker, sabe-se que o cearense é bastante inclinado para as artes.

Infelizmente poucos conhecem a saga de milhares de evangélicos que semearam a semente do reino com suas lágrimas. José Teixeira Rego, Natanael Cortez, Vicente de Sales Bastos, João Queiroz e alguns poucos líderes evangélicos das primeiras décadas do século XX conseguiram articular um pequeno exército de autênticos heróis da fé. Com eles venceram desafios monstruosos. Hoje a mensagem do evangelho chegou a todos os municípios do Ceará. A evangelização cearense deu-se por intermédio de anônimos campeões de Jeová, que tornaram-se candidatos a uma versão moderna de Hebreus 11. Seus nomes nunca aparecerão nos anais históricos do Estado, mas Deus os conhece muito bem.

O cearense não faz o tipo do herói. Sua aparência, como afirma Euclides da Cunha, contradiz o axioma de que é antes de tudo um forte:

> Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente.

Entretanto, o próprio Euclides da Cunha conclui que essa imagem é ilusória, que o sertanejo é mais robusto que se imagina:

> Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o

espantalho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua face tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta.

Uma de minhas primeiras experiências evangelísticas na pequenina cidade de Pacoti pode ilustrar bem essa braveza nordestina. Organizamos uma pequena cruzada de evangelização para ajudar o pastor da Assembléia de Deus em seu esforço de plantar ali uma comunidade evangélica, a única da cidade. Armamos um palanque e todas as noites conduzíamos nosso culto público. Debaixo de fortes perseguições (a luz da cidade foi cortada em duas noites) conseguimos anunciar a mensagem da cruz. Logo na primeira noite, depois do culto, o pastor me convidou para lanchar em sua casa. Suado, pedi para tomar um banho antes de nos sentarmos à mesa. Impressionou-me a simplicidade e pobreza daquela família. Os poucos móveis espalhavam-se pela sala, dando a impressão de que sobrava espaço. As paredes de taipa e o piso de cimento cru não escondiam que ali tudo fora construído por ele mesmo. No banheiro, lavei-me com uma cuia. Ouvi alguns barulhos estranhos e, já ensaboado, levantei a lamparina para certificar-me do que poderia ser. Apavorado, contemplei mais de uma centena de baratas passeando pelas paredes úmidas do banheiro. Meu banho foi brevíssimo. De volta à mesa, comi agradecendo a Deus por homens como aquele pastor, que na sua pobreza fazia um esforço extraordinário para que Cristo fosse conhecido no sertão cearense. Ele jamais teria sobre si as luzes da fama. Fazia lembrar a elegia de Hebreus: "dos quais o mundo não era digno".

Esses heróis anônimos viajaram debaixo de perseguições por estradas poeirentas. Sob um sol causticante, enfrentaram a fome, o desprezo e as pedradas do preconceito. Foi comum os primeiros

crentes cearenses serem enxotados de cidades, proibidos de enterrar os seus mortos. Eram chamados de "bodes". A tarefa da evangelização no Ceará deu-se contra a própria esperança. Somente pessoas de uma têmpera sólida conseguiriam vencer os inúmeros desafios do pioneirismo. Novamente Euclides da Cunha traduz esse espírito vencedor do nordestino, que luta contra as limitações de seu inóspito hábitat:

Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro em que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação... Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia — passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendiados, sob o reverberar dos estios abrasantes.

Imagine o que significava evangelizar há quase 100 anos sob um sol que deixa a vegetação cinza, como se tivesse sido queimada. Imagine o que é realizar cultos sem energia elétrica, acossado por centenas de insetos. Imagine crer sem a menor perspectiva de que o quadro possa mudar a curto prazo. Desde que Dom Pedro II empenhou as jóias da coroa para ajudar o Nordeste, as elites políticas se revezam na luta pelo poder, deixando um perverso rastro de miséria. O evangelista nordestino pregou no espírito daquela frase de Vaclav Havei, o dramaturgo checo que liderou o movimento de libertação da antiga Checoslováquia: "Esperança é uma força que nos leva a lutar não porque vai dar certo e sim porque vale a pena". Sem a menor perspectiva de mudanças, homens e mulheres teimosamente continuaram a anunciar um novo amanhã com Cristo.

Lembro-me de Tauá, que fica no vale do Inhamus — palavra indígena que significa *vale dos demônios*. A situação dessa cidade é deprimente. Situada em um dos vales mais áridos do Nordeste,

Tauá tem sobrevivido quase que exclusivamente das pequenas verbas federais designadas aos municípios. Lá chove pouco e a temperatura é alta, altíssima. Sem opção de emprego, a maioria dos homens migram para São Paulo. Têm uma vocação incomum para trabalhar como garçons. O padre católico visita a cidade só *ocasionalmente*; os sindicatos estão desarticulados; o hospital (mais um ambulatório que propriamente um hospital) vive à míngua; e as escolas públicas pagam salários de miséria aos seus professores. Por volta das 6 horas da tarde, as ruas ficam ainda mais desertas. O antigo hábito de, no fim do dia, esperar um vento mais fresco, acabou-se. A televisão é ligada e as novelas transportam para aquela pequena comunidade todos os vícios, traumas e loucuras da cidade grande. O impacto da pós-modernidade em um lugar que ainda nem experimentou a modernidade pode ser devastador. Foi com a visão de agregar, (re)articular e mobilizar Tauá que enviamos os pastores Mardes e Marilac para plantar uma igreja. Sabemos que o trabalho continuará inglório e que por muito tempo teremos de investir em Tauá. Pode não render resultados visíveis nem a longo prazo, mas vale a pena.

Os cearenses e os nordestinos lutam, resistem. É intolerável colocar a culpa da miséria brasileira sobre os ombros do sertanejo de mãos calejadas da enxada ou da mulher que, de cócoras, lava sua roupa no rio lamacento. Não desejamos a mão estendida de um assistencialismo preconceituoso nem um esforço missionário paternalista.

Não se pode mais enxergar o Nordeste como um pedaço territorial brasileiro sem história, sem heróis e sem futuro. Não fossem alguns bravos nordestinos, muito da evangelização deste país ainda estaria pela metade. Saíram pelo Brasil sem ver dificuldades para espalhar sua fé. Quem consegue sobreviver no Nordeste sobrevive em qualquer lugar. Com homens e mulheres comuns e anônimos, fortes e audaciosos, esperançosos e idealistas, o Ceará e o Nordeste vêm deixando de ser campo missionário: hoje já

"exportam" evangelistas e missionários para todos os lugares do mundo. Ainda há muitos vilarejos e povoados do meu Ceará a serem alcançados com a mensagem de esperança; mas, intrépidos, os cearenses levarão adiante seu mandato. Eles são, antes de tudo, fortes.

Carta ao pastor evangélico

QUERIDO PASTOR,Há muito queria escrever-lhe. Confesso que me sentia intimidado por temer que você — vou chamá-lo de você — não entendesse minha motivação ao redigir esta carta.
Escrevo por amor e com um grande cuidado por sua vida e seu futuro.

Venho percebendo que você anda tenso. Entendo o seu estresse. Ser pastor nesses dias não é fácil. Sua atividade vem sendo duramente criticada pelos formadores de opinião. Nota-se uma antipatia nacional para com os pastores. No dia 28 de março de 2000, lendo a *Folha de São Paulo*, imaginei como você deve ter se sentido quando o Arnaldo Jabor, escrevendo sobre a miséria, atacou duramente as igrejas evangélicas: "Quanto faturam as igrejas evangélicas com a miséria, quantos milhões de dízimos pingam nos bolsos daqueles oportunistas de terno e gravata que não acreditam em Deus?"

Sei que é perturbador ser rotulado como oportunista. O grande público mal sabe que a imensa maioria dos pastores recebe salários baixos e, como todos os brasileiros, sobrevive heroicamente numa economia perversa. Às vezes, gostaria de sair em sua defesa e mostrar que o segmento evangélico mais rico e visível na televisão faz muito alarde, mas não representa o pulsar da igreja como um todo. Embora muitos não acreditem, é preciso deixar claro que ainda há pastores que não fazem conchavos políticos ordinários. Seus ministérios não estão à venda. Para a enorme maioria de homens e mulheres como você, a causa de Cristo é mais preciosa que projetos pessoais. Entretanto, não sairei publicamente para defendê-lo. Jesus Cristo afirmou que a sabedoria é justificada por todos os seus filhos (Lc 7.35). Sua vida basta como testemunho. Continue na estrada menos trilhada.

Recordo-me daquela experiência que você nos relatou publicamente. Você estava em um megaevento evangélico. Inquieto com o esforço de outros pastores para se sentarem nos primeiros lugares; percebendo que a maior parte do culto fora dedicado à promoção de cantores evangélicos; sabendo que grande parcela do auditório sairia dali sem mudança de vida; revoltado por reconhecer que as estruturas sociais perversas deste país permaneceriam intocadas, você orou: "Deus, quero andar ao lado de gente que te leve a sério". Ele sempre responde preces como essa. Continue caminhando ao lado de líderes que não negociam a ética pelo sucesso, não trocam conteúdos por jargões, não tentam imitar as ações sobrenaturais do Espírito.

Alguns domingos atrás, você parecia ansioso. Muitas vezes, nossa ansiedade nasce de comparação. Queremos, inconscientemente, o sucesso, a projeção, a respeitabilidade dos outros. Isso não acontece somente com os ministros do evangelho. Empresários, profissionais liberais, atletas, artistas também caem na armadilha do sucesso. Tentam galgar uma escada imaginária que lhes levará ao triunfo. Só para descobrirem que encostaram sua escada na parede errada. Nesta corrida perversa não existem vencedores. Recordo-me de uma citação de Joseph Addison, mencionada no livro *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes*, de Stephen R. Covey:

Quando olho para as tumbas dos grandes homens, qualquer resquício de sentimento de inveja morre dentro de mim; quando leio os epitáfios dos magníficos, todos os desejos desordenados desaparecem; quando me deparo com o sofrimento dos pais em um túmulo, meu coração se desmancha de compaixão; quando vejo a tumba dos próprios pais, lembro do quanto é vão chorarmos por aqueles a quem logo seguiremos; quando vejo reis colocados ao lado daqueles que os depuseram, quando medito sobre os espíritos antagônicos ou os homens sagrados que dividiram o mundo com suas discussões e contendas enterrados lado a lado,

medito cheio de dor e surpresa sobre a pequenez das disputas, facções e debates da humanidade. Quando leio as variadas datas dos túmulos, algumas recentes, outras de seiscentos anos atrás, penso no grande Dia, no qual seremos todos contemporâneos e faremos nossa aparição conjunta.

Pastor, a sedução pelo aplauso é vã; a disputa pela respeitabilidade, inútil. O desejo de ter um nome se aproxima da mentalidade dos construtores de Babel. Na proposta de Jesus Cristo há discrição. O sucesso cobra um preço muito alto. Ele mirra nossa alma.

Não se afadigue para ser bem-sucedido. Deus não busca desempenho, apenas fidelidade. Ele jamais irá compará-lo a alguém. Seja tão-somente fiel ao que lhe foi confiado. Jesus alicerçou sua identidade naquilo que ouviu antes de iniciar seu ministério: "Este é meu filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17). Faça o mesmo. Tome consciência de que você é agradável a Deus. Só assim você não se deixará afetar por elogios ou desprezos. Às vezes, preocupo-me que você esteja querendo impressionar outros pastores. Isso não é preciso. Por causa de Jesus, sabemos que Deus já está satisfeito conosco.

Outro dia, observei-o no culto, sem paletó e gravata. Ninguém se chocou. Pelo contrário, sentimo-nos mais próximos de você. Incrível que nesses pequenos detalhes haja tanto significado. Gosto de vê-lo humano. Recordo-me com pormenores todas as vezes que você, sem temor, deixou-nos conhecer suas fraquezas. Ajudou-me a perceber que não luto sozinho contra a carne, o mundo e o diabo. Senti-me fortalecido em saber que somos parceiros de caminhada. Na verdade, eu andava cansado dos pastores que tentam projetar em suas congregações uma imagem de super-homens. Tenho pena dos evangelistas que, sem perceberem o ridículo, enxergam-se como semideuses. Será que não notam como é vaidosa essa moda de os pastores se darem títulos e a si mesmos se promoverem? Esqueceram que o discípulo não pode ser maior

que o Mestre? Apagaram da lembrança o dia em que a mãe de Tiago e João procurou um lugar de destaque para seus filhos? Diante de seu pedido, Jesus afirmou: "Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos." (Mt 20.25-28.) Dispense os títulos. Esteja sempre perto de nós, sua congregação. Aqui você será sempre amado sem precisar de máscara.

Quero, por último, agradecê-lo por seus sermões. Ouço o rádio e assisto à televisão com regularidade. Sei que não devo, mas faço minhas comparações. Acredito que há uma crise muito grande nos púlpitos evangélicos. Poucos se atrevem a pregar expositivamente as Escrituras. Na proliferação dos sermões tópicos, percebe-se a falta de zelo. Tenho reparado, ultimamente, que a maioria dos sermões rodopia no que Deus pode fazer pelas pessoas. Parece que muitos pastores perderam a noção da grandeza e majestade do Senhor. Apresentam-no como mero cumpridor dos caprichos humanos. Muito obrigado por seu esmero em nos dar todo o conselho de Deus. Suas pregações podem destoar, mas continue exaltando a Cristo. Ele atrairá as pessoas a si mesmo. Não caia na tentação de adocicar sua mensagem, tornando o evangelho apenas uma versão simplória da neurolingüística. A mensagem da cruz pode estar fora de moda, mas ainda é o poder de Deus para salvar todo o que crê.

Você tem honrado o conselho que Paulo deu a Timóteo: "prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar

ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério." (2 Tm 4.2-5.)

Daqui a cem anos escreverão a história de nossa geração. Nossa comunidade não terá alcançado a notoriedade de algumas igrejas mais famosas. Mas a vontade de Deus é que demos fruto e que nosso fruto permaneça. Não se preocupe. Caminhe de tal forma que você possa dizer no final de sua jornada: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé" (2 Tm 4.7). A história dirá o resto.

Conte comigo sempre.

Uma ovelha de seu rebanho.

As pessoas imaginam que por ser Deus eterno, a fé cristã nasceu pronta. Alguns remontam suas crenças como sendo as mesmas dos apóstolos ou dos primeiros cristãos. Alguns desprezam a história do cristianismo como se ela nada tivesse influenciado ou desenvolvido todo um corpo de dogmas e crenças que praticamos, mas que desconhecemos suas origens. Há uma grave crise de perspectiva histórica no meio cristão.

Ricardo Gondim é alguém que não parou no tempo. Sua visão de futuro e as demandas do presente nos encorajam a continuarmos nossa carreira cristã no seguimento de Jesus. Acreditando sempre na intertemporalidade da mensagem do evangelho, Gondim se joga corajosamente nesta empreitada: pensar as possibilidades da fé cristã.

O desafio é grande, a oposição é perversa, os defensores de uma falsa ortodoxia se engajam em cruzadas apologéticas como se o próprio Cristo estivesse em perigo. Mas a coragem é característica daqueles que se indentificaram com Jesus de Nazaré.

Eduardo de Proença

ISBN 978-85-[illegible]

www.fonteeditorial.com.br